

PON

Universidade Federal da Bahia
Escola de Dança
Programa de Pós-graduação
Profissional Em Dança – Prodan

TI



LHA

**Dançando
experiências humanas
em mundos desumanos**

Mônica Lira de Queiroz Trindade

DOS

Salvador • 2022

Mônica Lira de Queiroz Trindade

P.O.N.T.I.L.H.A.D.O.S
Dançando experiências humanas
em mundos desumanos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Pós-Graduação Profissional
em Dança, Universidade Federal da Bahia,
como requisito para qualificação,
com fins de obtenção do grau de Mestra em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Valentim Rocha

SALVADOR 2022

Trindade, Mônica Lira de Queiroz.

Pontilhados: dançando experiências humanas em mundos desumanos / Mônica Lira de Queiroz Trindade. - 2022.

150 f.: il.

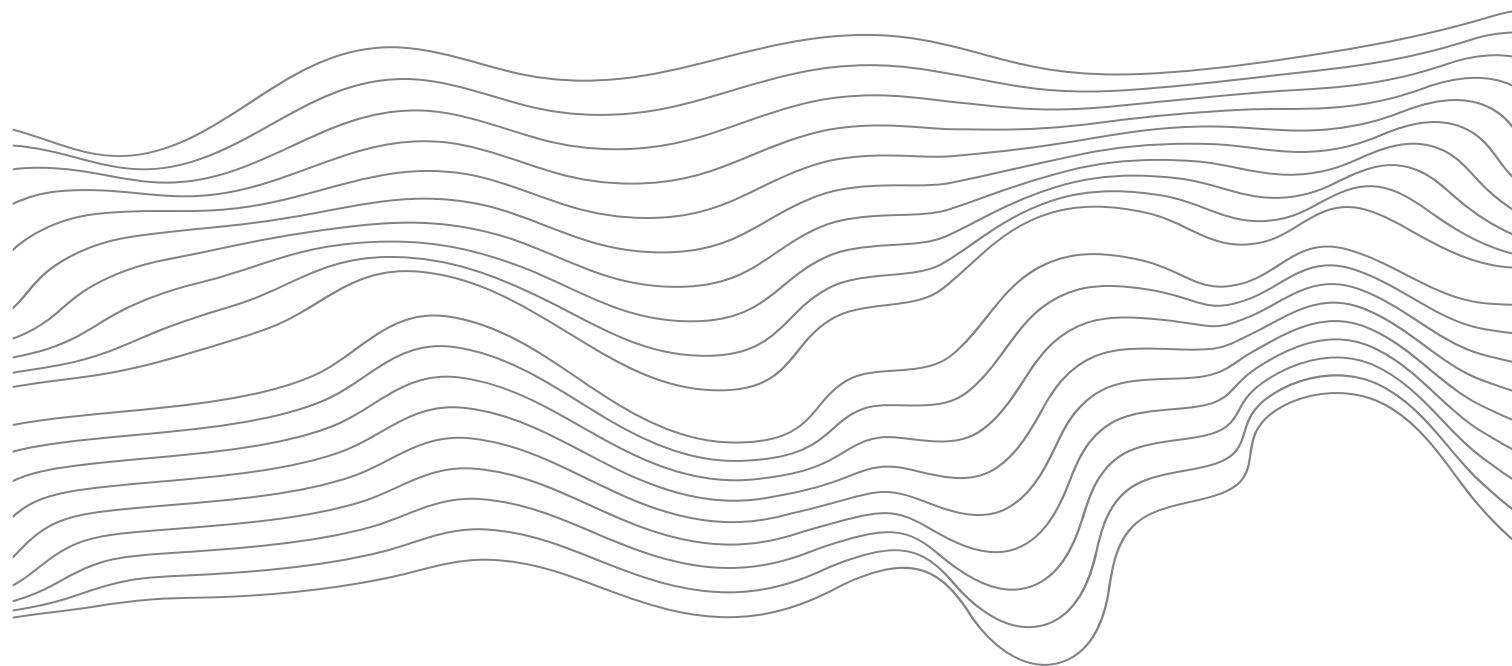
Orientador: Prof. Dr. Lucas Valentim Rocha.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2022.

1. Dança. 2. Dança - Aspectos sociais. 3. Arte e sociedade. 4. Movimento (Representação teatral). I. Rocha, Lucas Valentim. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3

CDU - 793.3



BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Lucas Valentim Rocha – orientador

Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Professora Dr^a Daniela Guimarães

Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Professora Dr^a Lenira Rengel

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP)
Universidade Federal da Bahia – UFBA



... "Eis-me pronta, feita de argila e alma de ferro. Todas as pedras que tentaram me lançar, desintegraram-se."¹⁰ Eis-me pronta para atravessar o mar, levando comigo a certeza da partilha e uma multidão de outros nomes... Maria, Madonna, Tereza...
Corpos que se fundem à história das pedras, vãos e desvãos.... Tudo efêmero, tudo passa, finito e imediato... Um olhar e outro olhar, um corpo e outro corpo, uma pedra e outra pedra, eu e você... (Erri de Luca e Silvia Góes. Texto final de Pontilhados, Recife/2018).

agradecimentos

À mulher, mãe, parteira, que me pariu e ainda hoje posso segurar na sua mão, Maria Glória Lira de Queiroz (Dona Lília). Uma costureira que sempre me vestiu com coração, pele e tecidos; te amo, mãe.

Ao meu companheiro e amor, Alberto Trindade (Beto), por acreditar, apoiar, acompanhar, iluminar meus moveres, por caminhar na vida e na arte sempre ao meu lado.

Aos meus amores e continuação de mim nesta vida, Rafaella Lira Trindade, por se deixar experimentar dançando numa parceria de sintonia e amor. Caio Lira Trindade, pela sensibilidade e por trabalhar junto nas produções e troca de aprendizados, por tanto amor e compreensão que recebo dos dois, ainda mais na caminhada dançante em nossas vidas, só gratidão.

Às minhas protetoras e mães d'água, Conceição e Iemanjá, por essas ilhas que andei me banhando durante a vida e as que ainda irei mergulhar.

Às mulheres que me inspiram na obra e hoje pontilham outros chãos: Dora, Zora, Tereza, Madona, Das Neves, Maria Degolada, todo respeito e admiração.

Ao Grupo Experimental (artistas, técnicos, produtores, parceiros e colaboradores) que construíram essas quase três décadas dançadas em bando, declarando amor ao Recife. Especialmente todes que pontilharam, criaram, entregando corpos, corpas e corpes nos chãos desse país, gratidão. Vocês compõem as ilhas humanas nesses arquipélagos de histórias.

Aos artistas que conheci/encontrei/dancei na UFBA, por fazerem parte desta construção: Adil Araújo, Cristiane Pinho, Camila Saraiva, Denny Neves, Jean Souza e Márcio Fidelis. Ao amigo Silvio Barreto que sempre colaborou e acompanhou esse processo.

A todes colegas da segunda turma do Mestrado Profissional em Dança (2020), professores e coordenação, pela escuta e parceria.

À professora doutora Gilsamara Moura, por me trazer para a universidade novamente e ter me acompanhado durante um tempo nessa caminhada. Ao Grupo Ágora –

Modos de ser em dança por todo aprendizado, experiência e troca nesses moveres, especialmente as líderes Márcia Mignac e Gilsamara Moura.

Minha parceria Sílvia Góes, amiga, atriz, poeta e dramaturgista junto comigo na obra Pontilhados. Gratidão por todo aprendizado e generosidade nesse mover poético.

Ao meu orientador, Lucas Valentim, professor, doutor, vice-coordenador do PRODAN e artista, pela dedicação, paciência, envolvimento, comprometimento, apoio e empenho nessa caminhada curta, porém intensa; muito obrigada.

Ao meu amigo e parceiro de muitas paisagens, o designer Carlos Moura, que dá outros movimentos para meu dançar desenhando outras coreografias imaginárias do coração.

À disponibilidade da banca, acompanhada por mulheres que admiro, Daniela Guimarães e Lenira Rengel, nessa leitura dançada e construída como um exercício de amor a cada pensamento e palavra.

Gratidão a Fátima Suarez pelo apoio na Jornada de Dança da Bahia. Lucas de Gal, músico baiano e parceiro no Prodan, por nos brindar com sua música pontilhada. Minha querida e amiga Cristiane Pinho, que deu corpo e alma a nossa poesia pontilhada em Salvador.

sumário

Pontilhando Pistas Iniciais 06

Arquipélago I 09

Ilha das memórias (Noronha | Eu | Recife) 10

Ilha Experimental (Grupo | Espaço | Vida) 12

Ilha das Ilhas (Trilogia Ilhados) 16

Arquipélago II 25

Ilha de Outras Paisagens (Salvador | Mestrado profissional em dança | Crise sanitária) 26

Ilha olhos envidraçados (semestre suplementar 2020) 32

Ilha solitária de mim (processos não programados) 34

Ilha das mulheridades (Gestos e memórias) 34

Ilha dos escombros (Dança do que sobrou) 35

Ilha dos enfins (éramos muitos, mas estávamos sóis) 38

Arquipélago III 42

Ilhas mares de confluências (Residência artística virtual) 43

Ilha Daqui (Pontilhando pelas telas o Recife) 50

Ilha de outras águas (Pontilhando e banhando Salvador) 53

Ilha do Pelourinho (Residência | Intervenção final) 58

P.O.N.T.I.L.H.A.D.O.S – dançando experiências humanas em mundos desumanos 65

Ilhas Anexas 66

Os Ratos não Estão no Porão (ANDA 2022) 66

Pontilhada por Elas (escrita para o Livro Ágora) 66

Modelo do design do memorial final 66

Arquipélago IV 67

Ilha de Guarás e Anus (pesquisa de Pontilhados em Garanhuns/PE) 68

Ilha das sete colinas (cidade do Cristo Magano) 69

Arquipélago V 72

Ilhas do Recife (Pontilhados no bairro do Recife Antigo – 2016; Pontilhados no Pátio de São Pedro – 2019) 73

Ilha de POA (Pontilhados – intervenções humanas em ambientes urbanos; Centro Histórico de Porto Alegre – 2018) 79

Ilha de SAMPA (Pontilhados – intervenções humanas em ambientes urbanos; Centro Histórico de São Paulo – 2018) 82

Ilha Salvador (Pontilhados – pistas para uma dramaturgia no Centro Histórico de Salvador/Pelourinho – 2021) 85

Ilha Garanhuns (Pontilhados – intervenções humanas em ambientes urbanos – 2022) 88

Pontilhando pistas iniciais

Nesta vida/dança que se confunde com outras ações que o corpo realiza, trago em mim a sensação de sempre ter dançado por todo o tempo. Para mim, dança extrapola o que dela mesmo nasce, o movimento dançado. É bem verdade, que desse movimento partiu tudo, e só cheguei aqui porque um dia tive a oportunidade de fazer minha primeira aula de dança. Sim, percorri meio século de vida dançando, me realizei em torno de absolutamente tudo que fosse resultar em dança, na criação de obras.

Esta obra que apresento aqui pode não parecer uma dança, mas quando falamos, pensamos ou escrevemos dança, dançamos de outras maneiras. Assim, apresento ***Pontilhados – dançando experiências humanas em mundos desumanos***. Parte da conclusão do Mestrado Profissional em Dança (PRODAN/UFBA), iniciado em 2020. Na linha de pesquisa *Experiências artísticas, produção e gestão em dança*. Componho também com a escrita do artigo: Os ratos não estão no porão – pontilhando atalhos – sobre corpos e territórios roubados. E o texto Pontilhada por Elas, para o Livro *Ágora – modos de ser em dança*, v. 4.

Considero ainda a própria defesa do mestrado, uma intervenção artística da obra *Pontilhados – intervenções humanas em ambientes urbanos*, na qual pretendo reunir algumas imagens das cidades por onde o trabalho passou, com a ideia de friccionar essa memória recente atravessada por uma escrita, em reverberações com os corpos de agora.

Neste memorial reuni parte de uma vida dedicada à dança. De um nascer ilhada, à sensibilidade e o desejo de se conectar com o mundo através do movimento dançado. Nascemos dança, crescemos dança e, quem sabe, após a morte permaneceremos dançando. Depois de alguns anos nessa coreografia, uma experiência de quase resgate do sensível, entendendo que esse é um exercício diário deste mundo em regeneração. Hoje, escrevo sobre minhas reconexões com as ilhas que me constituem, discorro nestas páginas coreografando epistemologias de arquipélagos dançados. Em cada arquipélago, as ilhas foram se delineando como ensaios de uma dança. Uma escrita entre águas, ou mesmo, na própria fluidez do nosso corpo, composto por 70% de água. Assim como o planeta Terra também é composto por cerca de 70% de águas doces e salgadas que nos banham e nos conectam.

Pelos tantos pontos que são ressaltados no memorial, as ilhas aqui desenhadas precisavam ser aguadas por insulares, ora com textos poéticos, ora filosóficos, acadêmicos ou sociológicos, com os quais convoco os autores para molharem e refrescarem meus pensamentos. Ainda apresento

depoimentos de artistas que vivenciaram a experiência em Salvador, público das cidades que visitamos com a obra de dança Pontilhados, além de músicas e escritas dos roteiros coreográficos. Os Insulares foram, no decorrer da escrita, ganhando espaço, relacionando, compondo, criando semelhanças e particularidades com os assuntos das ilhas.

Desejo uma boa travessia.

PON TI LHA DOS



Dançando
experiências humanas
em mundos desumanos

AR

QUI

PÉ

LA

GO



Ilha das memórias (Noronha I Eu I Recife)

Nasci em uma ilha no meio do oceano Atlântico. Noronha foi um paraíso prisional durante alguns anos, e também base militar, onde as crianças que não eram filhas de militares, como eu, eram discriminadas. As águas salgadas sempre banharam meu corpo. Muitos silêncios vivenciados. Não poder viver o que outras crianças podiam, até o direito à educação, não poder escolher o alimento, onde e com quem brincar. Desde muito cedo percebi que o meu mundo era dividido; no caso de Noronha, em dois: civis e militares. Talvez por não me conformar com isso, cresci sempre querendo reunir as pessoas, juntar principalmente quem “não podia ou não era permitido” se misturar. Sempre me dediquei a reunir, agrupar, agregar, misturar as pessoas. No contexto onde me encontrava, antes de chegar no mestrado em dança, já habitava outro território no Recife, em outra ilha, preenchida por muitas pessoas, ruas, pontes, calçadas, pátios, paralelepípedos, largos, praças, asfaltos. Território habitado por gente-animais e animais-gente em situação de rua, prédios, bancos, igrejas, poderes e apodrecimentos humanos. Sou desse lugar, do nordeste brasileiro. Aqui onde a dança parecia ser marcada por um DNA da periferia. Somos filhas de quem? Nascidas de qual útero? Construídas por quem?

Voltemos à Ilha de Fernando de Noronha; nasci numa situação no mínimo delicada e perigosa, derradeira filha da família. Minha mãe era a única parteira da Ilha, onde só chegava um médico especialista uma vez por mês. Dona Lília (minha mãe) fez um curso de parteira para ajudar no nascimento das crianças daquela época, 1964. A parteira, com 30 anos de idade, precisou passar por um procedimento caseiro, sendo auxiliada por uma vizinha que recebia instruções de como proceder para realizar meu parto. Não tinha avião para levar minha mãe e eu para Natal (RN), a cidade mais próxima. Visitei esse mundo pela primeira vez ao mesmo tempo que minha mãe corria risco de vida, mas nós duas vencemos, sobrevivemos. Nasci do ventre dessa mulher guerreira, corajosa, que também vestia as pessoas da ilha costurando. Além de fazer os partos das mulheres dos militares. Enquanto isso, meu pai trabalhava no escritório de Noronha (Sr. Alfredo), que também resolveu criar um banco dentro da nossa casa para cuidar do dinheiro dos ilhéus; não existia banco na ilha, e ele guardava tudo num guarda-roupa com várias gavetas onde os moradores confiavam suas economias. Eu e mais três irmãos e uma irmã, uma família cheia de dignidade e honestidade, que se preocupava com o próximo, porém cercada de injustiças e discriminações num território onde tudo era proibido.

Chegamos em Recife; eu tinha seis anos e só nesse momento comecei a frequentar uma escola, mas já sabia ler e escrever, minha mãe me alfabetizou. Na ilha não podia frequentar a escola, tinha uma grave doença nos pés e não conseguia calçar sapatos; sem sapatos não podia ir à escola. Logo, muito

pequena aqui no Recife, minha mãe me colocou para dançar. Desde então, sabia que queria dançar pelo resto da minha vida.

No mar dessa escrita, para não me sentir tão solitária e insegura, convidei outras pessoas para falarem comigo; são poesias, teorias e depoimentos que escolhi pontilhar este memorial como insulares. São questionamentos, devaneios e argumentos que me (des)organizam. Inspiração, aproximação de um dançar/nadar em palavras, na busca de encontrar outras poéticas nesse caminhar entre águas, areias, mares e rios.

Insular 1

Somos filhos da época, e a época é política. Todas as tuas, nossas, vossas coisas, diurnas e noturnas são coisas políticas. Querendo ou não querendo, teus genes têm um passado político, tua pele, um matiz político, teus olhos, um aspecto político. O que diz tem ressonância, o que silencia tem um eco de um jeito ou de outro, político. Até caminhando e cantando a canção você dá passos políticos sobre um solo político. Versos apolíticos também são políticos, e no alto a lua ilumina com o brilho já pouco lunar. Ser ou não ser, eis a questão. Qual questão, me dirão. Uma questão política. Não precisas nem mesmo ser gente para ter significado político. Basta ser petróleo bruto ou matéria reciclável. Ou mesa de conferência cuja forma se discutia por meses a fio: deve-se arbitrar sobre a vida e a morte numa mesa redonda ou quadrada. Enquanto isso matavam-se os homens, morriam os animais, ardiavam as casas, ficavam ermos os campos, como em épocas passadas e menos políticas (SZYMBORSKA, 2011, p. 77).

Insular 2

Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade, que é o entendimento do corpo; e o da inteligência, que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede; procure ser árvore (BARROS, 1990, p. 212).

Ilha Experimental (Grupo I Espaço I Vida)

Foram quase três décadas coordenando, empreendendo, gerenciando, dando aula, coreografando, dirigindo, criando, dançando, pensando, aprendendo, aprendendo, aprendendo... aprendendo sobre como manter um grupo de dança atuante no Recife. Sim, eu vivi isso, eu tornei o sonho realidade, com muitas pessoas à minha volta. Entre tantas relações vividas, e sem esquecer das fraturas desses fazeres coletivos, mesmo assim segui! E como aprendi com cada pessoa que passou por mim. Vimos o século mudar, somos do século passado. Imagine a evolução que pude acompanhar e viver, a cada década uma experiência nova e desafiadora. Mas neste momento sinto que não sei mais conviver com tantas pessoas diferentes; os tempos e as importâncias desses tempos mudaram. Lutamos pela sobrevivência da dança, não só a nossa, mas a de nossa aldeia. Estivemos nas dificuldades dançando diariamente o que escolhemos acreditar, mas a busca atual vai na contramão do que acredito e quero viver!

Insular 3

Hoje, a sobrevivência é absolutizada, como se nos encontrássemos em um estado permanente de guerra (HAN, 2021, p. 33).

A sociedade da sobrevivência perde inteiramente o sentido para a boa vida (HAN, 2021, p. 34).

Deve-se opor à luta pela sobrevivência o cuidado pela boa vida. A sociedade dominada pela histeria da sobrevivência é uma sociedade dos mortos-vivos. Estamos vivos demais para viver (HAN, 2021, p. 38).

A arte de sofrer a dor se perdeu inteiramente para nós (HAN, 2021, p. 41).

A dor sem sentido é possível apenas em uma vida nua esvaziada de sentido, que não narra mais (HAN, 2021, p. 48).

O corpo disciplinado, que tem de repelir muitas das dores vindas de fora, é pobre de sensibilidade (HAN, 2021, p. 49).

O Grupo Experimental – foi criado em 1993, na cidade do Recife/PE. Como o próprio nome já diz, queríamos experimentar outras formas de composição em dança; nada planejado. Quatro jovens: Mônica Lira, Sonaly Macêdo, Ivan Dantas e Renata Lisboa. Nossa primeira apresentação foi num jantar na noite de Natal, dia 24 de dezembro, num hotel luxuoso da cidade de Olinda. Naquela noite tivemos a participação do artista Jorge Garcia, que é pernambucano mas reside em São Paulo. Ninguém naquele jantar estava interessado em olhar para nosso dançar, as pessoas queriam comer, beber e confraternizar; assim começou nossa história! Nesses quase 30 anos, temos no nosso repertório mais de 20 obras, quase como uma crônica da cidade dançada do Recife. O experimental sendo corpo na cidade e dando corpo a ela.

Desaguamos um dançar com identidade, um mover que se construiu diariamente, em aulas, experimentos, ensaios, partituras compostas, rabiscos coreográficos, laboratórios falidos e outros incorporados. Em algumas dramaturgias percorremos os manguezais e seus caranguejos com Chico Science, que não mais existia entre nós; **Zambo** (1997) permanecia. Tantas pessoas, artistas potentes que se deixaram mover nesses mares turbulentos e, por vezes, calmos. Descobertas sempre coletivas e aprendizados partilhados. Nossas águas subiram morro, como esguichos no mar de fora, uma força que move a fé de um povo; dançamos **Conceição** (2007) até a boca da alma cantar, como já dizia nosso poeta Lula Queiroga. Pegamos carona no **Barro-macaxeira** (2001), chegando na comunidade para dançar **Breguetu** (2015) em qualquer beco da cidade. Na praia da Boa Viagem, dançamos do glamour à decadência das elites recifenses; na arquitetura do Holiday dançamos **Quincunce** (2000), 476 apartamentos, todos de frente para o mar. Também conversamos dançando por 13 comunidades, os nossos verdadeiros **Postais do Recife** (2005). O cinema com Dora, ela, a meretriz mais querida e protagonista de **Lúmen** (2002), até sua despedida e volta para pontilhar nosso chão que também foi dela por toda uma vida, enquanto viva!

Para acessar o site com mais detalhes sobre o grupo, acesse <https://www.grupoexperimentalrecife.com/>. Lá é partilhada a trajetória e a memória do Grupo Experimental.

Estava cercada de artistas incríveis, gerações de um dançar de mundos possíveis. E essas possibilidades foram mudando, o diálogo parecia cada vez mais distante, não tinha como discordar. As águas que banham nossas praias hoje são muito diferentes. Devo continuar fazendo dança, estando na dança, aprendendo com ela, ensinando algo que aprendi, mas o arquipélago sofreu as variações desse tempo. Continuo de uma outra forma, numa outra perspectiva, ocupando outras embarcações. Depois de criar, dividir criações, convidar criadores, construir um repertório, o que se apresenta é uma dança descaminhada, à deriva, sem endereço e, possivelmente, sem documento.

O espaço experimental – Construí uma história que transpassou a vida de várias gerações de pessoas: artistas maravilhosas, professoras, alunas, técnicas e produtoras. Criei um projeto social e o mantive durante dez anos. Quase 600 jovens passaram por lá fazendo aulas, criando e aprendendo dança. Além do nosso projeto de capacitação Reciclarte, com seis edições. Iniciamos sem um espaço próprio, como a maioria dos grupos independentes do país; ensaiávamos alugando salas nas escolas de dança do Recife. Até que, em 1997, o Grupo Experimental passa a ocupar o Teatro Experimental, que depois se

transformaria no Teatro Hermilo Borba Filho; naquela época, um galpão abandonado cheio de entulhos. Em comum acordo com o secretário de cultura da época, Raul Henry, nos foi cedido, temporariamente, o galpão. Nesse espaço, o grupo estreia sua primeira obra e um marco na cidade, o espetáculo Zambo, uma pesquisa no movimento manguebeat; ali começaríamos nossa história mais autoral. Em 2000, o teatro recebe um grande investimento para ser reformado, precisamos sair rapidamente. Dali, fomos ocupar o prédio abandonado do Cais da Alfândega, onde ficamos apenas um ano, pois também iria passar por uma grande reforma para virar o Shopping Paço Alfândega; fomos praticamente expulsos. À base de pressão e muita negociação, conseguimos que a Santa Casa de Misericórdia nos oferecesse um outro espaço para ocuparmos, e assim poderíamos continuar com nosso trabalho; foi quando finalmente chegamos à Rua Tomazina, 1º andar. Tínhamos, agora, nosso Espaço Experimental. Nesse prédio ficamos por 18 anos, até receber um comunicado da imobiliária para sairmos imediatamente, precisavam reformar com a máxima urgência. Tivemos que entregar em 15 dias, prometendo que retornaríamos em 3 meses; já se foram 4 anos. Fomos humilhadas pelos homens que comandavam naquela época a Santa Casa, a pior experiência da vida... Nunca mais voltamos para nossa casa. Em 2018 nossa dança foi cuspidada pelos poderes da Igreja. Colocada para fora de um lugar que era aconchego, segurança, força. Uma casa composta de pessoas, ideias, desejos, criatividade, sonhos e muito movimento de dança. Como lembrança do que ficou, segue uma entrevista que dei um pouco antes de precisar sair do prédio: https://www.youtube.com/watch?v=_IJP8yLcNB0; https://www.terramagazine.com.br/revista/app_ed_45_terra.pdf (p. 14)

Insular 4

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma bênção estranha, como ter a loucura sem ser doída. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo (LISPECTOR, 2019, p. 109).

A vida – Ao ser lançada, arrancada, tirada, capturada de casa, pude criar um olhar distanciado e me perceber emaranhada em outras tantas pessoas. Fui, de certa forma, também expelida da vida delas. Nesse tempo de agora, se quiséssemos voltar para casa, não teríamos como. Ao meu lado corpos, corpos e corpos, pessoas, construíram uma dança Experimental. Ao longo dessas quase três décadas, sempre me senti andando em bando, misturando gentes, como a água do mar mistura as areias da praia. Um movimento de ir e vir, mas em cada retorno já é nova água e outras areias. E nesse balançar

das ondas humanas, a força do mover em dança seguiu um fluxo, em criações compartilhadas e colaborativas. Dissensos. Nem sempre os esforços são entendidos. Quem realmente se doa pela arte? Foi e é uma história feita a muitas mãos, construímos uma dança artesanal. O movimento tátil de construir corpos-em-arte. Nessa dança experimental, o movimento é corpo que constrói o artesanato do mover. Acredito que somos desse lugar rústico, autoral, sofisticado, produzindo uma identidade que naquele momento nem percebíamos. Somos essa história preenchida de vidas, nada morreu completamente. Mas, naquele momento em que perdemos a casa, nosso abrigo, onde confluíam e desaguavam muitos saberes, tudo se dissolveu, escorreu pela escadaria até chegar na Tomazina. As luzes agora só viriam de fora, pelas frechas das janelas do Espaço Experimental. Precisei voltar ao mundo real, nessa lucidez perigosa.

Insular 5

Estou sentindo uma clareza tão grande que me anula como pessoa atual e comum: É uma lucidez vazia, como explicar? Assim como um cálculo matemático perfeito do qual, no entanto, não se precise. Estou por assim dizer vendo claramente o vazio. E nem entendo aquilo que entendo: pois estou infinitamente maior do que eu mesma, e não me alcanço. Além do quê: que faço dessa lucidez? Sei também que essa minha lucidez pode se tornar inferno humano – já me aconteceu antes. Pois sei que – em termos de nossa diária e permanente resignação à irrealidade – essa clareza de realidade é um risco (LISPECTOR, 2019, p. 47).

A realidade continuava posta na minha frente, diariamente. Entre os meus, entre os que não eram meus, entre os seus. Um buraco social que se abria cada vez mais, quem poderia segurar nas mãos de quem está prestes a cair? Acredito que essa dança experimental conseguiu segurar firme em algumas mãos, outras escapuliram. Às vezes não podíamos nem segurar nossas próprias mãos e tivemos que soltar. Ou quando percebemos, já tinham escorrido feito água por entre os dedos. O que sobrava era o vazio, a incapacidade de fazer melhor; ainda é pouco, muito pouco, nunca fizemos nada. Sonhar coletivamente sempre foi uma utopia, mas junto do querer vem a persistência, teimosia, resiliência, e segui nessa construção. Foi ficando, cada vez mais, um querer e uma luta solitária.

Insular 6

O dispositivo de felicidade individualiza o ser humano e leva à despolitização e à dessolidarização da sociedade. Cada um tem que cuidar da própria felicidade. Ela se torna um assunto privado. Também o sofrimento é interpretado como resultado do próprio fracasso. Assim há, em vez de revolução, depressão. Enquanto buscamos curar nossa própria alma, perdemos de vista os contextos sociais que levam a rejeições sociais. Se medos e incertezas nos assolam, responsabilizamos não a sociedade, mas nós mesmos por isso. O fermento da revolução é, porém, a dor sentida em comum (HAN, 2021, p. 30).



ilha das ilhas (trilogia ilhados)

Em 2010, fomos estudar a relação das ilhas, inicialmente a partir da minha própria história: nasci numa ilha e fui trabalhar em outra ilha. Trazendo, a partir daí, as tantas outras ilhas impregnadas em nós experimentais. Estudamos nossa memória, refletimos sobre o corpo no território ilha, bairro que habitávamos no Recife Antigo. As relações entre sentirem-se ilhados dentro de uma ilha no meio do oceano. E a ilha no continente. Juntos, fomos ao território do meu nascimento, Fernando de Noronha, mais de 15 pessoas, sempre em bando, para conhecer outra forma de se sentir ilhado, entrevistar pessoas, dar aulas e dançar para a comunidade. Até ali era só uma pesquisa, conseguimos realizar com um prêmio Funarte. O Grupo sempre foi minha família, estávamos naquela ilha em mais de 15 artistas, meus filhos e companheiro. Estava tendo oportunidade de apresentar minha infância, a casa que nasci, alguns amigos que restaram da minha família; esses mesmos conhecidos nos viram dançar e nos deram entrevistas. Quando retornamos ao Recife, passado um tempo, senti a necessidade de reforçar essas pontes de afetos, criar uma dança que me reconhecesse e me aproximasse ainda mais desses afetos.

ILHADOS - encontrando as pontes (2010)

Dois corpos, dois momentos e muitas pontes para aproximar ou separar o que de fato precisa. Reconhecer essa ilha em intimidades e amores, ligações umbilicais, sanguíneas, as pulsações de corações que habitaram o mesmo mar, a mesma ilha. No encontro com as pontes, os sons, os cheiros, os sabores e saberes ancestrais. Tesouros únicos, as pérolas raras que guardei ilhadas sabem tudo de mim, de nós. E agora fazem-se pontes para nos dizer. Estamos ilhadas, somos ponte-ilhadas. E quando a ponte se faz, a pergunta chega: o que você vai trazer da ilha? É urgente desaguar para saber-se ilha, saber ser ilha!

Uma obra de intimidades, em que pude dançar com parte de mim mesma, quando a maternidade nos chega e de nós nasce uma vida, é uma parte nossa que se faz no mundo. Dançamos eu e minha filha (Rafaella Trindade) esse desaguar de sentimentos e memórias, uma dança familiar, em que também nos movemos às luzes do companheiro Beto Trindade, que ao meu lado me ajudou a dar cria às duas vidas que nasceram de nós, Rafaella e Caio, de criações humanas, artísticas e muita intimidade; ouvimos através das conchas nossos sons, nossas falas, nesse eco de amor e cumplicidade. Os sons das conchas se multiplicavam nos tambores de Tarcísio Resende. Aqui se iniciava o rascunho de uma trilogia que chegava sem que percebêssemos.

Compart-ILHADOS (2013)

Fomos todos noronhenses nesse dançar; o segundo momento da trilogia é uma contação de histórias através de várias vozes e corpos. Deixando emergir a trama de uma história pessoal, corpos se tornam a memória coletiva desta obra coreográfica, partilhando momentos e traduzindo experiências. Os intérpretes se deslocam no espaço-tempo, atravessando épocas, conectando falas de uma infância passada numa realidade repressiva, em um lugar geograficamente delimitado e cerceado por regras e limites.

Relatos de um povo ilhado, mergulhado em seu mar interior revoltado de memórias e sonhos, que se depara com o limite do seu mar de fora. Como o corpo pode mostrar todo esse movimento de águas? Olhar o paraíso e suas belezas, muitas vezes embutidas na face e no coração dos seus protagonistas, desvelando uma intimidade de lembranças, experiências, alegrias, tristezas, ideias, medos, dores... Uma fala muda de muitos de nós: Todos "Compartilhados". Release da obra por Christiane Galdino.

Sempre tive dificuldade de escrever sobre alguns temas, principalmente falar das minhas obras, escrever sobre elas é um mergulho num mar interno onde uma revolução de sentimentos e pulsações me desestabilizam. Nossas escritas desde muito tempo foram construídas por pessoas parceiras e queridas. Hoje me arrisco nesse exercício exaustivo, quase como dançar sem parar, uma coreografia construída de saltos, quedas, onde o chão não era com águas suaves, mas, sim, um chão com muitas imperfeições e durezas; nessa dança também corria muito, às vezes de mim mesma!

Pont-ILHADOS (2016)

Chegamos em nossa ilha/território, o Recife Antigo. Queria dançar nosso chão, que foi construído em cima d'água. Somos compostas de aterramentos, bancos de areias pontilhados nos mapas que contam a formação da nossa ilha. Comecei então a pensar em como mover uma dança que, de fato, apresentasse à sociedade algumas durezas e realidades deste tempo de agora, sem esquecer os que pisaram antes de nós nesse solo. Tocar no sensível através de uma experiência sensorial; observar, ampliar e aproximar dessas realidades cruéis que lá estavam diariamente e nunca prestávamos atenção. Um passeio dançante pelo bairro/ilha do Recife Antigo, onde o público acompanhava o trajeto ouvindo através de fones individuais uma trilha composta de músicas, poesias, depoimentos e textos

criados para o espetáculo. Um percurso ensaiado e cronometrado com o caminhar do público, no mesmo momento que os artistas dançavam pelas ruas da cidade sem acessar essa trilha. Eles se moviam a partir do exercício de estudar uma música, criar em cima dela, mas que de repente ela se perdesse, se calasse e tudo era o som das cidades.

Insular 7

Um desafio que surge da necessidade de construir algo em um tempo que urge, passeando, trocando, sentindo, se atravessando. E qual o ponto mais alto dessa experiência? Sentir o humano que revisita o seu lugar, sua gente, suas construções, bens imateriais e materiais, para que com isso possa se inquietar. Até que em seu processo intrínseco possa criar em si outra perspectiva do agora, de si mesmo, da cidade, de tudo que o cerca e lhe provoca a existir e resistir (CARIAS, Danilo. Colaborador/ produtor do grupo entre os anos de 2016 e 2020; este texto foi cedido).

Na verdade, o trabalho mais importante para mim era poder trocar dançando com as pessoas que circulavam todos os dias no bairro, trabalhadores, transeuntes, moradores, motoristas, ambulantes, pessoas em situação de rua, religiosos, flanelinhas, comerciantes, bancários. O passeio dançado acontecia ao final da tarde para poder absorver as pessoas que por ali, assim como nós, passavam a maior parte do dia. Como praticamente se vive num lugar, mesmo que seja para trabalhar, e não se observa o mundo em volta!? Convidei Silvia Góes para dividir a dramaturgia comigo, eu com os corpos em dança, ela com os corpos palavras. Ainda tivemos um núcleo de artistas colaboradores da cena comigo: Lilli Rocha e Iara Izidoro (Iara passou por uma transição, e hoje é uma mulher trans, na época se chamava Jorge Kildery). Todo o elenco participou colaborando como criadores das cenas.

Insular 8

Lembro muito do dia que "vi/vivi" Pontilhados. Dados os desencontros de agenda, aquele sábado era minha única chance de assistir. Mas justo naquele dia, a chuva ameaçava adiar esse encontro. Do lado de cá, aceitamos a espera, suplicamos aos céus, à produção e ao elenco. Do lado de lá, os intérpretes também disseram sim, e saímos juntos no primeiro estio para viver essa experiência. À medida que a gente caminhava pelas ruas ainda molhadas do bairro do Recife, as cenas iam "aparecendo" como se emergissem da nossa memória. Pontilhados ia acendendo a memória daquele corpo-cidade feito de tantas anônimas histórias, a cada cena. E mesmo sem dançar, me senti em pleno movimento nos corpos daqueles intérpretes, e mergulhei em cada emoção. Pontilhados falava dos outros, dos invisíveis, mas, ao mesmo tempo, falava de mim, tornando visível o que antes ficava só nas entrelinhas. Foi uma experiência incrível participar de um projeto como esse (Christiane Galdino, 2022. Artista/pesquisadora da dança, depoimento enquanto público, mora na cidade de Olinda/PE).

Insular 9

Quando assisti P.O.N.T.I.L.H.A.D.O.S, eu lembro muito da sensação de ver uma cidade abandonada, ruas que não acolhem mais as pessoas, de ter passado por alguns lugares que servem apenas em momentos muito pontuais na cidade, como carnaval ou

alguma situação excepcionalmente turística. Ter visto também a inclusão e a referência às pessoas em situação de rua e animais de rua no espetáculo me causaram um profundo sentimento de estar entre ruínas, de um passado triste e de um presente decadente. Me causou também muita revolta saber da situação de tantos espaços culturais que existiram ali no bairro do Recife Antigo (incluindo o Espaço Experimental) e que acabaram sendo expulsos de um lugar que poderia estar tão vivo e potente para a produção artística e cultural do Recife. Em algumas cenas do espetáculo, tive também a impressão de ver zumbis perambulando pelo bairro, num misto de assombração e apocalipse. Deambular com P.O.N.T.I.L.H.A.D.O.S pelas ruas do Recife Antigo evidenciou uma arquitetura colonial em volta tão imponente, mas em destroços, ao lado de uma busca por gentrificação do bairro, num desejo de ser shopping e numa repulsa pelas classes populares (Marcelo Sena, 2022. Artista da dança, diretor da Cia. Etc. em Jaboatão dos Guararapes/PE).

Insular 10

Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é previsível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar, nem "pré-ver", nem "pré-dizer" (LARROSA, 2002, p. 20).

Ilha Pontilhados – intervenções humanas em ambientes urbanos (2018)

A obra constrói seu próprio percurso. O que parecia uma obra localizada e situada no Recife Antigo, impossível de ocupar outras ruas/palcos de realidades deste Brasil extenso, tão lindo e feio ao mesmo tempo, tomou outras proporções. As loucuras humanas são as melhores sensações que podemos levar deste mundo, quando nos permitimos vivê-las. Uma aposta inicialmente solitária, sem muito crédito dos que me acompanhavam naquele momento, é sempre mais potente quando acreditamos juntos, e assim foi; sempre entendi que ser artista é apostar nas incertezas. Conseguimos circular por outras duas cidades do Brasil através do edital Rumos do Itaú Cultural: Porto Alegre e São Paulo. Nos deparamos com algumas perguntas: como propor diálogos entre três metrópoles/cidades? Viajaríamos com o mesmo sentimento de todas as viagens: conhecer os lugares, pessoas, histórias humanas e desumanas.

Já conhecia as duas cidades; quando propomos ao edital a construção desses trabalhos, tinha a ideia inicial de passar pelas cinco regiões para conhecer ou reconhecer esses brasis de tantas humanidades postas. Mas seria impossível financeiramente, então optamos por três regiões: Nordeste (Bahia), Sudeste (São Paulo) e Sul (Rio Grande do Sul). Sim, tínhamos proposto dialogar com Salvador, mas ao ser aprovado o projeto, uma pessoa da equipe se reuniu comigo para saber a possibilidade de tirarmos uma cidade, pois o projeto estava ultrapassando os valores, e naquele momento sugeriram tirar

Salvador. Tal seleção se deu por entenderem que estamos mais próximos e que poderíamos realizar depois, por intermédio de outras parcerias e apoios. Aqui estou eu, em 2020/2021/2022, vivendo Salvador como forma de pistas para uma possível criação no futuro, mas na tentativa de escrever sobre esses arranjos artísticos que vivi com essa obra!

Assim, seguimos nessa viagem desbravadora de conhecer e mergulhar em duas cidades que não tinham mar/praias nas capitais/cidades escolhidas, mas cidades com aterramentos e rios que possibilitavam esse fluxo criativo de encontros de ilhas. Pontilhadas e povoadas de gentes, a humanidade que habitava mais fortemente na obra. A estrutura metodológica de Pontilhados acontecia sempre da mesma forma: eu e Silvinha viajávamos antes, uns dois meses, para fazermos a pesquisa de campo, determinar um primeiro percurso, mas principalmente reconhecer as parcerias que precisaríamos para iniciar este diálogo. Sempre convidávamos um artista local para auxiliar, contar, caminhar com a gente, e que também nos recebesse/acolhesse nesse território que não nos pertencia. Éramos estrangeiras dentro do nosso próprio país, propondo conversas sobre nossas cidades, nosso dançar, nossa gente, construir uma narrativa muito respeitosa, cuidadosa e honesta, para falar de algo que não nos pertencia, mas nos interessava; pedíamos licença para entrar, chegar e sentar na sala de cada casa/lugar.

Por último, a dramaturgia sempre composta de nosso Recife, de nossos corpos, de nossas memórias; algumas estruturas coreográficas permaneciam. E após o encontro com outros contextos, as acomodações se davam, como uma grande casa maternal que acolhe para escuta e aprendizado. Uma dança escrita e entrelaçada em nossas mazelas brasileiras. Músicas e poesias de cada localidade, valorizando artistas reconhecidos e anônimos, um mosaico de conchas num mar imaginário que banha os asfaltos reais de tantas pessoas. Recife abraçando outras ilhas e arquipélagos deste mar tão grande chamado Brasil. A voz que narrava o áudio tinha o sotaque daquelas metrópoles; sempre convidávamos uma atriz local para trazer essa cor, cheiro, gosto, identidade e cultura tão característica e própria de cada cidade. A voz sempre feminina; sim, Pontilhados deveria se chamar "Pontilhadas". A cidade é feminina, onde vivem e moram seus filhos e filhas, num útero imenso, mas nem sempre acolhedor e protetor, afinal, estamos falando de humanidades. A nossa noiva/prostituta/meretriz/rapariga/puta é uma personagem que sempre nos acompanhou, ela era a representação da nossa amiga Dora, indo encontrar com outras como ela.

Ao chegar finalmente para compor a obra, já estávamos com os textos dramaturgicos praticamente prontos, já sabíamos a atriz que gravaria as falas e enviávamos para ela com muita antecedência, para ir estudando e transformando em corpo essa voz que guia o nosso passeio. Finalmente chegava na cidade com uma primeira equipe, iniciávamos uma residência artística de 10 dias corridos com uma carga horária de 5h diárias, em que trabalhávamos com 20 artistas locais, não só da área de dança, mas que tivessem uma pesquisa de corpo. Ao final, era para selecionar no máximo oito artistas que receberiam para participar, mas simplesmente não consegui, colocamos todas as pessoas das duas cidades. Não conseguia escolher; com um acordo com todo o elenco, dividíamos a grana.

Seguem os links dos trabalhos nesses contextos:
(teaser Pontilhados Recife | POA | São Paulo); (Pontilhados Itaú).



Recife



Porto Alegre



São Paulo

Trago aqui alguns encontros, conversas, falas, abordagens, diálogos de ruas, histórias de gentes, de ventres; de um lado a outro do país, a miserabilidade nos mostrando o quanto somos cruéis:

“Está vendo aquele rapaz ali na calçada, todo encolhido por causa do frio; algumas pessoas dizem que ele fede muito a xixi, contaram que ele fica urinando durante a noite para se aquecer do frio por alguns instantes, já que a urina sai quente.”

“Nessa praça, onde as pessoas vêm passear com seus cães de estimação para que possam fazer as necessidades, os bichinhos sempre chegam agasalhados. Dividem o mesmo espaço da praça com pessoas que ali moram, e morrem de frio por não terem agasalho suficiente em dias muito gelados.”

“Calma, moça, não tenha medo, não vou lhe fazer mal, estou apenas precisando de algo pra comer, se puder me ajudar. Sabe, dona, por debaixo dessas roupas eu sinto bichos andarem pelo meu corpo, me mordendo a pele, nem sei a última vez que tomei um banho, será que pode me alimentar?”

“Será que posso conversar com você? Eu morava com uma família, uma mulher me pegou pra criar, mas ela me batia todos os dias e eu fugi, hoje ando pelo mundo, perambulando e só como quando me dão; nunca deixe sua mãe, zele por ela, cuide dela, isso é muito importante. Obrigada por conversar comigo e me escutar.”

“Não quero que me dê dinheiro, na verdade eu vou lhe dar um presente, esse cinzeiro foi feito por mim, sou artesão, olha aqui meu documento. Sou um artista e trabalhador, já moro na rua há mais de 20 anos, e gosto de morar aqui!”

Vivemos em tempos em que a felicidade anda solitária, cada um busca a sua. Nessa lógica de mundo capitalista, deixamos de sonhar coletivamente. A busca pelo meu próprio bem-estar diz respeito a estar perto de quem tem algo para me oferecer em troca. A sociedade não se interessa nem quer se aproximar das dores alheias, da fome alheia, das tristezas alheias. Ando acompanhada nessa dança, corpos que já habitaram este mundo e se foram, e corpos que estão desde o primeiro momento, uma concepção que carrega, almas gêmeas nessa construção artesanal e desafiadora. Minha parceira primeira, Silvia Góes, fala um pouco dessa dança pontilhada por mãos femininas em redes de apoios:

Insular 11

Escrever, atuar, construir, bordar, tecer, dançar Pontilhados, desde o primeiro passo, abre aqui imensidões no tempo e dentro, passado, presente e futuro entrelaçados, reconhecimento da minha própria história em outras trajetórias que chegam como pontes ao que de profundo emerge além do eu, mais antigo... Aterramento de águas, tristezas e faltas... Diante da ideia capital do progresso, o que pode tua imaginação? Empreitada quixotesca... Cuidado onde pisa, os chãos são espelhos e “os espelhos estão cheios de gente”[...] A cada toque entre corpos, a cada abraço de gentes, um, dois ou muitos, a cada olhar sobre a caótica urbanidade que somos... O amor, esse nome gasto... Abandono, embriaguez, força ou utopia? Luta, afirmação da história! [...] Cada delírio vivido, cada movimento dançado, é uma resposta possível... Ou várias... Das tristezas, violências e revoltas, soco no estômago dos dias colonizados a céu aberto, a poesia resgata o encontro possível em enlace, beleza e denúncia ao mesmo tempo. Uma cidade nasce do encontro, um olhar e outro olhar, um corpo e outro corpo, uma pedra e outra pedra, eu e você... Não sei nomear diferente o sentimento que rege o movimento da inspiração que chega, atravessa, mergulha, grita, chora, lacera, rasga e agarra a vida para ganhar voz, é amor, amor pelo milagre que somos e pelo além que podemos ser, todas e todos... Recife Antigo, Porto Alegre, São Paulo, Pátio de São Pedro, em cada paisagem pontilhada um pedaço arrebatado de mim vai se oferecendo em escuta a essas ruas intimamente novas a cada passagem, a cada passo, a cada personagem real amalgamada à estrada, inaugurando sempre, como uma cidade nasce: uma pedra e outra pedra, um som e outro som, eu e você, pontilhando sussurros,

gritos e assombros... “Eis-me pronta, feita de argila e alma de ferro. Todas as pedras que tentaram me lançar, desintegraram-se”[...] Eis-me pronta para atravessar o dia, levando comigo a certeza da partilha e uma multidão de outros nomes: Nenês, Terezas, Doras, Marias... Corpos que se fundem à história dos chãos, vãos e desvãos, paralelepípedos, tudo efêmero, tudo passa, finito e imediato... Ao caos infindo do que brota e respira, à violência desperta que só sabe o rasgar da terra como vida, deixo todas as paisagens da rápida passagem que ainda restou, coração exposto e cascos... Se não fôssemos tão lindos, se não viesse tatuado nas almas o pólen de tanto esplendor... Às vezes, a vida é um sopro... Às vezes, um sopro me basta... Às vezes, não... Às vezes, dói... Às vezes, lava... Às vezes as palavras me assustam e sou toda silêncio e escuridão nos abismos da fala para ouvir e contar melhor a história... O corpo... Dança, voz, vastidão, poço... Eu, tu, nós, as outras, os outros... Ainda não sei que outro nome dar ao amor... Caminho tentando achar... A voz dessas velhas pedras e seu chão, ajustadas por mãos escravas, cravando presença negra, força, suor e luta nesses espaços... Ilhados, compartilhados... Siga o silêncio do vento, a fala dos povos originários, a sabedoria dos ancestrais... A cada esquina, perguntas: Quantas mulheres sonharam aqui? Quantas se foram com seus marinheiros ou marinheiras? [...] Quantas vivem ainda exploradas, dormindo em suas réstias, em calçadas, passeios e praças? Comendo restos... Tremendo de faltas.... Quantas já morreram? Quantas assassinadas? Quantas trouxeram oferendas ou cruzaram esses portais vestidas de nadas? Pontilhados é, sim, antes de tudo, uma história de amor... E saudade... Uma história real das cidades, de pedras e invisíveis, plural, de gentes, de ventres... “O amor – esse interminável aprendizado (Sílvia Góes, dramaturgista da obra e artista da dança).

AR

QU

PE

LA

GO III



Ilha de outras paisagens (Salvador | Mestrado Profissional em Dança | Crise sanitária)

A escolha por um mestrado profissional teve como principal característica a própria proposta curricular desse programa, que possibilita às pessoas artistas atuantes fora do ambiente acadêmico desenvolverem suas pesquisas de modo implicado com seu contexto de atuação profissional. As especificidades que compõem um artista da dança e os seus fazeres podem contribuir com a academia, provocando outros diálogos, potencializando a área e, principalmente, refletindo sobre os gargalos para manter-se da e na dança. Reconhecendo, assim, as subjetividades próprias de cada artista e as lógicas de cooptação de seus discursos pelo atual sistema capitalista e neoliberal. Neste sentido, abriu espaço para que eu pudesse refletir sobre minhas obras, ações, projetos, diálogos em relação com os movimentos políticos, sociais, econômicos de uma rede de artistas que ainda acreditam na capacidade de interferir, atuar, repensar, propor outros arranjos para minimizar os prejuízos que a arte vem sofrendo no país.

Como continuar atuando num cenário falido, sem o reconhecimento da importância do nosso trabalho para contribuição na transformação de pensamentos normativos e hegemônicos para construção de mundos com menos crueldade?

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, se atém à obra Pontilhados, de minha autoria junto ao Grupo Experimental. Reflete sobre os trânsitos em ambientes urbanos, onde as questões subliminares e invisibilizadas das relações humanas aparecem potencializadas. A rua é lugar de encontro, de passagem, de atropelamento de qualquer pessoa. A dramaturgia de Pontilhados propõe que quem experencie a obra, possa observar as linhas e também o que está nas entrelinhas, que parece oculto, invisível. Mas que estão, ao mesmo tempo, explícitas e expostas em nossa frente, cotidianamente, numa clarividência do que nos rodeia nas tantas ilhas/cidades. Provocando público, artista, personagens desse chão e dos territórios que habitamos e vivemos!

Insular 1

Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza partir das manifestações da sua existência (SANTOS, 2007, p. 12).

Traço conversas e outros encontros nesta pesquisa, que aportou em Salvador. Outras ilhas, outros arquipélagos, obras entrelaçadas e compostas de reflexões e poesias. Temos, além deste memorial, o

registro da realização de uma ação de Pontilhados em Salvador, que chamei: ***Pistas para uma possível dramaturgia em Salvador***; a criação de uma nova obra em formato de dança-instalação, composta pelas histórias das pessoas e lugares que permeiam a trajetória de Pontilhados; e uma produção bibliográfica que reflete em campo teórico o desenvolvimento desse passeio entreilhas pontilhadas.

Encontrar com a cidade de Salvador, já conhecida de outras vindas dançadas, é como voltar a uma casa já visitada para encontrar o que nunca encontramos antes desses diálogos pensados e propostos. A obra Pontilhados, na sua composição original, traz à tona as tantas marcas de cidades fatigadas, construídas a partir de suores e dores humanas de um dito progresso que vem apagando as histórias de muitas vidas. Dramaturgias em estado de vulnerabilidade. Uma obra como um rasgar de memórias de um povo massacrado. Desde que comecei a pontilhar esse mover, venho me deflagrando e me aproximando ainda mais dos nossos buracos sociais, causando em mim uma rebelião interna, que queima e tem secado minhas águas e ilhas pessoais. Expor as tantas feiuras da nossa sociedade e provocar novas formas de pensar essas estruturas não é uma tarefa fácil, mas, ao mesmo tempo, me preenche de outras perguntas para um mover de insulares: **Por quem quero dançar? Qual o sentido de continuar dançando? Como descubro e banho outros territórios desconhecidos? Como perceber outras humanidades? Como nos aproximamos das humanidades, quando parece já termos escolhido a desumanidade?**

Estava iniciando uma nova potência criativa, me mudei para Salvador para submergir em suas histórias, nas questões desse território em diálogo com o lugar de onde venho, Recife. Pela primeira vez, Pontilhados seria realizado em outra cidade do Nordeste, onde tudo parece doer mais, faltar mais, suar mais, adoecer mais. Sem bolsa de estudo ou qualquer apoio financeiro cheguei à cidade, apenas com uma quantia mínima para me manter, mas com a certeza de construir aprendizados impagáveis.

Insular 2

Este é o teatro: Um ritual vazio e ineficaz que enchemos com nossos “porquês”, com nossas necessidades pessoais. Que em alguns países do nosso planeta é celebrado na indiferença e que, em outros, pode custar a vida de quem faz (BARBA, 2011/01).

Abro este espaço para tencionar o meu lugar como criadora e como percebo as conexões de algumas singularidades que se aproximam de mim. Estamos cheias de vazios, poucas certezas, buscando encontrar algo que nos faça continuar por aqui. Pontilhados é, antes de tudo, o pontilhar de mim mesma e dos que se aventuram e escolhem ser artista. Nessa escrita, pretendo mover uma metodologia do

coração (VELARDI, 2018). Certo dia escutei Marília Velardi falando sobre metodologias e procedimentos para a criação e pesquisa em arte, no VII Simpósio Internacional de Reflexões Cênicas Contemporâneas, sobre as pesquisas em arte, e desde aquele momento me senti acolhida, um sentimento de poder desenvolver e falar das minhas experiências sem ter medo. Marília disse assim:

Insular 3

Promulgue uma metodologia do coração, uma forma que escute o coração sabendo que as histórias são as verdades que não ficam quietas. Todo investigador deveria se colocar com um claro objetivo: meu caminho é o de volta para casa, da minha própria descoberta. Encontrar um modo de escrever que pareça eu mesma e não apenas alguém jogando jogos acadêmicos (VELARDI, 2018. Para acessar a fala completa: <https://www.youtube.com/watch?v=oOBMECOaXog>).

Neste tempo chego à Universidade para fazer uma pós-graduação, tendo vivido mais de meio século dedicado à dança. Chegando como quem engatinha, mas precisando apresentar o lugar da minha fala, convidando aos que se interessam por um diálogo com outros palcos/flutuantes diferentes dos habituais. Aqui, na universidade, esse lugar de importância reconhecida pela sociedade, que para alguns artistas como eu, se configura como um espaço da chancela, que sempre validou, aprovou, assinou, carimbou e escreveu sobre as obras, história, projetos, vidas dançadas.

Peço licença para pensarmos sobre as lógicas de um sistema excludente de tantas pessoas que poderiam pensar alternativas para melhoria da nossa sociedade. A proposta dessa dança molhada é um mergulho até o fundo desse mar, mesmo que nos falte o fôlego.

Insular 4

A cidade em si é democrática. Corpo múltiplo e complexo por onde desfilam destinos e lutas. Os lugares fechados é que jogam o abandono na cara. Livros, saberes, querer, academia, concretude e fantasia. Fronteiras do pensamento, o que fica aqui fora? O que se planta lá dentro? Sistemas, regras, burocracia, transgressões, negações e poesias, vadios, loucos, insanos. Ser ciente que sente, carne crua e fomes. Resistência e futebol, ciência e carnaval. Mágua se aplaca com a bola no pé, na mesa do bar, ou vagando sem porto, perdendo a alma, na violência do crack ou de uma anestesia qualquer. A pergunta do apóstolo São Paulo incrustada na pedra, gritando na Sé: Senhor, que queres que eu faça? Senhora, qual a cor da sua voz? (GÓES, Sílvia, 2018 – Trecho do texto construído por Sílvia Góes para a apresentação de Pontilhados em São Paulo. A encenação nesse momento cruzava uma das encruzilhadas do passeio; entre as ruas Álvaro Penteado e Rua da Quitanda, acontecia uma intervenção no prédio do Banco Dourado).

Insular 5

A associação que este fim de século permitiu entre a ciência e a técnica, a técnica e o mercado, esse tecnomercado do qual vivemos e essa tecnociência que nos arrasta e desgraçadamente está arrastando as ciências humanas, é que reduz o escopo do

trabalho acadêmico e afasta-nos, às vezes, da busca da verdade. Devemos preocupar-nos com os destinos que possa tomar a universidade, sobretudo quando condena as críticas de fora, mas também não faz a sua própria crítica (SANTOS, 2007, p. 19).

Aqui, por onde navego, tenho encontrado outros anéis de ancoragem, criando mais uma metáfora: venho do mar de fora, onde as águas são violentas e quase nunca conseguimos nos banhar. Mergulho num mar de dentro, onde as águas e as praias são apropriadas para o banho. Com o propósito de ouvir outros contextos, dialogar com outras pessoas, companheiras e companheiros, nesses mares de uma parte da costa do Nordeste. Agora vivo outra experiência, de não mais ensaiar e propor como de costume, mas de ser dirigida (orientada) a outros propósitos artísticos e acadêmicos. Vim disposta a aprender sobre o que venho pensando com o que fiz até aqui, mas esse também é um lugar de deflagração de questões pessoais e coletivas, por vezes, muito doloridas, onde também encontramos desumanidades, como toda e qualquer ilha habitada por gente.

Insular 6

A uns, a ideia surge em luz. A mim, se declara uma pontada no peito. O advento da dor, o deflagrar da súbita febre e eu sei que o meu corpo sabe. Um dia destes me desconhecerei vivo, desfalecido de aguda sapiência. Até lá repartirei com um anjo o doce milagre da refeição (COUTO, 2016, p. 29).

Logo no início das aulas, em 2020, fomos surpreendidas com a pandemia da Covid-19, além do agravamento das crises: econômica, social, moral, política... Que o país estava e ainda está atravessando. Como alerta Helena Katz (2020) em seu ensaio *O que lateja da palavra Pandemia*, sobre a utilização e o desgaste da palavra *pandemia*. Mais uma vez, percebemos que não estamos em situações iguais, muito menos similares nesse cenário. O prefixo "*pan*" da palavra não significa todo, total, inteiro. Para pensarmos: imaginem uma família que mora no mesmo barraco de apenas um vão, cerca de dez pessoas, sem as mínimas condições de moradia e higiene. Além da fome, precisam ficar isoladas durante dois anos? Será que essa família faz parte desse todo? Essas e tantas pessoas que vivem em situações de miséria em nosso país não fazem parte do conjunto de pensamento que essa palavra expressa. Não estamos nos mesmos lugares, o vírus atua mais fortemente onde? Onde morreram mais pessoas, nos bairros classe média ou nas favelas?

No início das aulas, deu tempo apenas da turma se conhecer pessoalmente e viver uma atividade no nosso primeiro encontro com a coordenadora do curso, professora Beth Rangel. Nesse momento compartilhamos nossas pesquisas, foi emocionante. O último encontro presencial ficou marcado. Fizemos uma atividade de improvisação sobre nossas memórias, no componente *Abordagens e*

Estratégias para Pesquisa em Experiências Artísticas em Dança, com a professora Isabelle Cordeiro. Éramos sete pessoas na Linha de Pesquisa Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança. Ao final da aula, como ficamos muito emocionadas, nos abraçamos coletivamente, parecia uma despedida, e foi!

Ao chegar em casa, as notícias invadiram todos os canais de televisão, as aulas foram suspensas e nunca mais voltamos a nos encontrar presencialmente enquanto turma. No último dia, quando conversamos, choramos e nos abraçamos, eu já comecei a ficar impressionada: será que o vírus não estaria ali entre nós? As notícias só pioravam, ainda permaneci em Salvador por um mês, até que acabei voltando para Recife. Nesse ano de 2020, fiquei sem casa em minha cidade, morei em seis lugares diferentes até me reorganizar novamente, pois havia mudado de vida para ir fazer o mestrado em Salvador. Tudo parecia não fazer muito sentido, pessoas morriam pelo mundo inteiro. Como poderíamos continuar a vida se tudo parecia morrer? Será que estávamos virando corpos processadores? Parecia que tínhamos perdido a capacidade de deixar a informação virar corpo, como as pessoas estavam conseguindo não se abalar? Muitas questões. Tentava me concentrar e não conseguia, sentia muita tristeza e paralisia, mas o mundo seguia com suas lives e muita vida online. E eu não sabia para onde e nem como seguir.

A pobreza rapidamente crescia, tudo fechado; lembro da minha mãe com 91 anos perguntando: "oh, minha filha, o que danado é esse *lockdown*?". Tudo parecia seguir em total descompasso, imagine se minha mãe fosse uma idosa que morasse sozinha num mundo em isolamento social. Quem responderia para ela o que é *lockdown*? As campanhas de arrecadação de alimentos e distribuição de refeição para as pessoas mais atingidas foram importantes, mas não se sustentaram por muito tempo. E até hoje, em 2022, ainda tem muita gente com fome. Consegui trabalhar como voluntária e tive a experiência de passar um domingo de Páscoa distribuindo refeição e chocolate a mais de 200 pessoas em situação de rua. Até num momento como esse pude presenciar atos e falas castradoras com algumas daquelas pessoas, pelo simples fato de poder escolher uma bebida ou outra. Uma voluntária atua com sua autoridade, mostrando que é maior e apontando o que essa pessoa pode ou não pegar para beber, de como somos vulneráveis em outros aspectos; nossos discursos estão carregados de microviolências.

Um primeiro semestre sem aulas, algumas atividades remotas e indicações de leituras. Um desses

autores com quem tive contato foi Edgar Morin, que me acompanhou no primeiro Congresso Virtual da UFBA; quando tudo parecia estar estagnado, pude acessar o livro dele, A Cabeça bem-feita, e isso me deu um ânimo para participar do congresso. Morin trazia reflexões e pensamentos que puderam me mover e acreditar que conseguiria avançar, mesmo num cenário de tanta tristeza e desesperança. Um trecho que marcou:

Insular 7

A cultura, daqui em diante, está não só recortada em peças destacadas, como também partida em dois blocos. A grande separação entre a cultura das humanidades e a cultura científica, iniciada no século passado e agravada neste século XX, desencadeia sérias consequências para ambas. A cultura humanística é uma cultura genérica, que, pela via da filosofia, do ensaio, do romance, alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações humanas, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos conhecimentos. A cultura científica, bem diferente por natureza, separa as áreas do conhecimento; acarreta admiráveis descobertas, teorias geniais, mas não uma reflexão sobre o destino humano e sobre o futuro da própria ciência. A cultura das humanidades tende a se tornar um moinho despossuído do grão das conquistas científicas sobre o mundo e sobre a vida, que deveria alimentar suas grandes interrogações (MORIN, 2010, p. 17).

Minha fala no evento foi muito levada por este livro; num diálogo sobre as reflexões humanas, participei junto com o Grupo de Pesquisa Ágora: Modos de ser em Dança, que tem como líderes as professoras Gilsamara Moura e Márcia Mignac. Dividi as falas com os colegas Cristiane Pinho, Jean Souza, Luciene Munekata e Tiago Menegaz, numa mesa que teve como título: Políticas e reflexões sobre humanidade em tempos de pandemia: como continuar dançando?

Levava tudo o que construía muito a sério, posso até ter escrito uma história com algumas rasuras, mas a consciência sempre tentou dançar ao meu lado.

Insular 8

Tudo que levamos a sério
torna-se amargo. Assim os jogos,
a poesia, todos os pássaros,
mais do que tudo: todo o amor.

De quando em quando faltaremos
a algum compromisso na Terra,
e atravessaremos os córregos
cheios de areia, após as chuvas.

Tudo que levamos a sério
torna-se amargo. Assim as faixas
da vitória, a própria vitória,
mais do que tudo: o próprio Céu.

De quando em quando faltaremos
a algum compromisso na Terra,
e lavaremos as pupilas
cegas com o verniz das estrelas
(MELO, 2018, p. 99)

Nesse semestre ainda realizei dois projetos independentes com os artistas que colaboravam com o Grupo Experimental: Experimental em Cartaz, com liberação de algumas obras do grupo para que as pessoas pudessem colaborar com alguma quantia ao acessar os trabalhos em vídeo; e Dança em silêncio aos mortos, uma colagem de danças publicada nas redes sociais do grupo e das pessoas artistas integrantes do grupo, no Dia Internacional da Dança. Oferecemos o nosso dançar para as tantas vítimas que deixaram seus amores de forma prematura pela Covid-19. Assim como o congresso, considero todas as experiências que vivi nesse período de isolamento uma maneira de não me desprender da minha pesquisa, tudo que compõe o meu fazer artístico, se derrama por entre as pedras que foram movidas nesses tempos da ressaca desse mar poluído e contaminado, banhando este mundo que adoecia e morria; reagir é um processo de se reinventar e continuar dançando num cenário de caos.

Ilha olhos envidraçados (Semestre suplementar – 2020)

Seguimos na esperança de retorno às aulas, mas a situação só se agravava no mundo e, em especial, em nosso país. Em setembro de 2020 iniciaram as aulas remotas e conseguimos participar de aulas *síncronas* e *assíncronas* nos componentes: *Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Experiências Artísticas em Dança*, ministrado pelas docentes Daniela Amoroso, Isabelle Cordeiro e Lucas Valentim; *Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade*, com Beth Rangel e Anrífo Sanches; *Tópicos Especiais em Dança – Corpo e Historicidade*, com Carmen Paternostro, Mirella Misi e Maria Sofia Guimarães; *Tópicos Especiais – Dança e Audiovisual*, com Daniela Guimarães.

Nesta pesquisa trago o diálogo, a escuta, o outro, histórias de tantas vidas. Sem escutar a história do outro não podemos reconhecer nossa própria história, nos reconhecer, refletir e pensar sobre os tantos

mundos distintos e as diferenças que estão postas. Um exercício nada simples, tampouco fácil, mas desafiador, paciente e observador, cuidadoso. Na tentativa de não paralisarmos por completo, professores e coordenação do programa trabalharam para construir outros modos de criar e estudar de modo virtual. Estávamos experimentando juntas esse novo mundo, onde o “novo” não trazia a frescura da palavra. Mas, para minha surpresa, o que exercitamos foram encontros de escutas, não sei se foi programado, mas parecia ter sido orquestrado. Fomos obrigadas a olhar para o mundo, num exercício de aprendizado global e de muita humanidade, um desafio cívico:

Insular 9

O enfraquecimento de uma percepção global leva ao enfraquecimento do senso de responsabilidade – cada um tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada –, bem como ao enfraquecimento da solidariedade – ninguém mais preserva seu elo orgânico com a cidade e seus concidadãos (MORIN, 2010, p. 18).

Quais as realidades alheias que me tocam e me abalam? Esse momento que estávamos atravessando apresentava uma maneira de friccionar com a minha proposta de pesquisa. Observando as escritas, os textos, as conversas e o contato, mesmo que virtualmente, com nove professores do programa e toda a turma. Em cada um dos componentes curriculares, as singularidades estavam evidenciadas. Mas, considero que o propósito de dialogar, conversar, principalmente no exercício de reconhecer nossas alteridades, continua sendo o maior desafio de todos os tempos.

No semestre suplementar, estávamos redescobrimo uma nova maneira de nos reconhecermos naquele novo ambiente, por trás das telas, com olhos de vidro observávamos o mundo e nós mesmas. Encontramos com situações de fragilidade e muitas adversidades. Sim, não pudemos encontrar todas as pessoas. Mais uma vez é preciso dizer que algumas estiveram fora desse diálogo/debate, afinal, existe uma grande parte da sociedade que enfrenta barreiras e limitações no acesso à internet, triste realidade do nosso país tão desigual.

Aqui no PRODAN, conversamos sobre memórias, corpo, experiências outras, novos experimentos, aproximações e cruzamentos das pesquisas. Um movimento coreografado à distância, mas com aproximações profundas. Vivendo as transformações daquele momento, acumulando informações que chegavam e somavam com tantas outras coleções da vida de cada uma/um.

Ilha solitária de mim (processos não programados)

No decorrer dos componentes e das experiências que vivemos, percebo a importância de ser relatado o que vivenciamos nessas inesperadas tempestades que estávamos atravessando, num barco à deriva que poderia virar a qualquer momento. Em se tratando de um momento nunca vivido por nenhum de nós, me parece importante termos registros desses relatos nos processos de aprendizagem dentro da universidade.

Pude criar um vídeo apresentado no 1º Seminário PRODAN, atividade realizada dentro do componente *Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Experiências Artísticas em Dança*. A partir dos estímulos criativos, iniciamos um novo modo de produção nas aulas, a pesquisa como proposição de acontecer de forma implicada começava a se redesenhar dentro de um cenário triste, onde o país vinha perdendo muitas pessoas. Mesmo rodeada de tristezas, seguia tentando me salvar pela dança.

Videomar I: *O outro dos outros era eu.*



Insular 10

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o âmago dos outros: e o âmago dos outros era eu (LISPECTOR, 2021, p. 49).

Ilha das mulheridades (Gestos e Memórias)

Neste semestre suplementar foram quatro componentes, todos com produções em vídeos. Além de trabalhos escritos e propostas criativas como resultado das experiências. Em *Corpo e Historicidades*, tivemos uma atualização das nossas memórias dançadas. Os percursos dos movimentos dançados durante a trajetória de cada artista. *Gestos em Memórias* foi concebido em parceria com outras mulheres incríveis e potentes: Adil Araújo, Célia Lima, Fabiana Lima, Marina Leles, Marinês Carvalho, Nildinha Fonseca e Simone Bonfim. Sobre as questões estudadas a partir das provocações do texto de Isabelle Launay, *A elaboração da memória na dança e a arte da citação*:

Tentar levar em conta o necessário processo do esquecimento para a própria dinâmica da memória e os efeitos produtivos desse esquecimento para a memória das obras de dança (LAUNAY, 2013, p. 89).

Videomar II: *Gestos em memórias*



A partir da obra *Eye to Eye* do Grupo Experimental, uma criação do coreógrafo Marcelo Pereira do final da década de 1990, vivemos um processo importantíssimo, rever as minhas danças e de pessoas de gerações diferentes que puderam participar da remontagem dessa obra no projeto de comemoração aos 20 anos do Grupo Experimental (2013). Reuni imagens neste próximo vídeo, como parte do aprendizado e contribuições da minha pesquisa dentro da disciplina *Corpo e Historicidade*:

Videomar III: *Memorial corpo e historicidade*



Nem sempre é fácil e nem sempre temos tempo de olhar para nossos próprios rastros; o mestrado provocou esse revisitar em diversos momentos, em quase todas as disciplinas. Rever o mover de um corpo que não volta, porém se move pela maturidade, olhando através de uma lupa do tempo. Quase não me reconheço, quase não lembro de como dançar. Quase não consigo realizar essa dança. Não tem problema, já me é bastante satisfatório saber que um dia eu pude. E nos 20 anos dessa história, participar e acompanhar outras gerações estudando um movimento que traduzia inclusive a identidade de outros criadores. Foi como dividir um pouco do passado aos presentes de agora. Como se as pegadas desses rastros tivessem impregnadas nos corpos daqueles jovens artistas que, possivelmente, não teriam oportunidade de experimentar se não fosse nesse encontro comemorativo. Existíamos e estávamos ali naquele momento, e isso é a magia de viver na arte!

Ilha dos Escombros (Dança do que sobrou)

Nas vivências enquanto grupo, sempre trabalhamos em formatos colaborativos, cada artista

contribuindo com suas habilidades. A dança faz parte de uma cadeia produtiva composta por muitos trabalhadores de várias áreas que contribuem diretamente e fomentam o nosso fazer. Estudos sobre esses novos arranjos vêm sendo desenvolvidos, nesse novo jeito pude acompanhar de perto e no dia a dia as nossas práticas e rotinas experimentais.

Insular 12

A constituição de uma comunidade dissensual faz emergir a partilha do sensível, que compreende algo constituído e partilhado por todos, e simultaneamente, algo que é de cada um. Abre-se aí uma janela importante para compreendermos a autonomia no circuito das relações entre integrantes de um coletivo de artistas que engloba certa parcela de liberdade (escolhas exclusivas mediadas pelo comum) e de dependência (comum partilhado mediado pelas escolhas individuais) (ROCHA, 2019, p. 1176–1190). Me pergunto se os tempos de agora são de fato o da colaboração; o que acompanho nas minhas experiências pessoais e dos grupos, coletivos e companhias que conheço na cidade do Recife, o que acontece é um panorama completamente outro. As parcerias estão ficando cada vez mais raras, não vejo outros grupos surgindo, e sim os poucos que tinham se acabado. Será que esse é apenas um cenário dessa ilha que habito? Considero, porém, que esse não é um problema da dança, parece ser um sintoma da intolerância com o outro. A experiência maior da dança se dá no encontro com o outro, nas trocas do cotidiano de experimentos corporais, mas, acima de tudo, de aprendizados humanos com muitas tentativas de acerto. Me reconheço num lugar que pertenço há um tempo passado, mas posso talvez contribuir com o pouco que vivi. É fato a falta de políticas, a vida mais cara, a arte sendo cada vez menos valorizada pela sociedade. Quem acessa e se interessa por dança na sua cidade, consome e vai ao teatro? Normalmente somos assistidos pelos nossos pares. Que dança a sociedade quer ver? São tantas questões, e para mim a principal delas é a não paciência com o outro, e o protagonismo que cada um quer alcançar.

Insular 13

O tempo do qual havia o outro passou. Desaparece o outro como mistério, o outro como sedução, o outro como Eros, o outro como desejo, o outro como inferno, o outro como dor. A negatividade do outro dá lugar, hoje, à positividade do igual. A proliferação do igual constitui as transformações patológicas que afligem o corpo social (HAN, 2022, p. 7).

Com o isolamento social e as atividades remotas, pude ter a oportunidade de aprender técnicas de vídeos e de vivenciar vários experimentos fílmicos (possivelmente não teria aprendido se não fosse a situação, sempre achei que não precisaríamos fazer e saber de tudo). Na experiência com o componente Tópicos Especiais – Dança e Audiovisual, com a professora Daniela Guimarães, várias produções e diálogos foram criados a partir de análises dos trabalhos artísticos. Trabalhamos a partir

do Sonho, construindo um diário durante a duração do semestre, passamos a anotar nossos sonhos.

Insular 14

Experimentamos durante a vigília – de dia ou de noite, mas com os olhos bem abertos – uma sucessão de imagens, sons, gostos, cheiros e toques. Despertos, vivemos sobretudo fora da mente, pois nossos atos e percepções estão ligados ao mundo além de nós. E então, com maior ou menor periodicidade – de noite ou de dia, mas de olhos bem fechados – entramos naquele estado de consciência em que a tela da realidade se apaga. Desse sono tão familiar e reparador pouco nos lembramos, e por isso é comum pensar que se trata de uma ausência completa de pensamentos. O sono se apresenta como uma não vida, uma “pequena morte” cotidiana, embora isso não seja verdade (RIBEIRO, 2019, p. 13).

Sem trabalho, sem aulas, sem convívio com o outro, apenas com meus familiares. As experiências propostas durante esse semestre suplementar duraram um pouco mais de quatro meses. As propostas de anotar cada sonho e exercitar um movimento sonhado, não enquanto gesto, mas enquanto vida. Para alguns, a ação de dormir e o sono é como se estivéssemos em suspensão numa breve morte. Experimentar e investigar o sonho em plena crise sanitária parecia ser um paradoxo, queríamos viver, mesmo sendo o sonho uma pequena morte, andávamos amedrontados. Para mim, um experimento de vigilância, lembrar é esquecer e quase nunca conseguia anotar as experiências sonhadas. Mas entre lembrar e não lembrar, poderia também exercitar o sonho de dia, aquele que podemos sonhar quando nos permitimos olhar para o mar e nos deixarmos navegar por ondas desconhecidas.

Nessas arriscadas águas do desconhecido, pude adentrar numa atmosfera menos fluida e líquida, os mares se transformaram em concreto, o sonho me moveu pelo lixo que restou de tempos anteriores a esse. A destruição dos espaços de uma cidade é a própria destruição de quem a ocupa. E somos corpos viventes de ocupação real, necessária, humana, no sentido mais cuidadoso que deveria ter essa palavra. Somos habitantes desses espaços imaginários. Assim eu fiz, criei uma partitura composta de várias partes de mim, esse foi o meu sonho final ainda em vida, Escombros de mim, o resultado do assunto que escolhi sonhar no componente Tópicos especiais – Dança e audiovisual, com Daniela Guimarães.

Videomar IV: *Escombros de mim*



Ilha dos Enfins (éramos muitos, mas estávamos sós)

O componente *Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade*, acompanhado pelo prof. Antrifo Sanches e pela prof. Beth Rangel, foi, sem dúvida, o lugar de mais escuta desse semestre. Sem perder de vista todas as outras trocas que vivenciamos, mas, principalmente, nesse componente tivemos momentos importantes com as pessoas profissionais da dança convidadas: Lenira Rengel, Vanda Machado, Sandra Petit, Leonardo Sebiane, Lia Robatto, Inês Carvalho, Rosane Vieira e Luciane Ramos. Exercitamos a escuta atenta de muitas danças e experiências singulares, que nos deram a oportunidade de criar um eco das nossas próprias danças e moveres de vidas.

Insular 15

O escutar não é um ato passivo. Uma atividade especial o caracteriza. Eu tenho primeiramente de dar boas-vindas ao outro; ou seja, afirmar o outro na sua alteridade. Então, eu o presentieio com a escuta. O escutar é um presentear, um dar, um dom. Só ele traz o outro primeiramente à fala. Ele não segue passivamente o discurso do outro. Em certo sentido, o escutar antecede a fala. Só o escutar traz o outro à fala. Eu já escuto antes que o outro fale. O escutar convida o outro a falar, liberta-o em sua alteridade. O escutador é um espaço de ressonância no qual o outro fala livremente. Assim, o escutar pode ser curativo (HAN, 2022, p. 123).

No exercício de escutar o outro, pude escutar-me. Como finalização dessa disciplina produzi mais um vídeo, onde reuni uma trajetória entrelaçada de ganhos, perdas, aprendizados, alegrias, reflexões, movimentos, decepções, aproximações, encontros, desencontros, atalhos, desvios, amores, desamores.

Videomar V: *A dança nos corpos desses lugares*



Durante o semestre pude desenvolver outros projetos fora da academia, que possibilitaram minha manutenção e diálogo com o mundo fora da universidade, mesmo que de forma virtual. Iniciei um projeto com a artista da dança Geórgia Palomino, que me convidou para fazer um trabalho de corpo na criação de uma videodança chamada *Ella* uma mulher singular – financiado através do Programa de Ação Cultural (PROAC/SP), onde pudemos vivenciar uma imersão criativa na cidade de Araraquara/SP. Também realizei o projeto, concebido por mim em parceria com Danilo Carias e Rafaella Trindade, *Experienciaemcasa* – sobre o dia em que a minha casa virou o mundo – com apoio do Serviço Social do Comércio (Sesc/PE).

Insular 16

Chamo de casa este lugar em que hábito. Chão, céu sobre a cabeça, escombros, tapete de ervas, natureza, instinto. A porta, que liga o eu a outra/o outro, portal poético para outros mundos, transporte, transporto, invento. Ao cruzar os caminhos em busca de mim, nas trilhas do agora, do ontem, do futuro, a eu artista vive, dialoga, provoca e espanta. Mas como podemos chamar de casa um lugar que você não reconhece como seu? A rua, a calçada, o abandono, o desencontro, estes também são casas, onde há muita gente morando. E, por hora, o que chamam de “sofrimento” eu chamo de reinvento. Aqui criamos o mundo que existe dentro das imensas solidões do século XXI. A pior delas é o silêncio, a inércia, não-lugares, não-afetos, não-trocas. Ao entrar, feche a porta, não as do espaço, mas as dos seus medos de ver e sentir a você mesma, a você mesmo, sem pudor. Seja bem-vinda e bem-vindo ao que somos agora (CARIAS, Danilo compôs este texto-áudio no projeto *experienciaemcasa*, apresentado em 2020, projeto aprovado pelo Sesc Pernambuco).

Complementando as atividades desse semestre suplementar, aconteceram os encontros do Grupo de Pesquisa *Ágora – modos de ser em dança*, com as líderes Gilsamara Moura e Márcia Mignac. Particpei do *II Seminário de Pesquisa Ágora* entre os dias 19 e 20 de novembro de 2020. Tivemos como convidadas/convidados: Helena Vieira, Helena Katz, Nêgo Bispo e Samuel Vida. Ouvir cada uma dessas pessoas, as suas trajetórias e pesquisas, nos fazem mover para outros lugares e reflexões, de alguma forma vamos colecionando informações, outras formas de pensar e agir. Aliás, se não for para nos transformarmos não tem sentido. Perceber como são fundamentais não só para nós, pesquisadores, mas para toda a sociedade, democratizar informações que poderiam entrar na casa das pessoas. Seria uma ideia utópica a de que esses estudos e conhecimentos pudessem ser acessados por todas as pessoas?

A importância da educação, mesmo com todas as defasagens que esse ambiente sofre por conta da escassez de políticas públicas, ainda mais a arte, nesse espaço de fazer pensar que poderia contribuir com movimentos transformadores. Assim, venho exercitando no meu pequeno mundo e fazeres diários um dançar diferente.

Iniciamos 2021 com as mesmas inseguranças e dúvidas. O mundo continuava morrendo, porém iniciávamos um ano de esperança, para que ela não nos deixe só à espera dela, mas que possamos levantar, colocar em movimento a vida, agir coletivamente, se juntar para fazer de outro modo e esperar. Iniciamos uma grande campanha de vacinação, e essa esperança precisava da colaboração de todas as pessoas. Entretanto, está posto um governo contrário, negando a importância e prevenção da vacina contra o vírus.

Seguíamos com as aulas remotas, dessa vez, no componente de *Projetos Compartilhados*, com Fernando Ferraz e Rita Aquino, tínhamos que esboçar nosso projeto de pesquisa e o início do memorial da pesquisa. Começo de um novo processo, mesmo já tendo passado um ano inteiro, para mim pelo menos, as escolhas desse caminhar nessa escrita ainda não tinham chegado. O cronograma foi construído e precisava parar de esperar o retorno ao presencial, que para mim era fundamental. Um novo exercício se iniciava, descobrir como pesquisar e dançar de outra forma, mesmo a distância e isolada. Programei uma residência artística virtual para encontrar com dançantes baianos, conterrâneos do mesmo mar salgado e das tantas necessidades que sempre afligiu nosso povo nordestino.

Produzi nesse mesmo semestre minha primeira obra solo em formato de videodança, *Os Ratos Não Estão no Porão*, nela dancei as desumanidades com os desamparados de um governo genocida, perverso, cruel e desumano. Essa obra acabou me levando a querer escrever sobre ela no Congresso da ANDA. A turma foi orientada pelos professores da disciplina de *Projetos Compartilhados* para escrita de um artigo e participação no congresso. Estava tomada pela obra que tinha concebido e, de alguma forma, ela dialoga com meu pensamento de pesquisa no mestrado. Já trazia as inseguranças de um mundo cruel nesse mover, que agora me preenchia de ainda mais perguntas em busca de respostas.

O Resumo expandido encaminhado levava o título: *Os ratos não estão no porão – pontilhando atalhos – sobre corpos e territórios roubados*. Uma escrita-ensaio das minhas próprias vivências enquanto artista, de um mundo dançado com incertezas e fragilidades, as minhas e de tantas pessoas que sofriam de faltas. Um mover que nos torna insistentes em existir, estando sempre subservientes aos dispositivos de poder, numa lógica ameaçadora de perder nosso pouco. A resistência precisa sair desse lugar do admirável, se manter em estado de prontidão e atentos ao não aniquilamento. Tudo parecia bem nessa escrita, estava iniciando um percurso que me conectava diretamente com a obra *Pontilhados*, olhando para a dança como essa vulnerabilidade em mim mesma.

Insular 17

A dança, como outras manifestações artísticas, não soluciona embates sociais, nem tampouco problemas de ordem política ou econômica. No entanto, tem como aptidão dar visibilidade e escuta a questões e estados de precariedade e é neste sentido que imagina e ativa as políticas para a vida. Pode também instaurar movimentos que subvertem os padrões estabilizados pelos dispositivos de poder, abrindo caminhos para micropolíticas ou o que tenho chamado de microativismos (GREINER, 2017). Os microativismos não confrontam os estatutos oficiais da macropolítica (governo, instituições, mercado etc.), mas agem no sentido de abrir novos campos de percepção (GREINER, 2011, p. 2).

Mas a vida não se mostrava fácil e o semestre acabou me deixando afogar nesses mares turbulentos que a minha e tantas famílias estavam atravessando naquele momento. Uma sensação de nadar sem conseguir se salvar ou salvar os que amávamos, muitos amores partindo, a morte se aproximando de forma cruel e inconformada; mesmo com as duas vacinas perdi um homem que foi meu segundo pai nessa vida, ele se foi juntamente com essa estatística de números. Um fim sem despedida, sem o último olhar, sem abraço, sem nada. A praia parecia esvaziar toda sua água, o vento forte que deu no seu último momento foi simplesmente a despedida das folhas que caíam e a chuva forte que caiu e logo estiou, parecia sua voz dizendo algo. Essas experiências humanas que todos vamos passar. Mas não dessa forma tão dura e irresponsável, a negligência e a maior das desumanidades de não cuidar do povo brasileiro antes que tudo piorasse. Assim, não consegui mais produzir e concluir meu artigo, paralisei e precisei respeitar esse momento. Sem dança, sem escrita, sem sentido, sem sorrisos e muitas tristezas, acompanhadas de uma revolta sem tamanho, como o oceano que secava, precisava esperar outras águas para me banhar novamente.

A pesquisa *P.O.N.T.I.L.H.A.D.O.S – experiências humanas em mundos desumanos*, que apresento como proposta de investigação no meu percurso/fazer neste mestrado, trata especialmente de conversar sobre as vulnerabilidades humanas em nosso tempo. Por isso, tudo que aqui se apresentou nesse arquipélago tem interferência e vem contribuindo para um pensar em processo de constante transformação. Ainda estão intrínsecas dores pessoais de indignações, que são os alicerces principais desse pontilhar de desumanidades. Se a pesquisa qualitativa diz respeito aos fenômenos sociais, além de outros aspectos, e eu trago a experiência nesse lugar do humano, que problematiza as humanidades, absolutamente todas essas reflexões coabitam este estudo. Os comportamentos humanos, as profundidades de um mundo de tantos contrastes, as diferenças que ditam os escolhidos, os modos e comportamentos diários de uma sociedade que muda e se transforma frequentemente. Aqui, nesse arquipélago, as ilhas traduzem os movimentos dessa pandemia, mostrando realidades que contribuem com essa investigação de um dançar para além do belo, para além de mim, um dançar para o outro. Onde o verdadeiro trabalho humano é o exercício diário do AMOR, encerro este arquipélago com o poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo, numa coletânea interpretada por Silvia Góes, minha parceria em Pontilhados: <https://circuitodapoesia.recife.pe.gov.br/alberto-da-cunha-melo/>.



AR

QUÍ

PÉ

LA

GO III

Ilha, mares de confluências (residência artística virtual)

Como estudar uma cidade sem estar nela, caminhar, conhecer as pessoas, as/os passantes, andantes, viajantes, os com e sem teto? Sou corpo movente, pulsando nas conexões que faço com o mundo e que me impulsionam a criar/dançar/atuar no que parece não ter mais movimento. Pensar em transformar o impossível no possível. Já estávamos no segundo ano do mestrado e não sabia como fazer de outra maneira para dar sequência à pesquisa. Resolvi convidar artistas da cidade de Salvador e estudantes da UFBA, alguns que conheci na especialização e outros durante o mestrado, além de um querido conterrâneo, professor, que já tinha experiências dançantes pernambucanas e baianas. Meus parceiros quixotescos: Adil Araújo, Camila Saraiva, Cristiane Pinho, Denny Neves, Jean Souza e Márcio Fidelis. Nessa aventura inicialmente virtual, mas com desdobramentos presenciais, pois assim somos constituídos, desses fazeres impossíveis!

Insular 1

Uma cidade nasce do encontro, um olhar e outro olhar, um corpo e outro corpo, uma pedra e outra pedra, eu e você. Caminhantes do antes e aqui, entre ruas que nunca desvendaremos inteiras, nem se estivessem nuas... Como as veias de um corpo, ruas que nos ligam ao mundo e ao centro de nós. Olhe em volta. Como está sua nuca? Chegou a hora de viver em sua pele, horizonte com o fora, nosso encontro no agora (Sílvia Góes para o espetáculo Pontilhados em Recife).

Em um momento de pandemia em que todo o mundo estava privado do encontro presencial, como nasceriam as nossas criações? Este texto poético de Pontilhados em Recife não previa o impedimento desses tempos: nada de encontro, nada de troca de olhares, tocar a pele do outro, absolutamente nada. Era 30 de agosto de 2021, um mês de força, nome de agosto criado para homenagear o imperador César Augusto, que exigiu que seu mês tivesse 31 dias. Além disso, o mês do signo de Leão, regido pelo astro rei; estávamos iluminados pelo sol, o amor, as paixões. Nossos corações estavam amparados por tudo que representava aquele decanato.

Iniciamos assim nossa residência virtual, buscando equilibrar momentos de dores e tristezas. Tínhamos encontros semanais, sempre às segundas-feiras das 14h às 16h e de modo virtual; isso aconteceu durante todo o mês de setembro. No primeiro encontro, apresentei o projeto e a obra, compartilhando um pouco da trilogia, do que era a proposta dramatúrgica e de que maneira poderíamos trocar conhecimentos a partir dos lugares e cidades que morávamos. A pesquisa foi se delineando no decorrer dos encontros, construíamos ali aproximações, mesmo que a distância.

Estávamos, a partir daquele momento, nos conhecendo mais intimamente; o Recife tinha uma topografia mais plana, cortada e marcada por rios, nossas cidades eram bem diferentes. Salvador, dividida em duas, uma ruptura, uma cisão em rochas, desenhou a cidade alta e a cidade baixa. O que tínhamos em comum eram as pessoas, o mar e as mazelas sociais. Vivemos na região Nordeste, onde muitas pessoas enfrentam seca e fome. Onde temos poucas oportunidades de acesso, onde boa parcela da população é analfabeta ou nem completou o segundo grau. Cresci sentindo na pele o que é ser nordestina: ainda jovem, quando viajava com a minha mãe para visitar parentes em São Paulo, meus primos me pediam para ficar falando enquanto eles morriam de rir, achavam muito engraçado meu sotaque. A obra de Durval Muniz Júnior, *Invenção do Nordeste e outras artes* (2018), traz à tona essa grande discussão, os estereótipos criados sobre o nosso povo, os tantos preconceitos como: pobre, flagelado, seco, analfabeto, pau de arara. E pior do que isso, é que de tanto ouvir, nos deixamos acreditar que somos isso mesmo.

Faço esse parêntese para refletirmos sobre nossa região, que abriga nove estados e é a segunda mais populosa do país. Se fôssemos pensar em investimentos e recursos para atender a população da nossa região, deveríamos ter o maior depois do Sudeste, mas não é isso que acontece. O que temos de fato são investimentos inferiores para o número de habitantes e da população que aqui vive. Mesmo com tantos preconceitos em relação ao nosso povo, o que temos na história do nosso Nordeste são intelectuais, religiosos, políticos, artistas, poetas, escritores da mais alta qualidade e que tanto nos orgulham, como: Irmã Dulce, Rachel de Queiroz, Nise da Silveira, Paulo Freire, Josué de Castro, Jorge Amado, Tobias Barreto, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Dom Helder Câmara e tantos outros... Somos filhas e filhos de uma terra fértil, com seres humanos memoráveis, mesmo assim até hoje carregamos esse estigma social. Trago para pensarmos juntos no que veio acontecendo na nossa história e o quanto avançamos. Algumas das pessoas que tentaram mudar um pouco a realidade do nosso povo, e como estamos conversando sobre experiências humanas, achei importante pensarmos no lugar que ocupamos, e nos que vieram antes de nós, mesmo os que não conseguiram contribuir, mas já enxergavam nossas cidades e suas fraturas sociais.

Insular 2

Em Recife eu ia aos domingos visitar a casa de nossa empregada nos mocambos. E o que via me fazia como que me prometer que não deixaria aquilo continuar. Eu queria agir. Em Recife onde morei até os meus doze anos de idade, havia muitas vezes nas ruas um aglomerado de pessoas diante das quais alguém discursava ardorosamente sobre a tragédia social. E lembro-me de como eu vibrava e de como eu me prometia que um dia esta seria a minha tarefa: a de defender os direitos dos outros. No entanto, o que

terminei sendo, e tão cedo? Terminei sendo uma pessoa que procura o que profundamente se sente e usa a palavra que o exprima. É pouco, é muito pouco (LISPECTOR, 2019, p. 52).

Fico me perguntando por que será que Clarice Lispector se declarou uma pernambucana, mesmo tendo morado em tantos lugares no Brasil e até em outros países. Por trás de tantas desumanidades que nos assolam, penso que aqui sim a humanidade aparece, quando na fragilidade maior podemos ser mais humanos, caridosos, solidários. Sinto exatamente esse pulsar em mim, a minha dança necessita acreditar que nunca será inútil. Nunca quis descer do barco ou migrar para outros mares, queria continuar aqui tentando transformar o que parecia intransformável. Escolhi permanecer aqui, dançar aqui, viver aqui, amar aqui, criar meus filhos aqui, e para isso precisava pensar estratégias de não me afogar na minha própria praia, assim como nossos povos originários, que nunca quiseram sair dos seus territórios.

Insular 3

Quando falo de humanidade não estou falando só de Homo sapiens, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameoba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade - que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições -, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade (KRENAK, 2020, p. 9).

Esse pensamento de Krenak me faz refletir sobre minha própria permanência no mundo, do quanto também me percebo desumana em alguns momentos e situações do cotidiano. Precisamos ser vigilantes de nós mesmos, fazendo autocrítica e pensando outras formas de contribuir com o mundo - no meu caso, a partir das minhas obras. Não tem como propor conversar sobre esse assunto sem falar de política e das histórias do nosso país. Encontramos personagens importantes que quiseram e lutaram por um país menos desigual e que na ditadura foram perseguidos, tendo que viver exilados; homens e mulheres que lutaram a favor dos direitos humanos e intelectuais: cientistas, professores, artistas, religiosos e políticos de esquerda. Uma época de muitas torturas, mortes, perseguições e injustiças.

Parecia que tínhamos ultrapassado esses tempos com a conquista da nossa democracia, mas tudo estava sendo arquitetado, um grande projeto estava em curso, a sociedade que na sua maioria vive

alheia às questões políticas, não percebeu. Mas o golpe aconteceu em 2016 e no Brasil foi iniciado um desmonte de todas as conquistas adquiridas. Tudo se consolidou em 2018, com a vitória de um governo de extrema-direita, um fascista assume o poder do país. Iniciamos uma ditadura disfarçada, mortes como a de Marielle Franco (socióloga, política e ativista, assassinada em 2018). Morreram muitos, recentemente o repórter Dom Philips e o indigenista Bruno Pereira (defensores dos povos indígenas mortos brutalmente na Amazônia, encontrados no dia 15 de junho de 2022). Os exilados: Jean Wyllys (político brasileiro, jornalista e professor universitário), Débora Diniz (antropóloga, professora universitária, ensaísta e documentarista), Anderson França (escritor, colunista e empreendedor social) e Márcia Tiburi (escritora, filósofa, professora universitária e política brasileira) foram ameaçados ainda no início do mandato do presidente atual. Um governo que abandonou, negligenciando a população na pior crise sanitária do mundo. Um país que volta a sentir fome, alta do desemprego e muitas vidas perdidas. Como continuar dançando nesse cenário e com a alma em flagelo? Essas atitudes fascistas pareciam estar arraigadas em nossa sociedade, somos repetidores de comportamentos e de destruições. Parece que somos a minoria, pois mesmo os que parecem ter discursos em defesa do outro, na prática, o que assistimos e recebemos é muito mais a expulsão do outro, qualquer ameaça ou contrariedade elimino, cancelo, prejudico ou mesmo mato o outro.

Insular 4

A negatividade do outro é responsável pela infecção que penetra no mesmo e leva à formação de anticorpos. O infarto, em contrapartida, vem do excesso do igual, da obesidade do sistema. Ele não é infeccioso, mas adiposo. Não se formam anticorpos contra a gordura. Nenhuma defesa imunológica pode impedir a proliferação do igual (HAN, 2022, p. 9).

Retomando, nossa residência aconteceu como um lugar de escuta, conversa, trocas de conhecimentos e muitos aprendizados. No decorrer dos encontros fomos encontrando as conexões entre nossas cidades. Sem dúvida, somos irmãs vizinhas, com muitas singularidades para trocar e continuarmos nos questionando. Territórios de lutas e muitas injustiças, mas com um povo guerreiro e aguerrido. A valorização é o que mais se busca na vida, deveríamos ter as condições dignas de ocupar nosso espaço no mundo. Qual sentido buscamos para continuar vivendo; buscamos algum? Ou, simplesmente, seguimos sem pensar nisso. A cada encontro com os soteropolitanos, sabia que de fato éramos de um território vizinho, fui conhecendo artistas locais, poesias, as letras e as vozes de baianos que já admirava antes mesmo desse desejo de pontilhar com elas e eles. Músicas e poetas que cantam os lugares que vivem, assim como nós que dançamos as tantas formas desse mover com identidade própria. Uma sensação de estar abrindo um novo portal, escutando os versos dos que aqui nasceram,

viveram e continuavam criando poesias.

Insular 5

Salvador, Bahia, território africano
Baiano sou eu, é você, somos nós,
Uma voz, um tambor
Oxente, cê num tá vendo que a gente é nordeste?
Cabra da peste.
Sai daí batucador.
Quem foi seu mestre?
Capoeira
Se plante
Lá vem rasteira
Pé de ladeira
Preciso da fé no Senhor do Bonfim
Pra mim, pra você, pra mim
Um chinelo de couro, uma bata,
Uma benção, mais cinquenta centavos de som
Aumenta o som!
África, iô iô.
Salvador, minha cor,
A raiz de todo bem, de tanta fé,
Do canto Candomblé
África, iô iô.
Salvador, meu amor,
A raiz de todo bem, de tanta fé,
Do canto Candomblé

(Compositor: Saulo Fernandes. Música Raiz de Todo Bem, 2013)

Insular 6

Sou o coração do folclore nordestino
Eu sou Mateus e Bastião do Boi Bumbá
Sou um boneco do Mestre Vitalino
Dançando uma ciranda em Itamaracá
Eu sou um verso de Carlos Pena Filho
Num frevo de Capiba, ao som da orquestra armorial
Sou Capibaribe num livro de João Cabral

Sou mamulengo de São Bento do Una
Vindo num baque solto de um Maracatu
Eu sou um auto de Ariano Suassuna
No meio da Feira de Caruaru

Sou Frei Caneca no Pastoril do Faceta
Levando a flor da lira pra Nova Jerusalém
Sou Luiz Gonzaga, eu sou do mangue também

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte
Eu sou mameluco, eu sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte

Sou Macambira de Joaquim Cardoso
Banda de Pife no meio do Canavial
Na noite dos tambores silenciosos
Sou a calunga revelando o Carnaval
Sou a folia que desce lá de Olinda
O homem da meia-noite puxando esse cordão
Sou jangadeiro na festa de Jaboatão

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte
Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte
Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte
Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte
Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte

(Compositores: Lenine e Paulo César Pinheiro. Música Leão do Norte, 1993)

Os dois compositores, Saulo e Lenine, cantam as belezas dos seus lugares, reconhecendo os valores do seu povo, das tantas diversidades e força de um Nordeste que tem subjetividades próprias. Ao mesmo tempo que o mundo do lado de cá parece ser banhado de injustiças e falências, ainda há de se ter alegria por aqui e orgulho de ser daqui. A poesia na nossa música sempre se destacou, a arte não mostra o que está para fora dela, ela nos vira do avesso, deflagra nossos sentimentos, dores e alegrias. O artista

propõe suas reflexões a partir da sua experiência de troca com a vida e com o mundo. O corpo é mídia de si próprio (KATZ, Helena; GREINER, Cristhine. **Todo corpo é corpomídia**, in. O corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005). Assim, alguns de nós escolhem seus percursos e investigações. Para pensar outras formas, trago as músicas que contrapõem alegrias e belezas, com Chico Science Nação Zumbi e Baiana System:

Insular 7

Oi minha amada veja o que vou lhe contar. Não se preocupe que eu não vou lhe perturbar. Eu tenho pena de ver o seu sofrer.
Aí meu canto e vamos nós juntinho viver. Eu tenho pena de ver o seu sofrer.

Boa noite pra quem chegou. Boa noite pra quem tá chegando. O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas.
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas. Cavaleiros circulam vigiando as pessoas.
Não importa se são ruins, nem importa se são boas. E a cidade se apresenta centro das ambições.

Para mendigos ou ricos e outras armações. Coletivos, automóveis, motos e metros.
Trabalhadores, patrões, policiais camelôs. A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce.
A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce.

A cidade se encontra restituída. Por aqueles que a usaram em busca de saída. Ilusora de pessoas de outros lugares.
A cidade e sua fama vai além dos mares. No meio da esperteza internacional. A cidade até que não está tão mal.
E a situação sempre mais ou menos. Sempre uns com mais e outros com menos. A cidade não para, a cidade só cresce.
O de cima sobe e o de baixo desce. A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce.

Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu. Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu.
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubu. Num dia de sol Recife acordou. Com a mesma fedentina do dia anterior.
A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce. A cidade não para, a cidade só cresce.
O de cima sobe e o de baixo desce.

(Compositor: Chico Science. Música A Cidade, 1994)

Insular 8

Todo dia acorda cedo pro trabalho.
Bota seu cordão de alho.
E segue firme pra batalha.
Olho por olho. Dente por dente.
Espalha. Lei da Babilônia é diferente.
Quem vigia compra trevo escapulário.
Bota seu cordão de alho e segue firme pra batalha. Espalha.
Lei da Babilônia é diferente.
Já na descida e não sabe descer dançando.
Sabe subir na vida e não sabe subir dançando.
E quando sai da cidade,
Saudade sai bagunçando.

E quando chega a saudade.
A saudade sai bagunçando.
Dividir Salvador. Dividir Salvador.
Diz em que cidade você se encaixa. Cidade alta. Cidade baixa.
Diz em que cidade você. Oh oh oh Bagdá.
(Compositores: Marcelo Seco e Russo Passapusso. Música Duas Cidades, 2016)

Os encontros fizeram as aproximações entre baianas, baianos e pernambucanas, fomos as encruzilhadas onde entregávamos nossos porquês e oferecíamos as tantas experiências como verdadeiras oferendas. Os aprofundamentos pareciam ser impossíveis de serem cumpridos nesses encontros semanais, tinha um grupo de pesquisadores que estavam envolvidos com suas próprias questões e proposições acadêmicas. Assim não me sentia à vontade de propor mais dias e horários, resolvi que seriam apenas encontros propositivos de outras possibilidades de aproximação presencial no futuro. Em um dos nossos últimos encontros pude apresentar Silva Góes, minha parceira na dramaturgia de Pontilhados. Ela compartilhou suas experiências e respondeu algumas perguntas, uma escuta importante que saiu apenas do lugar da fala de um único criador. Mesmo sentindo necessidade de mais tempo com eles, sabia que de alguma forma essa seria a opção possível naqueles tempos de isolamento e pandemia. Precisava banhar nossos corpos com as águas salgadas, provocar encontros ao vivo. Outras ilhas foram sendo desenhadas nesse novo desenrolar da pesquisa, pude receber na minha cidade três residentes para um experimento diferente e novo até para mim.

Ilha Daqui (Pontilhando pelas telas o Recife)

Escolhi estudar uma obra de dança que traz temas relacionados diretamente a uma cidade que habito (Recife) e os tantos problemas sociais, religiosos, de raça, gênero, urbanísticos etc. Uma dança localizada num determinado território, mas que em seu percurso acabou dialogando com outros centros urbanos (São Paulo e Porto Alegre). No mestrado, propus conversar com a cidade de Salvador, uma criação que por si só já trazia uma complexidade; para mim, a experiência sensorial que a obra propunha era o grande diferencial de outras criações. Visto que o percurso por onde as pessoas passam ao assistir a obra é acompanhada por uma trilha sonora composta de modo a narrar este percurso e partilhar fragmentos de histórias, poesias e músicas. Tal trilha é acessada pelas pessoas através de fones de ouvido.

Então, precisava que, de alguma forma, esses colegas da UFBA pudessem vivenciar algo parecido.

Descobri que três pessoas (Camila Saraiva, Cristiane Pinho e Denny Neves) estariam no Recife na mesma época e então propus um encontro no bairro do Recife Antigo, onde criamos a obra *Pontilhados*. Eles vivenciarem o passeio acompanhando tudo pela tela do celular. Marcamos o horário e antes de começar expliquei como seria a dinâmica do passeio, assim como fazia com o público quando fazíamos ao vivo, iríamos passar pelas ruas, pontes, calçadas, avenidas, praças... Acompanhando tudo pela internet, o áudio era o mesmo que o público recebia ao assistir o trabalho ao vivo. O vídeo, que está disponibilizado no canal do YouTube do grupo (<https://youtu.be/ZDSN4z9G9n4>), nos trazia as imagens do espetáculo. Acionamos o vídeo na mesma hora e fomos percorrendo juntos os cenários vazios, sem nosso dançar ocupando os chãos da nossa ilha e com pouquíssimas pessoas nas ruas – ainda estávamos num momento crítico da pandemia. Não imaginava como isso poderia se desenrolar enquanto experiência, muito curiosa para saber como seria a reação do grupo ao final do percurso. Ali, descobri junto com eles e elas que estávamos ocupando as ruas de uma outra maneira; para mim especialmente, que conhecia demais a obra e o que ela proporcionava enquanto experiência, não imaginava que pudesse provocar uma outra potência e reação, causando sensações e emoções acessadas por outros meios que descobria com o grupo naquele momento.

Quando chegamos na Praça do Marco Zero, final do nosso percurso/passeio/dançado, e todos estavam emocionados, como se tivessem assistido ao vivo, foi uma grande surpresa. Apesar de ouvir os depoimentos do grupo ao final, percebia também e observava a partir de mim mesma que a sensibilidade estava mais à flor da pele. *Pontilhados* causando outra vez reações imprevistas de quem acessa a obra. Uma experiência única e inesquecível. Pude ter retornos maravilhosos e alguns textos, que compartilho nesse mergulho em Recife por corações pernambucanos e baianos.

Insular 9

Mônica Lira é uma fiandeira!

Se a experiência de ver/ouvir/sentir o espetáculo de dança contemporânea *Pontilhados* buscou proporcionar uma experiência levada ao pé da letra, no sentido de criar pontes, poderia dizer que, mais que criar pontes entre ilhas e cidades, a minha experiência foi além desta indicação, provocando-me as memórias de menino nascido na cidade dos Prazeres. Na minha primeira infância, toda vez que voltava pra casa com os fundos das calças rasgadas, depois de brincar e fazer estripulias nos trilhos dos trens que ligam Jaboatão dos Guararapes ao centro do Recife, não era incomum ouvir minha avó dizer, “vou dar uns pontos nesse seu rabo rasgado”, se referindo a “pontilhar” com linha e agulha o devido rasgão.

Essa foi a primeira imagem que me veio à memória quando tive a experiência de percorrer as ruas do Recife Antigo, acompanhando hibridamente a primeira montagem do espetáculo, sem a presença física dos dançarinos desta primeira montagem. Acompanhava as imagens virtualmente pelo celular e ouvia a trilha/poesia/sonora com fones de ouvido encarnados

na mesma trajetória original do primeiro espetáculo. Uma sensação muito doída. Primeiro porque o caminho era o mesmo, mas profundamente marcado pelo tempo da Pandemia do Covid-19 no final de 2021, em ruas repletas de silêncios e sons.

Em princípio as imagens coreográficas “remotas” se misturavam com as imagens “presenciais” de uma cidade vazia e ao mesmo tempo repleta de memórias da própria cidade, que continuava dançando e insistindo em irromper as fissuras provocadas pela presença/ausência de seus dançadores. Sim, as figuras criadas pela dramaturgia do corpo/dançador/contemporâneo se refletiam nas figuras ali presentes, que insistiam em permanecer costurando seus medos, angústias e espasmos musculares, revelando provocações involuntárias e repentinas em tempos sombrios e incertos. Mônica Lira, guiando seu novo bando perambulador, a convite de suas novas conexões, vinha coser um novo Pontilhado, como uma parca tecelã de destinos outros, (re)costurando os fundilhos de uma cidade nua e avessa ao seu tempo (Denny Neves – Prof. da Escola de Dança da UFBA – Pernambucano residente em Salvador, 4 de junho de 2022).

Insular 10

Difícil escrever sobre minhas experiências pontilhadas com Mônica Lira e o Grupo Experimental. Me percebi adiando esse momento sem saber o motivo dessa hesitação. Suponho que a dificuldade esteja em acessar essas experiências no meio de uma rotina tão... tão desumana. Porque as experiências pontilhadas que vivi foram grandes mergulhos na natureza humana. Pelo menos essa era a proposta, viver, experienciar humanidades. E quando hesito em fazer esse exercício de escrita, talvez seja porque isso demanda de mim fazer um pequeno mergulho nessas memórias. Só que no meio do dia a dia cruel, por vezes esses pequenos mergulhos assustam, porque o desejo é de se afogar.

Caminhei pelas ruas de Recife assistindo na tela do celular Pontilhados, escutando a trilha, ao mesmo tempo em que perambulava por aqueles mesmos lugares vazios. Não exatamente vazios, mas esvaziados de vida. Ainda assim, algumas presenças revelavam-se vivas, no sono exausto no chão da rua com o cobertor de papelão, com cachorros latindo presos a um carrinho de supermercado, com os cumprimentos escondidos em sorrisos tortos, uma ou outra bicicleta que passeava seu delírio na caixa de som. O sol queimava a minha pele no trajeto, não sei se suave por isso ou pela excitação de estar em coletivo na rua em dias de pandemia. No final do percurso, uma euforia tomou conta de todos presentes, o que ficou calado no caminho, na sobreposição das imagens da tela com o lançar da rede ao vivo do pescador em cima da ponte. A vontade era de sair correndo, saltar, pular, abraçar, gritar, rir, chorar. Naquele percurso quase que tracejado no chão, fomos preenchendo os espaços entre cada tracinho, de ponto em ponto, de passo em passo, era possível pontilhar juntas (Camila Saraiva – doutoranda em dança na Escola de Dança da UFBA. Baiana residente em João Pessoa, 6 de junho de 2022).

Receber esses escritos é como receber um abraço. É perceber que a cada experiência proposta através do nosso dançar contribuímos com o mundo, entregando nossa arte. Mesmo diante de mundos tão feios e desumanos, ainda podemos sentir poesia e corações em sintonia com o bem e o amor nas suas mais diferentes formas de sentir e partilhar. Pontilhar o Recife em meio a tudo que estávamos atravessando foi, sem dúvida, um diferencial para as pessoas que viveram aquele dia.

Algumas cenas propostas na tela do celular se sobrepunham às cenas de algumas intervenções acontecendo ao vivo, acontecendo ao mesmo tempo que estávamos assistindo na tela. Um exemplo:

numa das cenas os bailarinos dançam deitados em colchões, nesse momento estavam jogados na rua dois homens em situação de total abandono. Como tantos pelo nosso Brasil de desumanidade, poder ver essa realidade humana deflagrada no mesmo momento da nossa encenação foi simplesmente chocante, triste, e a emoção tomou conta. Outro momento foi quando passamos na Ponte Duarte Coelho, que liga a ilha do Recife Antigo ao bairro de São José, e um pescador que quase diariamente pesca no Rio Capibaribe estava no mesmo local onde também no vídeo a imagem dele aparece jogando a rede no rio. Uma coreografia da cidade, feita por gente trabalhadora e que ainda precisa de uma vontade enorme para permanecer na sua realidade de tantos desafios. A virtualidade interagindo com a paisagem humana de uma cidade de contrastes e muita pobreza. Um dia que Pontilhados me corpeu de outra forma, acessando outros estímulos e sentimentos de ainda mais reflexões!

Ilha de outras águas (Pontilhando e banhando Salvador)

Insular 11

Trem sujo da Leopoldina.
Correndo, correndo, parece dizer: tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome,
tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome.
Estação de Caxias.
De novo a correr.
De novo a dizer: tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome,
tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome.
Tantas caras tristes. Querendo chegar em algum destino.
Em algum lugar.
Sai das estações.
Quando vai parando começa a dizer: se tem gente com fome, dá de comer. Se tem gente com fome, dá de comer.
Se tem gente com fome, dá de comer. Se tem gente com fome, dá de comer. Se tem gente com fome, dá de comer.
Se tem gente com fome, dá de comer. Se tem gente com fome, dá de comer.
Mas o trem irá todo autoritário. Quando o trem parar
(Letra adaptada do poema de Solano Trindade, Tem gente com fome, por João Ricardo, interpretada
por Ney Matogrosso, clipe de 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I5FUX3e089I>)

A fome anda por todos os lugares desse nosso Brasil, escolhi atravessar o país em terra firme, onde deveríamos ter mais segurança do que nos mares e oceanos, mas por aqui o que existe são incertezas, perigos, tensões, dúvidas, inseguranças, fome, muita fome. Em nossas terras isso pulsava em todos os lugares, nesse país de tamanha desigualdade. Trago Solano Trindade (poeta brasileiro, pintor, ator, dramaturgo, ativista do movimento negro no Brasil, pesquisador da cultura popular) para conversar

comigo e poder me acompanhar nesse trem que agora atravessaria Pernambuco, nosso estado de nascimento – Solano era pernambucano. Homem negro filho de sapateiro, casado com a coreógrafa Maria Margarida da Trindade, defensor dos mais pobres, conhecido como “poeta do povo”. A música que inicio a minha chegada nessa outra ilha de Salvador é de Solado, uma das mais reconhecidas em sua carreira, proibida na época da ditadura quando Os Secos e Molhados tentou gravar, e só em 1979. Ney Matogrosso consegue gravar e lançar o poema musicado “Tem gente com fome”. Voltamos a falar dos tempos que parecem se repetir, a política de extrema-direita, opressão, perseguições, a pobreza aumentou e a fome voltou. Em 2021, o poema de Solano virou campanha contra a fome no país, no vídeo vários artistas negros repetem a frase “Tem gente com fome”, em coro, e respondem “Se tem gente com fome, dá de comer”

Disponível em:



A nossa região tem uma cor, e ela é preta, me envergonho a cada dia que acordo e me lembro que sou branca e de como nossos irmãos pretos sofreram e ainda sofrem com o racismo estrutural que assola nosso país em pleno século XXI. As desumanidades estão postas no mundo e parece que estamos enfraquecidos; a única forma que nos resta é a nossa arte e o direito a dançar, escrever, cantar, pintar. Só que não, até isso estão tirando de nós, neste ano vários festivais e festas estão proibindo os artistas de falarem o nome do presidente Lula. Estamos enfrentando uma onda de censura que vem se fortalecendo. Um dos maiores Festivais de Pernambuco, Festival de inverno de Garanhuns (FIG), já declarou as proibições, tentando nos calar e proibindo cantores de expressar seus desejos e escolha política para as eleições de 2022. Muitos artistas estão se negando a participar. Esse mesmo festival proibiu a peça *O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu* de Renata Carvalho, no ano de 2018.

Estamos sim vivendo uma ditadura em formatos camuflados e escondidos. Os preconceitos de raça e gênero aumentam consideravelmente no país, a desumanidade está em todos os ambientes de poder e os menos informados ou até mesmo ignorantes não percebem. Estamos num ano crucial, onde o voto poderá mudar esse cenário de ódio, mortes, opressões, preconceitos, abandono, descaso com o povo que mais necessita. Voltamos a conversar com Solano e conto para ele que, quando estivemos em Porto

Alegre, nunca imaginaríamos que era uma cidade preta também, apesar de estar na região mais branca do país. Aqui no Recife, montamos Pontilhados no Pátio de São Pedro um pátio de histórias negras, onde Solano Trindade tem uma estátua em sua homenagem, e nós o temos em nosso percurso, escrito por Sílvia Góes:

Insular 12

Ali na esquina o poeta Solano, teatrólogo, pintor, folclorista, ator, NEGRO, com o sino na mão, reverbera o refrão de um povo inteiro: Trem sujo da Leopoldina / correndo correndo / parece dizer / tem gente com fome / tem gente com fome / tem gente com fome / Só nas estações / quando vai parando / lentamente / começa a dizer / se tem gente com fome / dá de comer / se tem gente com fome / dá de comer / se tem gente com fome / dá de comer. Há mais, há sempre muito mais... Há mais na escuta do corpo quando não estamos sós... A beleza que vibra, dança, pulsa, acredita, é nossa também... (Sílvia Góes, texto de Pontilhados para o Pátio de São Pedro, Recife, 2019).

Em 2018 saímos do Recife para construir e pontilhar a cidade de Porto Alegre e São Paulo. Quero trazer o relato da minha surpresa em descobrir que o estado do Rio Grande do Sul traz na sua história e até hoje uma comunidade grande de negros, mesmo sendo também uma das regiões com a população de mais brancos. Quando fomos pesquisar e estudar Porto Alegre descobrimos várias histórias, inclusive de que é o estado do Brasil com o maior número de terreiros. Na dramaturgia de Pontilhados, trouxemos Nega Lu e o príncipe Custódio, dois negros que fizeram história em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Nega Lu, um homossexual que se autodefinia como "preto, pobre e puto", uma figura que ganhou notoriedade nas noites boêmias de Porto Alegre entre os anos 1970 e 1990. Uma história importante que foi contada no livro Nega Lu – Uma dama de barba mal feita, escrito por Paulo César Teixeira. Dançamos para ela uma das músicas que mais gostava de cantar nas festas que era convidado, cantava Aquarius, trilha do filme Hair.

Insular 13

Enraíze seus pés vivos e sinta. O que há além do chão? Freguesia, vila. Sobre as águas pelo homem erguida em pedras e sonhos, abaixo dos teus pés, além do que não é, tudo é líquido, tudo passa. A noite também... E depois o dia... Boemia... Atravessando escuros em auroras, encontros, espantos... Baús, cus, cacetes, xoxotas, o riso no alívio do álcool, liberdades marginais, luta, censura nunca mais, ativismo político e necessário... Transgressão, transmutação, transformação, cantos ancestrais... Arte como lida divina, dó breu ao raiar do sol, da cozinha à escola de samba, do quintal ao bar, de preferência dançando sobre as mesas... A generosidade despudorada de doar-se. Nega Lu, presente! Renata, presente! Jesus! Rainha do céu da esquina maldita do Alaska, bendita Nega Lu!... Oxalá!... Contigo era mais colorida a cidade em tempos de chumbo. Preto, pobre, puto. Uma mulher sem disfarces, de pouca maquiagem. Uma mulher, várias. Beleza, ostentação e magia. É preciso a voz e a poesia. É urgente a liberdade de ser. É inadiável viver! (Sílvia Góes, texto de Pontilhados Porto Alegre, 2019).

Passeamos por Porto Alegre, intervimos na paisagem da cidade com a nossa dança, e através da pesquisa pudemos conhecer de perto e dialogar sobre nossas mazelas. Mas não posso deixar de trazer este detalhe que aproxima a todos nós brasileiros: somos um povo preto. Ainda aqui no Sul pudemos também encontrar um príncipe negro que chega ao Brasil exilado da África, mas consegue ser respeitado pela sociedade aristocrata, sendo sempre procurado pelos políticos por realizar curas através das crenças e remédios que desenvolvia.

Insular 14

Momento de novas travessias, transformações, receba a memória do mercado... Quadrilátero incendiado, sobrevivente sagrado na vida profana do povo, protegido do Orixá... Bará, o mais irreverente e astuto, guardião das sete chaves, a mais humana entidade... Liberdade e segredos cravados no fundo das almas e peles negras reais, mundanos que somos, repletos de mundos... Mensageiro das gentes, sob as bênçãos de Oxalá... Príncipe Custódio... Presente! Pernas, peitos, pés, partos, pontes, portos, pênis, passos, paisagens, pai de oito filhos, exílios, miragens, poesia e fé... (Sílvia Góes, texto de Pontilhados Porto Alegre, 2019)

Peço licença para chegar em Salvador, voltando de Porto Alegre onde fui encontrar com outros antepassados, para não esquecer do que vivi e aprendi, voltamos nesse trem que coleciona ecos de vozes sofridas de um povo forte, porém cansadas dessa luta tão desigual e sem fim. Seguimos na busca de uma dança denúncia, uma dança do encontro com cada pessoa que atravessa este país. Viajando por esse mar para o primeiro encontro presencial com nossos residentes virtuais em terras baianas.

Cheguei em Salvador com um amigo parceiro de muitas danças e produções no experimental, Silvio Barreto. Fomos fazer um encontro/experimento, levei um áudio que preparei com a intenção deles poderem vivenciar essa experiência sensorial e assim se aproximar de Pontilhados. Precisava entender o percurso que gostaria de realizar dentro da *Jornada da Dança da Bahia*. Tinha conseguido fechar com Fátima Suarez minha participação, uma residência presencial e uma intervenção final pontilhando Salvador. Durante as negociações da minha ida em novembro para o evento, fomos orientados para fazer a nossa intervenção na praça Campo Grande. Isso estava totalmente contra as nossas ideias de roteiros e percursos anteriores, porém precisava entender que não estava numa produção independente e tinha uma oportunidade ótima para desenvolver minha pesquisa. Estava ciente dos desafios e o pouco tempo. Desde o princípio desejava iniciar nossa intervenção na Igreja da Barroquinha, já tinha iniciado uma pesquisa, mas por questões de produção do evento, que entendeu o local como sendo muito abandonado. O que acabava deixando uma vulnerabilidade exposta nas ruas e o público poderia correr algum risco. Assim, tivemos que transferir para o Campo Grande.

Precisava realizar um encontro presencial antes de irmos para residência, que aconteceria em novembro. Em outubro, fui por minha conta, pagando minhas despesas e do Silvio, para fazermos esse estudo. Uma visita técnica que iria medir e criar o esboço de um roteiro prévio. Isso era fundamental para acontecer o trabalho em tão pouco tempo. Assim, fomos a Salvador, coisa rápida; no primeiro dia dei aula na Escola de dança da FUNCEB para três dos residentes: Adil Araújo, Jean Souza e Márcio Fidelis. Um primeiro momento para propor aproximação de fazeres corporais e da minha movência enquanto coreógrafa.

No dia seguinte, encontramos com todos os residentes e fomos guiados por Denny Neves. Ele nos mostrou uma Salvador aos avessos. Conheci becos, ruelas, comunidades. Gentes que constroem a história do lugar, mas vivem às margens. Saímos da Barroquinha e fomos conhecer uma outra cidade. Uma tarde de experimentos reais de corpo, memória, dança, caminhada; seguimos juntos. Tive a honra de conhecer Guiga de Ogum, um compositor com aproximadamente 300 obras e eu nunca tinha escutado falar nele. Essa é uma das melhores partes, conhecer alguns dos tantos artistas esquecidos por esse mundo, quanta admiração.

Insular 15

Em Salvador, emprestando meus fios condutores para uma experiência/guiaça, o pontilhado se iniciou pelo marco fundador do terreiro da primeira casa/candomblé de cidade. Puxando fios quase invisíveis dos fundos da Igreja da Barroquinha, Mônica Lira, agora como uma “Mãe Ciata”, precisava tomar na decisão. Iniciar uma (re)costura a ser pontilhada descendo pela Baixa dos Sapateiros, ou seguir ziguezagueando as trilhas rumo à cidade alta, Pelourinho. Nenhum dos caminhos! A estátua imponente do poeta Castro Alves, na praça, apontava para uma direção contrária. A encruzilhada por ele indicada nos levou aos pés de um “Cristo dos Miseráveis”, rumo aos “nós cegos”, uma cidade pelo avesso... do avesso... do avesso, como já dizia Caetano Veloso. Seguimos pelas velhas ladeiras que costeiam e sustentam a cidade. Sim... ladeiras também são como os antigos rios soterrados pela tampa brutal do asfalto, como o “Rio das Tripas” que ainda corre pelo esgoto da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha. Desses rios que viraram trilhas de ligação entre a cidade alta e a cidade baixa do São Salvador.

Pontilhamos pela Ladeira da Montanha, rebolando pela Ladeira da Misericórdia para ouvir “estórias” do Mestre Guiga de Ogum, na Ladeira da Preguiça. Subimos rumo à Rua Areal de Cima para desembocar no Largo Dois de Julho. Foi como um tombo, um trupé e um barravento a nossa entrada nos buracos sociais, nas vulnerabilidades e nas fraturas de uma cidade/país colonizado, riscado em folhas de papel carbono, revelando os rastros de seus apagamentos (Denny Neves – Prof. da Escola de Dança da UFBA – Pernambucano residente em Salvador, 4 de junho de 2022).

No dia seguinte, me dediquei a pensar, estudar e criar conexões para um roteiro na Praça. Me sentia aprisionada, mas a criatividade sempre pulsa em mim e consegui pensar um miniroteiro. Pela primeira

vez iria construir um Pontilhados que não seria o trabalho como concebido. Organizava o trajeto como possíveis pistas para uma dramaturgia. Assim, voltei para Recife alimentada por esse encontro com corpos reais, suores, olhares, escuta, troca, movimento, muitas experiências vividas.

Insular 16

Eu estou interessado é na caminhada que fazemos aqui, na busca de uma espécie de equilíbrio entre o nosso mover-se na Terra e a constante criação do mundo. Pois a criação do mundo não foi um evento como o Big Bang, mas é algo que acontece a cada momento aqui e agora (KRENAK, 2020, p. 69).

Compartilho um pouco dessas caminhadas, encontros em busca de humanidades nesses tempos de agora. Nessas imagens que apresento a seguir, tivemos o registro de Guiga de Ogum e da senhora que me pediu para tirar uma foto. Infelizmente não temos o nome dela. Além dos dois temos os residentes: Adil Araújo, Camila Saraiva, Cristiane Pinho, Denny Neves, Jean Souza e Márcio Fidelis. Convidado por Gilsamara Moura, o artista Clenio Magalhães e a própria Gilsamara, que na época estava como orientadora. A edição é de Silvio Barreto e a música de Lucas de Gal, especialmente composta para Pontilhados em Salvador. Esse material não tem ficha técnica no final, por esse motivo, escrevo aqui todas as pessoas envolvidas nesses experimentos em chãos do Nordeste (Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1fR7KGP3_bRydWgjEt2PRaMvJ_OOc201k/view?usp=sharing).

Ilha do Pelourinho (residência, intervenção final)

Agora era chegada a hora de poder experimentar Pontilhados em Salvador. Ainda estava no Recife, estudando e preparando a residência, quando recebo uma ligação da produção da XII Jornada de Dança da Bahia, me informando que o trabalho final não poderia mais acontecer na Praça Campo Grande. Estávamos no mês de novembro e a cidade estava sendo preparada para o Natal. E a praça seria o local principal com palco e toda uma programação de lançamento que chocaria com a data da intervenção. Mudar o local me deixou um pouco atônita, principalmente pelo pouco tempo que tinha. Foi definido, então, que faríamos no Pelourinho. No entorno do Terreiro de Jesus, Largo da Igreja e convento de São Francisco. Um roteiro que muito dialoga com a proposta original de Pontilhados, sempre percorremos os centros históricos das cidades por onde passamos. Mas faríamos isso sem antes ter pisado no chão, sentido as pessoas que habitam aquele importante centro arquitetônico, cheio de gentes, histórias passadas e presentes. Definitivamente tinha um problema para ser solucionado e enfrentado. Fui iniciando conversas com o grupo da residência virtual. Mesmo já tendo terminado a residência,

estávamos ligados, pois a maioria iria participar da residência e da intervenção final.

Iniciei a pesquisa pela internet, apesar de conhecer o local, nunca estive lá com a perspectiva de intervir naquele chão. Diga-se de passagem, um chão sagrado, cheio de simbologias, dores, alegrias, poesias cravadas nas paredes. Para poder conceber uma ideia de dramaturgia necessitava conhecer mais a história daquele terreiro. Assim iniciei minha pesquisa, visitando vários sites, conversando com baianos amigos, lendo e construindo um outro esboço para essa nova realidade criativa. Também precisava medir o tempo de caminhada, pois o passeio da obra é todo cronometrado. O áudio é compartilhado com o público e, uma vez iniciado o percurso, não para. Precisava que alguém pudesse fazer esse mapeamento do local, filmar o terreiro e as ruas do seu entorno. Pude contar com a ajuda de Eri Souza, um anjo/assistente da produção do evento, que me auxiliou e acompanhou todo o tempo da pré-produção e, principalmente, durante a residência.

A construção da escrita de Silvia Góes tinha uma mesma base para o desenvolvimento de outras dramaturgias. Conversamos e propus a ela que construiria um mosaico com alguns dos nossos textos, inserindo minhas escolhas de escritas para conversar com Salvador. Afinal, seria impossível construir uma dramaturgia para uma nova cidade em tão pouco tempo e sem nenhum aporte financeiro para desenvolver o trabalho com tanta gente envolvida. Pontilhados sempre foi uma obra construída por muitas mãos e corpos. Minha ida para Salvador seria para realizar uma residência, mas como estava no mestrado, achei importante propor a jornada realizar uma intervenção de Pontilhados, como uma oportunidade de construir uma possibilidade de ação que pudesse contribuir com a pesquisa.

Fui para Salvador apenas com uma assistente, Rafaella Trindade. Nosso editor, Silvio Barreto, ficou em Recife para construir toda trilha a distância. Ainda no Recife, participei juntamente com Matias Santiago, coordenador de produção da Jornada da Dança, da seleção dos inscritos para a residência. Foram 20 selecionados, mas acabaram participando 21 artistas. *A XII Jornada de Dança da Bahia* é um encontro que reúne artistas, professores, pesquisadores, dançarinos, estudantes e coreógrafos de vários lugares do Brasil. Na minha residência, pude conhecer e trocar com pessoas de São Paulo, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Pará, Ceará, Sergipe e Bahia. O evento aconteceu no Teatro Castro Alves, com aulas, mesas de discussões, espetáculos e, no encerramento, tivemos nossa intervenção no Pelourinho. O projeto tem coordenação geral de Fátima Suarez, que já realiza a sua décima segunda jornada. Produzir um encontro tão grande como foi o da jornada, em plena crise sanitária, é um ato de

muita valentia e resistência. As ações foram realizadas respeitando todos os protocolos sanitários e com a colaboração de todos e todas.

Logo que cheguei na cidade, só larguei as bolsas no quarto e fomos andando até o local da intervenção para um primeiro reconhecimento do local. Reuni tudo que estava trabalhando a distância e já iniciei a criação/concepção acreditando que daria certo! No primeiro encontro conversamos sobre a pesquisa de Pontilhados, mostrei vídeos, falei um pouco do que se tratava a obra e que estava, naquele momento, imersa no mover que iria nos amparar e direcionar para uma intervenção final. Também apresentei o PRODAN para toda a turma e tive o prazer de ter como residente um dos coordenadores do programa, o professor e artista Lucas Valentim.

Nosso cronograma aconteceu da seguinte forma: tivemos um primeiro dia com mostra de vídeo da obra a ser estudada, apresentação de todas as pessoas, aula de dança, na qual trabalho uma metodologia ligada ao próprio trabalho de Pontilhados. Sequências coreográficas e exercícios de improvisação, tudo amparado e conduzido com a ideia dessa construção coletiva. A proposição estava lançada e precisávamos vivenciar a rua. Do segundo dia em diante nos encontrávamos no Castro Alves, trabalhávamos um pouco e seguíamos para o Pelourinho.

Ao propor a um grupo de artistas um encontro com uma obra já existente e partituras coreográficas já criadas, me fez pensar que, embora a experiência tenha se dado na relação do artista com um lugar nada convencional, afinal, nesses tempos de agora, está difícil desenvolver um trabalho. Ainda tinha o tempo curto e uma obra de muita complexidade, uma verdadeira engrenagem que necessitava de muitos artesões. De fato, conseguimos construir e apresentar essas pistas para uma dramaturgia de *Pontilhados*, que mais parecia um *Pontilhados* novo.

Estudamos algumas das cenas em sala e, assim, fomos construindo uma dança esparramada pelas ruas do Pelourinho. Num deitar, levantar, correr, andar rápido, andar lento, rastejar, se debater, ficar de ponta-cabeça, parada de mão, subir, descer, dançar livremente, frevar, dançar a dois, a duas, até reunir todos numa grande celebração, num batuque que parecia fazer tremer aquele chão, revivendo as ancestralidades na sua máxima potência. Convidei um colega mestrando do PRODAN, o músico Lucas de Gal, um artista baiano sensível, que não só se aproximou me enviando referências de músicas, como criou duas músicas inéditas pro nosso passeio. Ele também participou ao vivo, tocando na celebração

final desse encontro. A outra parceria que fizemos foi com a amiga e também participante da nossa primeira residência, Cristiane Pinho, que nos brindou com sua voz e sotaque baiano gravando todas as poesias e narrativa do trabalho. Dançamos essa vida que ainda pulsava em nós, mas não pelo simples fato de estarmos felizes e que dançar faz bem, nos deixa bem, nos salva, cura, ressignifica, repousa e voa. Não apenas por nós, mas também pelo outro, pelo mundo, como necessidade de grito, e não para se sentir morrendo mesmo estando vivo.

Insular 17

A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. Uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, cresceu, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço; tudo isso é uma historinha ridícula. Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos e não ficar barganhando a sobrevivência (KRENAK, 2020, p. 108).

Eu tenho insistido com as pessoas, seja na minha aldeia, seja em qualquer outro lugar, que sobreviver já é uma negociação em torno da vida, que é um dom maravilhoso e não pode ser reduzido. Nós estamos em nossa relação com a vida, como um peixinho num eterno oceano, em maravilhosa fruição. Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida. Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis. É por isso que muita gente morre cedo, desiste dessa bobagem toda e vai embora (KRENAK, 2020, p. 109).

Quando nos reconhecemos através de algo é tão surpreendente; sim, a escrita simples de Krenak e, ao mesmo tempo, de uma profundidade tão oceânica, foi para mim como enxergar o horizonte no mar e mesmo assim não saber onde ele acaba. Foi assim que li e recebi as suas escritas tão fortes, reais, como um sacolejo no corpo, um tremor na alma e a certeza de que sabemos muito pouco do mundo e de nós. Assim, posso dizer que quando iniciei os meus passos nesse mundo dançante, nunca imaginei que seria como uma utilidade de vida. No sentido de que essa vida na dança tivesse que me devolver algo, a palavra útil nos remete a tantas semelhanças como: conveniente, favorável, lucrativo, propício, proveitoso, vantajoso, animador, auspicioso, esperançoso, benéfico. Nesse mar em que pude dançar toda a minha vida – sim, já posso dizer isso –, já alcancei mais de meio século em vida dançante.

Sempre soube que a dança não me daria muitos retornos materiais, mas me deu algo que não existe palavra para escrever aqui. Talvez só dançando consiga dizer: a dança é como o amor; não conseguimos transformar em palavras tudo que sentimos. Trago essa reflexão para que eu mesma possa responder alguns questionamentos que venho me fazendo em relação à dança. De como

podemos chegar mais próximos do público e dialogar sobre algum tema que seja interessante? Nesse mundo que despenca a cada dia, que dança deveria dançar, praticar e encenar? O que apresento enquanto proposições artísticas, e o que escolho assistir enquanto público?

Pontilhados foi esse lugar de me reencontrar, era isso que eu queria dançar. O mais curioso é que nunca dancei nem estive em cena em *Pontilhados*, mas também aprendi que minha presença na cena nunca foi o mais importante, poderia contribuir muito em outros lugares enquanto artista. O necessário era propor algo, dialogar com as pessoas através da arte da dança e numa poesia de corpos desprovidos de vaidades e abertos a uma entrega propositiva e coletiva, numa construção de afetos e encontros que só a arte pode proporcionar, mas nem todos conseguem ver, sentir, muito menos entender. Fomos e somos programados para sempre entender e nunca se deixar sentir.

Insular 18

Quando apresentamos pistas para uma dramaturgia de *Pontilhados* em Salvador, senti que cada encontro estava vivo em mim. Cada conversa virtual no Zoom nas tardes das segundas guardou um abraço, um afago, um sorriso que foi oferecido ali naqueles dias. Foram poucos dias para tamanha tarefa de apresentar algo que fosse justo, justo com a cidade, com as pessoas, com os encontros, com as experiências passadas, com o grupo experimental, com os que se foram, com os que esperam. Naqueles dias não consegui pensar em mais nada, me envolver com nada que não fizesse parte da proposta daquela experiência, eu sentia que não tinha condições de lidar com mais nada. Não marquei de ver familiares, não encontrei com amigos, me dediquei inteiramente à residência intensiva proposta na jornada de dança. Essa experiência seria inteiramente minha, do meu encontro com a cidade e com aquelas pessoas. Se eu fechar os olhos, consigo voltar para o momento em que deitamos pela primeira vez no chão do Largo do Cruzeiro e olhamos para o céu azul com algumas poucas nuvens, de repente tudo que estava ao redor foi silenciando. Como seria dormir naquele chão todos os dias? Eu que havia trabalhado ali perto, ali mesmo no Pelourinho, não disfarçava a alegria de estar caminhando por aqueles becos de novo, sentindo aqueles cheiros que são só de lá. Nas primeiras corridas os cachorros estranhavam o alvoroço, mas depois entenderam que alguma coisa estava acontecendo e que eles não podiam atrapalhar, passaram a respeitar aquele vai e vem novo no lugar. Um dia desses, caminhando naquele mesmo lugar, vi os cachorros deitadinhos na cruz, de fato guardiões do Cruzeiro. Eu, que já tinha bebido algumas doses de cachaça, me senti íntima e fui cumprimentá-los; por sorte ou por ousadia não levei uma mordida, eles até aceitaram o afago de bom grado. Cumprimentei eles porque naquela experiência os conheci, nem sei se eles lembram de mim mas eu jamais esquecerei. Na despedida ficou uma vontade imensa de querer mais, mais de tudo. Aqueles corações ainda queriam atravessar meu peito e meu peito ainda desejava estourar corações na frente daquela igreja onde casam casais ricos cheios de pompas, naquele degrau meus pés pisaram como se pedissem licença, uma sensação de que não pertenciam àquele lugar. Não apenas por nunca ter entrado naquela igreja, mas por nunca ter dançado sozinha na rua algo entendido como dança contemporânea. Será que o lenço na cabeça revelava a minha dança ou me escondia dela? Eu já tinha mudado. Não tinha como voltar atrás. De ponto em ponto, de passo em passo, de encontro em encontro, eu já tinha mudado demais da conta. Já não me sentia a mesma. Me sentia pontilhada, tracejada, riscada, rabiscada, exposta, descascada, despelandando. Sinto-me diferente, transformada, pontilhada, costurada, remendada, tracejada, invadida, atravessada como se uma grande flecha tivesse me acertado bem nas vísceras, algumas vezes me falta o ar, me faltam as

palavras, até o sorriso se nega a aparecer, mas quando vem ele diz pra que veio. Me relaciono de uma outra maneira com as cidades, com as ruas, com os cantos, os becos, os bancos, e principalmente com as pessoas. Sim, especialmente com as pessoas. Passei a enxergar pessoas que moram nas ruas de um jeito diferente, fico curiosa pra conhecer suas histórias, querendo aprender com elas. O velho hábito de pedir licença para conhecer as pessoas, para percorrer os caminhos e para entrar nos lugares, vem se fortalecendo junto com a minha vontade de conhecer (Camila Saraiva – doutoranda em dança na Escola de Dança da UFBA. Baiana residente em João Pessoa, 6 de junho de 2022).

Insular 19

Pontilhados é uma experiência de sentidos, é uma imersão profunda, pra mim enquanto artista da Dança, ainda não tinha vivido tamanha experiência, pois ao mesmo tempo que é um processo poético, é também doloroso, no sentido das imersões que o mesmo nos provoca, pois nos faz perceber, sentir, viver esse espaço do invisível, das dores dos invisibilizados, nos faz entrar em contato direto com as histórias de vidas dessas pessoas, da cidade, das ruas e das encruzilhadas, do que pulsa, e que nós quase nunca paramos pra sentir, pra fazer parte desse contexto no qual, consciente ou não, estamos inseridos e fazemos parte. Pontilhados se faz na rua, na conexão, na vibração, nos entrelaçamentos. Na trilha sonora que você tem que sentir nas suas células corpóreas, você não a ouve, mas ela está em você. Pontilhados foi um presente para mim enquanto artista da Dança. Estar nas escadarias da Igreja de São Francisco, no Pelourinho, foi um retorno ancestral, pedi licença aos que vieram antes de mim, foi um momento único na minha vida, foi um retornar, foi acalento. Foi traduzir nos gestos, a esperança, as dores, o pensar sobre o amor, de tantas mulheres negras invisibilizadas. Pontilhados é, foi e está posto porque ele chega, nos atravessa, nos afeta, nos transforma e se torna parte de nós (Adil Araújo, artista da dança e professora, mestranda na UFBA – PRODAN. Salvador, maio de 2022).

Insular 20

Repartir-se-nos e pontilhar! Po.nt.ilh.a.do.s é movimento cênico em dança que se reparte para se atualizar e perpetuar em seu tempo, lugar e estado: reflexões com e pela Dança. Ao considerar um movimento, reflito seus caminhos metodológicos para que aconteçam espelhando a Vida pela Dança, e não meramente representando a vida: reuniões, oficinas de movimento, aulas de dança, estudo de vídeos, viagens e residências em diversos contextos e lugares espalhados pelo Brasil, discussões e reflexões, enfim, processos criativos vários, os quais cooperam para o sentido de atualização que me referi anteriormente. Assim, acredito estar diante de uma obra de arte dinâmica, fluída como água que corre, sobretudo pelo seu sentido de dobrar a existência, “refletindo-se-nos” em nossas vulnerabilidades, fraquezas, nuances de misérias sociais, mas também trazendo vida em abundância, em potência transformadora; de uma transformação de Si, o Ser que Dança, e do/a Outro/a, aquele/a que vê e sente e vive aquele dançar. Recordo-me do mito do Exu Elegbara (PRANDI, 2001, p. 74), Aquele Insaciável e que se reparte em tantos outros para a continuidade infinita: langui! Esta é uma leitura minha. Assim é P.ont.ilh.a.dos! Uma obra mágica, pois democraticamente acolhe e abre-se para coexistir junto a outras obras cênicas dentro de si mesma; come-as para devolvê-las no âmbito cênico, ampliando seus sentidos iniciais: acontecendo, então, uma na outra e, sobretudo, repartindo-se. Essa capacidade dialético-criativa, e, portanto, exusíaca, só pode ocorrer numa pesquisa demorada, dilatada no tempo e atualizada daquilo que nos integram Seres Sociais. Também esse tempo está e se dá para além da percepção de um tempo Chronus, assim, penso em um tempo outro: mágico, não linear, controverso; recheado das poéticas que nos encorpam os existires desde os tempos lailai (imemoriais). Ademais, só é possível mover-se e construir-se em Danças dessa forma se o exercício da criticidade operar adiante das idiossincrasias que nos recobrem. Enxergar-se à frente de nossas limitações vãs. Pontilhados, então, reflete o outro no Corpo, na pele e seus tantos cheiros e estados e condições, inclusive, as de/do abandono social; luta, portanto, por visibilidades onde tudo parece estar seco, oprimido e sem possibilidade de continuidade da vida e das Danças. Essa laterita langui – com todos

esses textos e contextos sociais –, encontrou-se comigo no cerne de Pont.ilha.dos em 15 de novembro de 2021, nos becos e vielas do Terreiro de Jesus, Pelourinho, cidade Negra de Salvador da Bahia, quando minha perspectiva de Corpo-Ebó, um Corpo-Político, Corpo-Possível, Corpo-Exu que se move e Dança pelas vias da encantaria e do axé de Candomblés esteve em cena, ali coexistindo e sendo aquela concepção cênica: comida, transformada e ampliada para alcançar outros Tempos, sentido, desejos e modos de permanecer/mos de Pé! A meu ver, naquela ocasião, fomos todos/as langui, fragmento vital e cheio de energia capaz de Pontilhar, como verbo e movença, (n)aquilo que ainda não havia sido p.r.e.v.i.s.t.o e aconteceu de modo que, ainda hoje, como nesta escrita, se reparte e reparte e reparte em inexorável necessidade e movimento de alargar o Tempo Existencial e a continuidade de Nós. Pontilhados assenta afetos que interessam para revolucionar o Corpo, embora já haja centelhas de utopia no cerne de tudo que nos move e nos acontece enquanto Pessoas que dançam por transformações. Precisamos continuar a p.o.n.t.ilha.r o T e m p o... (Jean Ferreira Souza, artista da dança, mestrando em dança na UFBA – PPGDANÇA, Salvador, junho de 2022).

Chego ao final deste memorial pensando que talvez seja o início. Nunca devemos achar que algo chegou ao fim, somos inacabados e assim também é a nossa arte e o mundo que habitamos. E é com essa sensação que escrevo esta dança, estamos num mundo prestes a explodir. Uma sensação de que só temos um dia para viver, diante de tantas (atro)cidades. Quando precisamos ler e ouvir a sabedoria dos povos originários e entender que, onde vivemos hoje já existia antes de chegarmos. E nem pedimos licença ou escutam os mares, rios, terras, montanhas, lagos, florestas, matas.

A desumanidade está a partir do momento em que desrespeitamos e destruímos o que mais precisamos cuidar. Imagine o que podemos esperar dos seres humanos que provocam tantas destruições. Continuamos normalizando tudo, temos uma guerra em curso que daqui a pouco completa quatro meses e, segundo especialistas, pode durar mais de um ano. A fome já não é novidade em outros países, mas no nosso voltou com muita força neste momento. Uma crise sanitária que parece não ter nos ensinado nada e parece persistir até que algo se transforme. Somos responsáveis também por tudo que está acontecendo. É mais do que urgente sairmos das nossas bolhas, confortos, estabilidades, dos tantos privilégios. Retorno ao meu país e sinto que o tempo é de máxima prontidão, precisamos fazer algo da maneira que cada um puder. Temos que continuar falando até que um dia chegue à consciência que não podemos pensar só em nós e nos nossos, precisamos olhar para os buracos sociais, políticos, econômicos. Os preconceitos raciais, sociais, religiosos, de gêneros, quanto à orientação sexual, linguística e cultural. Tudo que vem matando as pessoas de maneira absurda, mas principalmente o que todos nós matamos. Quando silenciarmos, negligenciamos, apagamos, ignoramos, abandonamos, invisibilizamos... Estamos, de alguma forma, matando. A parte que me cabe é dançada, é esgarçada, é sentida, é apreendida no mover.



P.O.N.T.I.L.H.A.D.O.S

dançando experiências humanas em mundos desumanos

Ainda é pouco demais só dançar, ainda é pouco só escrever, ainda é pouco só pintar, ainda é pouco só compor, ainda é pouco só estudar, ainda é pouco só ter consciência, ainda é pouco só sofrer de longe, ainda é pouco só dar um trocado, ainda é pouco dar uma cesta básica, ainda é pouco dar uma roupa velha, ainda é pouco, muito pouco ou quase nada...

Insular 21

Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos partes de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como a “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela. Tem algumas coisas dessas camadas que é quase humana: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos. Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle, do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados da cena, por epidemia, pobreza, fome, violência dirigida (KRENAK, 2019, p. 66–70).

Link do trabalho em Salvador:



AR

QUÍ

PÉ

LA

GO IV



Ilha de Guarás e Anus (pesquisa de Pontilhados em Garanhuns/PE)

Insular 1

Uma cidade nasce do encontro, um olhar e outro olhar, um corpo e outro corpo, uma pedra e outra pedra, eu e você... Garanhuns, cidade alada, de pássaros pretos soltos nos campos, muitos, e cães selvagens, antes, contam, quando o povo originário desse chão vivia ainda livre nas matas... Guarás, anuns, vermelhos e negros de asas, pernas e patas... Gente, bicho, flor, caminhantes do antes e aqui, pontilhando passos, raízes e voos, por ruas que nunca desvendaremos inteiras, nem se estivessem nuas... Ruas que nos ligam ao mundo e ao centro de nós... Olhe em volta... Como está sua nuca, seus pés, suas costas? Chegou a hora de viver em sua pele, horizonte com o fora, nosso encontro no agora... (Silvia Góes, texto de Pontilhados – Garanhuns/PE, 2022).

Já tínhamos reunido as ilhas que compunham nossos arquipélagos; mesmo não identificando como final, pensava ter concluído este memorial no arquipélago III. Uma mudança de curso e dos ventos alteraram nossa rota, precisávamos ainda desaguar essa água num rio principal, voltar aos nossos descendentes, nossos povos originários dessa vez denominadas pelos povos Fulniô. Conhecendo a sua "Yathê", como eles bem definem (a nossa língua), a sua "Ya-ti" (a nossa morada) e, por último, "Ya-fê" (a nossa terra), ou a nossa pátria. O percurso de Pontilhados precisava ter esse retorno ao início de tudo, das nossas próprias vidas. Falo de Garanhuns, uma cidade cheia de encantos e o chão/ventre que fez brotar minha parceira Silvia Góes, nesse caminhar de passeios profundos e necessários, onde os aprendizados são revolucionários, contemporâneos, renovadores, ousados... Poderíamos usar muitos dos sinônimos, mas nada que pudesse descrever na sua totalidade aquela experiência, uma regeneração que continuava nos reabilitando a nos reconhecer nesses rios/águas/mares que banham nossos mundos internos e externos.

Insular 2

Terra da garoa, por Simôa doada para que viesse nascer, herdeira indígena e sertanista no mesmo ser, de raiz cariri, mãe Unhanhú... Já viúva, recebeu sua parte da partilha das terras invadidas pelos homens de poder, que desde o tronco paterno ela também integrava, neta de Domingos Jorge Velho, e algoz de Zumbi, caçador conhecido de escravos e índios... Ali começava a existir uma Vila, municipalizando aos nossos tempos, o promissor povoado de Santo Antônio de Garanhuns, antigo Ararobá... A mesma terra onde, em 1917, viveu Ana, viúva que adiou seu luto para liderar a matança de uma Hecatombe anunciada, violência que rompia a barragem de suas lágrimas represadas... Nossas cidades fêmeas, loucas, livres; cidade precária, lagos, colinas, afluentes sujos do Mundaú, canto de poetas, putas, pobres, pardas, pretas, indígenas, peles, peitos, partos... (Silvia Góes, texto de Pontilhados – Garanhuns/PE, 2022).

Recebemos o convite do Sesc Pernambuco, tínhamos aproximadamente um mês e meio para pesquisar, construir e apresentar a obra. Realizamos a residência artística em nove dias, um tempo recorde.

Anteriormente já tínhamos ido, eu e Silvinha, para definição do roteiro, entrevistar moradores, artistas, poetas e, dessa vez, os próprios familiares dela, que ainda moram na cidade. Nessas idas e vindas, entendemos que as cidades, quanto menores, mais conseguimos conhecer, ouvir e contar histórias pessoais, cheias de vidas e humanidades. Garanhuns é uma cidade de contrastes, desfilando uma aparente modernidade por tantos requisitos; a Suíça Pernambucana, com um forte turismo, muitos lugares mágicos, além de abrigar há 30 anos nosso maior festival, o Festival de Inverno de Garanhuns, conhecido em todo o país, com espetáculos de teatro, dança, circo, shows de músicas, exposições, feira de artesanato e culinária para todos os paladares, mas carregado de polêmicas da classe artística. Aqui em Garanhuns, até hoje, tem muita resistência aos temas que chegam através dos trabalhos artísticos, uma cidade de preconceitos arraigados por uma sociedade construída no patriarcado, violências, proibições e equívocos. Tínhamos um papel delicado nesse lugar que não nos pertencia, mas com uma consciência de construir uma obra onde seus artistas pudessem pontilhar de forma liberta as tantas pressões vividas e reprimidas de um lugar ultrapassado.

Ilha das sete colinas (cidade do Cristo Magano)

Conhecida também como cidade das flores, da garoa, cercada por 7 colinas (Monte Sinai, Triunfo, Columinho, Ipiranga, Antas, Magano e Quilombo) por ficar localizada no Planalto da Borborema, a quase 900 metros acima do nível do mar, Garanhuns chega a ter no inverno temperaturas mínimas de 9° C e no verão de 25° C. Os contrastes por aqui se dão das mais variadas formas. Pontilhados nunca pretendeu estudar as cidades nas suas mais variadas formas de pesquisas, mas sim de encontrar temas que pudessem contribuir na construção de uma dramaturgia com suas narrativas humanas. Sendo assim, não poderíamos deixar de trazer uma informação que nos custa muito caro neste momento político que nosso país atravessa. Iríamos intervir de forma crítica, contundente, porém poética na cidade onde Luiz Inácio Lula da Silva, bem próximo, no distrito de Caetés, pertencente a Garanhuns, nasceu. Um ano de eleição em que precisamos reconstruir nosso país; para nossa surpresa, uma cidade na sua grande maioria oponente a Lula. Mesmo nas controvérsias, fizemos e deixamos nossa escolha política, nada nesse momento pode ser mais importante do que as eleições, e a arte tem um papel fundamental para minimamente resgatar alguns possíveis eleitores que ainda assim, mesmo depois de tudo, têm dúvidas em quem votar.

Tivemos 22 inscritos na residência e fomos com uma equipe de 8 pessoas do grupo, um trabalho com

trocas sensíveis e transformadoras. A cada chão pisado, a cada céu que nos guia, onde os encontros com as gentes de cada lugar é o verdadeiro saber desse emaranhado de histórias carregadas de corações, corpos e danças das mais variadas espécies, cores, classes, raças, cheiros, suores, rios e lágrimas. Acredito que construímos casos de amores com cada locação/cena criada, tudo que dançamos é visceral, pertencente a cada lugar, a cada vento que sopra em nossa face. Nas encruzilhadas, qual destino tomar? Onde as proibições ainda existiam por aqui... Proibido beijar o mesmo sexo, abraçar e acariciar é pecado, duas mulheres andando de mãos dadas não pode, perseguições, julgamentos, crimes, suicídios... Onde não se pode ser quem é, sempre haverá os que irão prematuramente. Dessa forma, precisamos recuar desses preconceitos violentos e tão fora de moda, aliás, eles nunca estiveram na moda. Aprendi muito nessa experiência, podemos acolher, abraçar, escutar, amar todes nas suas fragilidades e humanidades, mas nunca impor o seu individual pelo coletivo. Não somos daquele lugar e isso faz toda a diferença, as escolhas precisam ser de quem vive, mora e enfrenta diariamente essas lutas. Assim aconteceu, numa esquina de Garanhuns, histórias de um amor antigo atualizando nossos corações e olhares para o novo, o agora que já ficou velho, amores; sim, é bonito de ver, em qualquer circunstância ou orientação sexual. Vamos amar, deixar de olhar para o ódio e vencer a hipocrisia que adoeceu este país, vamos à revolução do amor e à mudança de um Brasil que queremos.

Insular 3

Independente das crenças e do fel em nossos corações / o sol vem e se põe todo dia / insensível à morte e ao ronco das nossas mentes tontas de si / enquanto o estômago rosna ao lado e mundo anoitece / indiferente aos homens / a lua, fecunda tudo que abre/ diante do escuro ou de qualquer coisa que se chame amor, mas não atenda por seu nome gasto / o céu não precisa de um Deus cercado de medos e muros para dar à luz entre os corpos / mesmo no breu das valas comuns / aos vivos, ressuscitem afinal / amem-se, exageradamente / Jesus, já veio! (Silvia Góes, texto de Pontilhados – Garanhuns/PE, 2022).

Fomos corpadas e corpados de muitas peles, danças que gritaram no silêncio, tocavam os tambores, apitos, maracás, sanfonas, pífanos... Terra de gente que move a música, que compõe a poesia que brota da história desse lugar e dos seus ancestrais...

Insular 4

Garanhuns, seus quilombos e santuários; Castainho, Estivas, Caluète, Timbó, Tigre, Estrela, Santa Quitéria de Frexeiras, ex-votos, oferendas, rituais... Rainha, mãe minha, é quilombola um tanto da vastidão plantada nesse chão, o brilho do suor ao sol... A história reescrita em preto sobre as tentativas de apagamentos, reverbera em novos ecos... Os tambores, não calarão jamais! (Silvia Góes, texto de Pontilhados – Garanhuns/PE, 2022).

Na sequência desse passeio fomos surpreendidos por muitas cores e jeitos de querer, escolher, viver, estar, ocupar, vestir, amar, usar... Nas mais bonitas paisagens, parece que não embelezamos o mundo, a humanidade parece enfeiar os lugares e quando não os deixa vazios, tristes, abandonados, proibidos, escuros... As ruínas de uma cidade estão para além dos prédios abandonados, ruas ou materiais do lixo que vou deixando pelo mundo. Fizemos do lixo o luxo de afeto e leveza, onde tudo parece ser muito mais simples, necessário e se faz urgente. Cuidar das pessoas é sempre o melhor caminho, amar gente que objetos, zelar pelos catibros e guardiões da cidade e de nós; que não se perca mais tempo, tudo é urgente, tudo é potente, tudo é agora.

Aliás, tudo foi ontem, temos muito o que corrigir. Garanhuns nos recebeu com um Toré, ao chegar no Parque Pau Pombo, quando ainda estávamos definindo o percurso. Encontramos o indígena Iratan Ifketha Fulni-ô, artesão que trabalha nesse parque comercializando suas obras com os turistas. Desse encontro nasceu a parceria para Pontilhados, Iratan participou do final do trajeto/passeio com uma grande celebração de um Toré dançado com todo o elenco e público. Agora sim, podemos encerrar esta escrita. Fomos banhadas por Águas Belas, município onde os povos Fulni-ô vivem e para onde desaguaram nossas tantas ilhas que discorreram neste memorial. Fui abençoada por Iratan no último dia, recebi um cocar de presente, peça que construiu com seu trabalho, além de um discurso emocionante, uma de suas frases: "Essa deveria ser a verdadeira coroa do povo brasileiro", disse que me presenteava pelo meu trabalho com todos os artistas ali presentes! Foi um dia que levarei comigo para sempre. Que os exemplos dos povos originários possam nos ensinar cada dia mais, pois o amor é a verdadeira sabedoria desse povo "Tuthnise".

Nesse resgate do tempo, na volta e criação de um Pontilhados imerso nas ancestralidades desse Brasil que nos pertence e do qual habitamos os seus chãos. Que apresentamos aqui as pessoas que contribuíram com esta obra desde o primeiro momento, os que dançaram, criaram, compuseram e fizeram parte desses percursos por onde habitamos e fomos habitados. Seguem nossas ilhas humanas. Reverencio e agradeço pela dança compartilhada com esse jeito de dançar Experimental de gentes/artistas deste país!

AR QUI PÉ LA GOV



Nossas ilhas humanas aparecem para que nunca possamos esquecer quem contribuiu com a nossa dança. Reverencio e agradeço pela dança compartilhada com esse jeito de dançar Experimental de gentes/artistas deste país!

Somos compostas de tantas pessoas.

Ilhas do Recife

(Pontilhados no bairro do Recife Antigo – 2016; Pontilhados no Pátio de São Pedro – 2019)

Pontilhados por:

Concepção e Direção: Mônica Lira.

Dramaturgia: Silvia Góes e Mônica Lira.

Atrizes convidadas: Anne Costa, Lilli Rocha e Silvia Góes

Roteiro do Percurso: Mônica Lira e Silvia Góes.

Trilha sonora original: Guille Ceballos.

Trilha sonora adaptada/edição: Rogério Alves.

Compositoras e Compositores presentes na Trilha Sonora: Flaira Ferro, Luiza Fittipaldi, Joana Terra, Chico Science, Otto, Nelson Gonçalves, Crioulo, Luiz Gonzaga, Gal Costa, Liniker, Linn da Quebrada, Isaar, Elza Soares, Dj'Dolores, Bruno Lins, Thiago Rad, Jonathan Silva, Guerreiros do Passo.

Trilha sonora especial (canção inédita composta): Luiza Fittipaldi, Joana Terra (Música-Pontilhados).

Figurino: Carol Monteiro.

Artista Guia Recife Antigo/concepção de cabelo e maquiagem: Jennyfer Caldas.

Artista Guia/percussionista: Paula Caal (Pátio de São Pedro e Recife antigo).

Design gráfico: Carlos Moura;

Incentivo: Funcultura e Prefeitura da Cidade do Recife.

Assistência Coreográfica: Rafaella Trindade e Anne Costa.

Núcleo de Criação do Espetáculo Original: Mônica Lira, Lilli Rocha e Iara Isidoro.

Voz narrativa Recife Antigo: Zoraíde Coletto;

Voz narrativa Pátio de São Pedro: Isaar (cantora Convidada).

Coordenação de Produção: Danilo Carias/Criativo Soluções.

Produção Executiva: Emeline Soledade, Rafael FX, Silvio Barreto e Herbert Queiroz.

Assessoria de Comunicação: Paula Caal e Marta Guimarães.

Registro fotográfico: Rogério Alves;

Registro Audiovisual: Silvio Barreto, Rogério Alves e Keity Carvalho.

Intérpretes-criadores Recife Antigo: Adelmo do Vale, Anne Costa, Daniel Silva, Everton Gomes, Franz Andrade, Gardênia Coletto, Jorge Kildery (Iara Isidoro), Maria Agrelli, Henrique Braz, Jares Santos, Joelma Tavares, Márcio Filho, Marta Guimarães, Marcela Rabelo, Nataly Araújo, Priscila Santos, Rafaella Trindade, Rafael FX, Rebeca Gondim, Jefferson Figueiredo, Hayla Cavalcanti, Deyvson Vicente, Fernando Gomes.

Intérpretes-criadores Pátio de São Pedro: Adelmo do Vale, Anne Costa, Daniel Silva, Everton Gomes, Franz Andrade, Maria Agrelli, Henrique Braz, Jares Santos, Joelma Tavares, Marta Guimarães, Nataly Araújo, Priscila Santos, Rafaella Trindade, Rafael FX, Rebeca Gondim.















Ilha de POA

(Pontilhados – intervenções humanas em ambientes urbanos; Centro Histórico de Porto Alegre – 2018)

Pontilhados por:

Concepção e Direção: Mônica Lira.

Dramaturgia: Sílvia Góes e Mônica Lira.

Atriz convidada: Sílvia Góes.

Roteiro do Percurso: Mônica Lira e Sílvia Góes.

Trilha sonora original: Guille Ceballos.

Trilha sonora adaptada/edição: Rogério Alves.

Guia voz narrativa/atriz local: Arlete Cunha.

Ator/bailarino convidado/assessoria local: Luciano Barros.

Artista guia/concepção cabelo e maquiagem: Jennyfer Caldas

Coordenador de produção: Danilo Carias.

Assessoria de produção: Caio Trindade, Emeline Soledade.

Apoio de produção local (POA): Júlia Rodrigues, Márcio Bueno Dias e Arthur Serpa (Porto Alegre em Cena).

Design gráfico: Carlos Moura.

Apoio: Rumos Itaú Cultural.

Elenco Grupo Experimental: Anne Costa, Everton Gomes, Kildery, Gardênia Coletto e Rafaella Trindade.

Elenco Porto Alegre: Ariadne Paes, Ana de Maria, Carolini Marafigo, Dri Kaz, Douglas Cartagena, João Gabriel O.M, Juliana Rutkowski, Júlia Lopes, Lucas Chando, Luciane Panisson, Lynn Raquel Ramos, Ktrina Days, Mel Maister, Marlon Quadros, Matheus Melchionna, Mônica Lopes e Robson Lima Duarte.

Participação do Grupo de Teatro Santo Qoetivo.

Direção: Inês Marocco.

Atrizes e atores: Aline Farraz, Eduardo Schmidt, Juçara Gaspar, Magda Schiavon, Renan Leandro, Rodolfo Ruscheinsky e Renata Ciesla.





Ilha de SAMPA

(Pontilhados – intervenções humanas em ambientes urbanos; Centro Histórico de São Paulo – 2018)

Pontilhados por:

Concepção e Direção: Mônica Lira.

Dramaturgia: Silvia Góes e Mônica Lira.

Atriz convidada: Silvia Góes.

Roteiro do Percuroso: Mônica Lira e Silvia Góes.

Artista guia/concepção cabelo e maquiagem: Jennyfer Caldas

Trilha sonora original: Guille Ceballos.

Trilha sonora adaptada/edição: Rogério Alves.

Guia voz narrativa/atriz local: Lilian de Lima.

Coreógrafo, assessoria pesquisa local: Ivan Bernadelli.

Coordenador de produção: Danilo Carias.

Assessoria de produção: Caio Trindade, Emeline Soledade.

Apoio produção local: Thiago Moraes e Kall Andrade.

Coreografia e assessoria artística: Ivan Bernadelli, Kildery Kildery e Mônica Lira.

Assessoria de comunicação: Lula Portela.

Design gráfico: Carlos Moura.

Apoio: Rumos Itaú Cultural.

Elenco Grupo Experimental: Anne Costa, Everton Gomes, Kildery, Gardênia Coletto e Rafaella Trindade.

Elenco São Paulo: Alisson Lima, Ana Caroline Recalde, Bruna Amano, Giovanna Pantaleão, Gisele Campanilli, Juliana Granjeira, Kleber Cândido, Mateus Menezes, Michele Mattos, Patrícia Pina Cruz, Vinícius Francês, Vitor Silva, Laís D'addio.

Convidado: Luiz Negresco.





Ilha Salvador

(Pontilhados – pistas para uma dramaturgia no Centro Histórico de Salvador/Pelourinho – 2021)

Pontilhados por:

Concepção e direção: Mônica Lira.

Assistente de direção e guia do passeio: Rafaella Trindade.

Roteiro: Mônica Lira e Rafaella Trindade.

Dramaturgia: Mônica Lira e Silvia Góes.

Edição trilha: Silvio Barreto.

Atriz convidada (voz narração): Cristiane Pinho.

Músico convidado: Lucas de Gal.

Texto colaboração: Camila Saraiva.

Residência virtual e assessoria na pesquisa: Adil Araújo, Camila Saraiva, Cristiane Pinho, Denny Neves, Jean Souza e Márcio Fidelis.

Coordenação de produção Jornada de Dança da Bahia: Matias Santiago.

Produção executiva: Eri Souza.

Apoio produção: Levi e Enzo.

Agradecimentos a Fátima Suarez.

Elenco Salvador: Adil Araújo, Alex Ferreira, Ariele Batista, Anastácia Schroeder, Camila Saraiva, Douglas Adam, Fabiana Lima, Fyamma Bezerra, Geórgia Palomino, Hanna Jacobsen, Jean Souza, João Firmino, Lucas Valentim, Márcio Fidelis, Marília Souza, Thaise Galvão, Milena Almeida, Ivana Muniz, Robert Rodrigues, Luiza Ramos e Thais Vieira.





Ilha Garanhuns

(Pontilhados – intervenções humanas em ambientes urbanos – 2022)

Pontilhados por:

Direção, dramaturgia e Concepção: Mônica Lira.

Dramaturgia e Atriz convidada: Sílvia Góes.

Voz narração: Débora Ramos (atriz convidada).

Assistente de Produção: Rafaella Trindade.

Produção geral: Grupo Experimental.

Produção local: Kleber Candido.

Montagem trilha sonora: Silvio Barreto.

Apoio local: San Costa, Vandeilton Gonçalo, Lanna Pinho, Whanda Rodrigues.

Apoio produção: Caio Trindade, Ivo Thavora e Silvio Barreto.

Design: Carlos Moura.

Gerenciamento de transmissão: Thays Melo.

Figurino original: Carol Monteiro.

Figurino cenas 4 e 11: Artistas Residentes.

Elenco Grupo Experimental: Adivale Dias, Anne Costa, Everton Gomes, Daniel Semsobrenome Rafaella Trindade.

Elenco Garanhuns: Danilo Rojas, Diogo Honorato, Lua, Mary Vieira, Bruno Cabrall, Josimar Alves, Rafaela Barros, Daniel Luciano, Guilherme Santos, Lyna Silva Só, Kleber Candido, Edvania Kehrlé, Nighel Jhullian, Carla Miranda, Felipe Espíndola, Débora Ramos (Dé Somar), Igor Pires, Clóvis Teodorico, Anthony Tales, Luccas Britto, Celina Berto.





Insular

Preciso ser um outro, para ser eu mesmo. Sou grão de rocha, sou o vento que a desgasta. Sou pólen sem inseto. Sou areia sustentando, o sexo das árvores. Existo onde me desconheço, aguardando pelo meu passado, ansiando a esperança do futuro. No mundo que combato morro, no mundo por que luto nasço (COUTO, 2016, p. 86).



referências

BARBA, Eugênio. Fala atribuída a Eugênio Barba, apesar de não haver uma publicação oficial dessa fala, muitos sites a exemplo: <http://oteatrodasestacoes.blogspot.com/2011/01/pensamentos-eugenio-barba.htm>.

BARROS, Manoel. **Gramática expositiva do chão poesia quase toda**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

COUTO, Mia. **Poemas escolhidos**/Mia Couto: apresentação José Castello. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERNANDES, Saulo. **Raiz de Todo Bem**. Salvador, 2013. Disponível: <https://music.youtube.com/watch?v=2vHri6fRbIA>. Acesso em: 3 de jun. de 2022.

GREINER, Christine. A vulnerabilidade como ativadora da criação. **Revista de Antropologia da USP**, São Paulo, v. 54, n.2 , 2011.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Tradução Lucas Machado. Petrópolis (RJ): Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor de hoje. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, 2002.

LAUNAY, Isabelle. A elaboração da memória na dança contemporânea e a arte da citação. **Bienal SESC de Dança**, Santos (SP), 2009 (PARIS DANCE, 2009). Tradução Ana Teixeira. Salvador (BA).

LENINE. **Leão do Norte**. Recife, 1996. Disponível: https://music.youtube.com/watch?v=yffns2q_lk4. Acesso: 3 de jun. de 2022.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019

MATOGROSSO, Ney. **Tem gente com fome**, adaptação do poema de Solano Trindade por João Ricardo. Interpretada por Ney Matogrosso, clipe de 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I5FUX3e089I>. Acesso: 6 de Jun. 2022.

MELO, Alberto da Cunha. Relógio de ponto. **Poesia completa**. Record, 2018.

METODOLOGIAS E PROCEDIMENTOS Para a Criação e Pesquisa em Arte. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (2h57min). Publicado pelo canal Lume Teatro. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=oOBMECOaXog> . Acesso em: 23 de Mar. 2022.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

RIBEIRO, Sidarta. **O Oráculo da noite: A história e a ciência do sonho**. São Paulo (SP), 2019.

ROCHA, Lucas Valentim. Autonomia-colaborativa e hierarquia situacional: perspectivas para processos colaborativos em dança. **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA**. Salvador: ANDA, 2019.

SANTOS, Milton. **Territórios, territórios – Ensaios sobre ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SCIENCE, Chico. **A Cidade**. Recife, 1994. Disponível:
<https://music.youtube.com/watch?v=WVT1XskxUZk>. Acesso: 5 de Jun. 2022.

SECCO, Marcelo e PASSAPUSSO, Russo. **Duas Cidades**. Baiana System, Salvador. 2016. Disponível:
<https://music.youtube.com/watch?v=z8izpWlQ1zA>. Acesso: 5 de Jun. 2022.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Poemas**. Tradução Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.





produções bibliográficas

Os ratos não estão no porão — pontilhando atalhos — sobre corpos e territórios roubados

Mônica Lira (UFBA)

Comitê temático: Corpo e política: implicações e conexões em dança

Resumo: Apresento, neste exercício de observação dançante, realidades nas possíveis tentativas de ocupação de espaços de arte, permanência e durabilidade, a partir dos exemplos de três Grupos de Recife/PE: a Compassos Cia. de Danças, Coletivo Lugar Comum e Grupo Experimental, e a precariedade com a arte e com as vidas humanas. Traz-se como ponto principal a premissa de duas obras que provocaram essa reflexão no meu próprio corpo, além da pesquisa principal que desenvolvi no mestrado profissional de dança da UFBA, *Pontilhados — dançando experiências humanas em mundos desumanos*, em que os temas se assemelham e se contrapõem, ao mesmo tempo, com este artigo. Nesse dançar de atalhos, apresento as experiências do próprio Grupo Experimental, mostrando sua trajetória itinerante no território Ilha do Bairro, onde se constituiu o grupo por anos (a dança no corpo desse lugar). Numa lógica esmagadora de um dito progresso, corpos, vidas, sonhos, famílias, afetos... são arrancados dos territórios que demarcam suas existências e percursos, na história de um lugar onde se escolhe viver e trabalhar na tentativa de construir outros mundos possíveis, povoados de mais poesias, amores e gentilezas.

Palavras-chave: Corpo. Precariedade. Territórios. Dança.

Abstract: I present, in this exercise of dancing observation, realities in the possible attempts to occupy spaces of art, permanence and durability, based on the examples of three groups from Recife/PE: *Compassos Cia. de Danças*, *Coletivo Lugar Comum* and *Grupo Experimental*, and the precarity with art and human lives. The main point is the premise of two works that provoked this reflection in my own body, in addition to the main research that I developed in the professional dance master's degree at UFBA, *Pontilhados — dancing human experiences in inhuman worlds*, in which the themes are similar and are opposed, at the same time, with this article. In this short-cut dance, I present the experiences of the Experimental Group itself, showing its itinerant trajectory in the Ilha do Bairro territory, where the group was constituted for years (the dance in the body of that place). In an overwhelming logic of a so-called progress, bodies, lives, dreams, families, affections... are ripped from the territories that demarcate their existences and paths, in the history of a place where they choose to live and work to build other possible worlds, populated with more poetry, loves and kindnesses.

Keywords: Body. Precarity. Territories. Dance.

Este artigo é parte da minha pesquisa de mestrado¹ e propõe debater, escrever e dançar sobre as fraturas de um mundo construído de modo verticalizado, tirânico, excludente e desumano. Debater, escrever e dançar no Brasil nunca foi tarefa fácil. Desde março de 2020, a crise sanitária causada pela Covid-19 acentuou, em nosso território (SANTOS, 1994), as desigualdades e polarizações alimentadas pelo ódio e pela rivalidade. É preciso tocar em pontos nevrálgicos dessa crise, que são a desigualdade social, o abandono e o negacionismo. E o que isso tem a ver com o fazer dança? Agora estamos em julho de 2022, numa perspectiva de aparente controle do vírus. Onde chegamos? Um país devastado, com uma inflação altíssima, aumento de pessoas em situação de rua, desemprego e fome. O agravamento da situação sanitária, causada pelas atitudes negacionistas e descabidas do atual Presidente da República, nos levaram a mais de 678 mil pessoas/vidas/amores perdidos. A pandemia ainda não acabou, diariamente morrem no país mais de 150 pessoas!

Os artistas estão tentando sobreviver, após dois anos sem trabalho. Em alguns estados e cidades, os governos e prefeituras lançaram editais emergenciais, mas especialmente aqui em Pernambuco não tivemos nenhum. Em 2020, apenas um edital federal (Lei Aldir Blanc) foi acessado por artistas que tinham ao menos as mínimas condições, de ter computador com acesso à internet, de conseguir psicologicamente desenvolver uma ideia criativa, e de excelência para submeter a uma comissão de avaliação.

Aqui em Recife tivemos medidas absurdas tomadas pelo governo estadual, fomos descontados em quase 30% de impostos, sem saber disso no ato da inscrição. Além da prestação de contas, um dos maiores problemas para quem trabalha com editais. A classe artística, e a cultura como um todo, foi uma das mais afetadas pelo isolamento, mas diante de um país que já começava a passar pela fome e pela falta de emprego, o que de fato poderíamos fazer? Em tempos de vulnerabilidade e precariedades, somos convocadas por Christine Greiner: “como a dança estaria apta

¹ Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN/UFBA), sob orientação do Prof. Dr. Lucas Valentim Rocha.

a se inserir nestes debates e criar modos particulares de ação?” (GREINER, 2011, p. 2).

Ireno Junior (2019) reflete sobre essa ideia da vulnerabilidade como potência para criação em dança, mas não sem antes reconhecer que ela está vinculada a uma ideia de falta de acesso e risco.

No que diz respeito à vulnerabilidade social, os corpos vulneráveis são os que estão numa determinada condição de fragilidade, escassez na vida. Para tal definição, não devem ser considerados somente os indicadores de baixa renda, mas também os que problematizam as questões dos corpos em outras instâncias, tais como os indicadores de qualidade de vida (JUNIOR, 2019, p. 17).

O diagnóstico apresentado para vulnerabilidade social sustenta a comparação entre os corpos, já que aqueles que estão numa determinada condição de fragilidade ou de risco são considerados vulneráveis. Há de se perceber que estar vulnerável não é uma classificação positiva nos moldes atuais e sociais de vida. Ainda, muito menos, como forma de pensar a/na dança sob essas visões (JUNIOR, 2019, p. 18).

Desdobrando tais pensamentos, pergunto: como é possível reconstruir ou esgaçar movências em meio à crise sanitária, econômica, humanitária e política que vivemos no Brasil? O que podemos mover num ano de eleições presidenciais e governamentais; será que a nossa população dará a resposta necessária nas urnas? Como agir de modo a capturar a própria fragilidade e a vulnerabilidade ao expor, traduzir, denunciar e potencializar nossa dança como ação política? Como continuar de pé quando somos arrancados dos nossos territórios? Quando os corpos são capturados, roubados e paralisados?

As danças de agora escancararam fragilidades e imprimiram em nossas *corpas/corpos* outros modos de ser: rasgando, tremendo, furando, abrindo brechas ou pontilhando atalhos para continuar a sobreviver. Nós, criadoras artistas, temos vivenciado a precariedade e, com ela, temos sentido pulsão/impulso/desejo/paralisação/imobilidade. Temos, também, insistido em processos artísticos.

Para ampliar essa conversa, nos aproximaremos de duas obras que dirigi junto ao Grupo Experimental². A primeira: *Os ratos não estão no porão*, uma poesia-denúncia criada para o edital da Lei Aldir Blanc 2020/2021, em Recife (PE). Trata da relação do Grupo Experimental com o território-insular da ilha do Recife Antigo. Memórias criadas nos mais de 20 anos, resistindo e descobrindo possibilidades de se reinventar diariamente, sem perder o diálogo com os moradores do entorno e as realidades que nos foram apresentadas diariamente.

O processo de criação dessa obra se deu no momento pandêmico e ocupou uma galeria a céu aberto, num dos tantos prédios abandonados no bairro do Recife Antigo, hoje ocupado por Sérgio Altenkirch³, nosso parceiro e vizinho nesse bairro-ilha. A obra apresenta uma dramaturgia que experimenta compor entre viver/morrer, lutar/desistir, mover/parar, luz/sombra. Uma crítica sobre a supressão do básico. Não ter casa, teto, abrigo, nem mesmo estruturas precárias. Quando já não resta para certas pessoas nem humanidade, nem território. Santos (1994) reflete que os territórios, atualmente, compõem redes onde o interesse pelo capital esmaga a classe dos desafortunados. Esses sujeitos, na sua maioria, vivem numa relação de cooperação com o seu entorno. Porém, para uma camada da sociedade, eles não trazem contribuição nenhuma. Que camada nós, artistas, estamos inseridos numa sociedade? Quanto ao reconhecimento da nossa contribuição artística para o mundo, quanto vale? Quanto valemos?

A segunda obra que nos aproximaremos é *Pontilhados — intervenções humanas em ambientes urbanos*, um trabalho que fala das memórias grafadas nas ruas da cidade, pessoas, lugares, histórias que estiveram ali. É um caminho, feito a pé, por entre calçadas, pontes, marquises, cruzando ruas, conhecendo gentes. Uma relação entre o que passou, o que está por vir e o instante do agora. Um trabalho para contar outras histórias ainda não contadas, de pessoas muitas vezes invisíveis. Mas

² Grupo de dança independente com 28 anos de trajetória em Recife/PE, onde seus projetos sempre foram entrelaçados pela formação, capacitação e criações artísticas: www.grupoexperimentalrecife.com.

³ Artista plástico, fotógrafo, performer, designer, os trabalhos de Sérgio se detêm principalmente na recuperação de restos de materiais, madeira, ferro... Atualmente trabalha no bairro do Recife Antigo, na ocupação do prédio que se transformou na Rede Moinho da Ilha: @sergioaltenkirch, @redemoinhodailha.

é para contar também histórias já bastante ouvidas e que precisam ser lembradas, para não esquecermos de onde viemos e para onde desejamos ir. Um passeio para observar os buracos expostos nas ruas e os buracos expostos dentro de cada uma de nós.

Como artista da dança há mais de quatro décadas residindo em Recife (PE) e como militante nas ações e discussões para implementações de políticas públicas para a dança em nossa cidade e no estado, inicialmente através do Movimento Dança Recife, criado em 2004, iniciei esse aprendizado ao lado dos amigos e companheiros Marcelo Sena (Cia. Etc.) e Marília Rameh (Cia. de Dança Artefolia). Atualmente, a mobilização da dança está acontecendo com outro movimento, chamado Dança de PE, pensando e aprendendo a construir diálogos entre sociedade civil e governantes; sempre estive participando das lutas. Nas condições que me encontrava naquele início de 2020, assim como tantos artistas desse território Brasil, onde o mundo parou e os que não tinham fonte de renda, trabalho formal, ficaram completamente desabrigados. Estávamos vulneráveis e num tempo de incertezas, sendo que a cidade e a atual gestão já vinham castigando bastante os artistas; quando menciono que tivemos nossos corpos e territórios roubados, é uma percepção anterior à pandemia, já vivíamos num descompasso e descaso com o nosso fazer desde 2016, com o golpe presidencial instaurado contra a primeira presidenta mulher do Brasil. As nossas atuações diminuíram e só agora estamos retomando, na certeza de tempos melhores após a eleição em outubro deste ano, com a desejada volta de Lula para a presidência.

Depois do Impeachment de Dilma Rousseff entramos num declínio no país, a cultura que vinha emergindo desde 2003 com o governo de Lula, com avanços significativos e históricos, a partir de 2016 foi-se perdendo tudo e imergindo para um abismo que parecia não ter fim, mas terá!

Componho esse desmonte da dança aqui em Recife, com três experiências desse descompasso vivido por grupos importantes da cidade, que perderam seus espaços, casas, abrigos, moradas, tetos. Trago aqui para compartilhar a necessidade que os artistas estão enfrentando nesse momento atual, junto com a realidade do Grupo Experimental, uma companhia que nasceu ainda antes de nós, a *Compassos Cia. de Danças* (1991), do coreógrafo Raimundo Branco, e o *Coletivo Lugar Comum*

(2007), com propostas distintas mas com contribuições para a cidade de projetos importantes e transformadores para a cena local. A *Compassos* completa 33 anos, com um repertório de 24 obras de dança; a companhia ocupou e administrou 4 prédios/salas/sedes, onde pôde desenvolver seus projetos durante esses anos. Branco nos fala um pouco sobre a importância de ter uma sede:

As experiências vividas e vivenciadas na *Compassos Cia. de Danças* durante 32 anos demonstraram a importância de um espaço físico permanente para se trabalhar, um espaço que possa chamar de seu. Uma casa, uma sala por menor que seja, ou galpão onde o grupo habite. O espaço como sabemos não é só o espaço/sala para aulas e ensaios. É o local para reuniões, onde se guarda cenários, biblioteca, videoteca... Enfim. É o lugar dos sonhos e devaneios, das teorias práticas e das práticas teóricas. É o lugar de nascimento vida, morte e renascimento dos processos de um grupo de pessoas que podem se denominar: Companhia, grupo ou coletivo. RESUMO: Sem um teto para chamar de nosso. A *Compassos* enquanto um grupo que reúne várias pessoas. Terá que parar. (Depoimento enviado em 2021 por Raimundo Branco, diretor da *Compassos Cia. de Danças*)

A *Compassos* perde sua sede no final de 2021, depois de resistir há dois anos de pandemia. Hoje a companhia continua trabalhando no mesmo local, sendo acolhida pelo *Grupo de Teatro Maravilhas*, de Márcia Cruz, que assumiu o prédio e abraçou o grupo; normalmente recebemos apoio dos artistas e parceiros nessa luta insana, de uma resistência que deixou de ser orgulho faz tempo. Essa situação parece recorrente em vários lugares do Brasil: para se manter uma sede/espaço de dança/arte no Brasil, está ficando cada vez mais inviável. Há falta de políticas públicas que apresentem projetos de continuidade, iniciativas de prefeituras locais que invistam em equipamentos para colaborar com os que já tentam manter o seu fazer de modo independente na cultura do seu local, desempenhando muitas vezes o papel do estado.

O *Coletivo Lugar Comum* também enfrentou essa realidade logo após o golpe de Dilma: em 2017 não conseguiram manter o espaço na Rua do Lima, uma casa de arte, um teto que abrigava sonhos e proporcionava os encontros entre amigos que resolveram acreditar ser possível trabalhar com arte, reunindo esforços e dividindo responsabilidades. O coletivo agora em 2022 completa 15 anos, com 16 trabalhos artísticos e composto por 14 artistas (desde 2011). No livro *Comum singular: 10 anos*

de *Coletivo Lugar Comum*, Conrado escreve o texto *Ocupar*. Trago para nossa reflexão alguns trechos:

Hoje, faz quase dois anos que o coletivo não ocupa mais um espaço destinado especificamente ao trabalho. Todo corpo precisa de espaço. No Brasil atual é muito mais fácil conseguir crédito para um carro que para financiar um espaço próprio. Quando entrei para o coletivo, todas as pessoas pagavam do seu próprio bolso uma quantia mensal para sustentar nosso espaço... Todo espaço precisa de tempo para ser ocupado. O tempo entra nas coisas de várias maneiras: aluguel, água, luz, impostos. Também nas divisões de dias e horários para ensaios e outras atividades. As contas vão ficando mais complexas quando começam a incluir questões que não cabem muito bem em números. Antes de qualquer coisa, sustentamos o espaço compartilhando presença. A aposta é sempre de que a convivência possa transformar esse espaço no tal lugar comum (FALBO, 2019, p. 66).

Ser artista é ousar ocupar espaços que são cotidianamente e violentamente negados a muita gente. É também ousar tomar o tempo necessário para que essa ocupação aconteça. Apostar que possa florescer, mesmo contra todas as probabilidades. Parece poético escrito assim, mas custa uma vida de trabalho. Ocupar esses espaços coletivamente é uma estratégia de resistência simples e, por isso mesmo, eficaz contra opressões várias. Talvez seja por isso que é ridiculamente mais fácil comprar um carro que uma casa no Brasil hoje. Ocupar espaços é um ato político, principalmente em um momento em que muitos espaços que pareciam já conquistados voltam a ser ameaçados. Espaço é a possibilidade de abrigo e cultivo. Os espaços, por si sós, não oferecem garantias. Mas deixar de ocupá-los é desistir de existir. Tão concreto como poder contar com um teto sobre o chão, mas nem por isso menos abstrato e inventado (FALBO, 2019, p. 72/73).

Ocupar um espaço na cidade para encontrar, promover, fomentar, experimentar, realizar, produzir, dançar... Se tornou algo quase impossível de realizar, e não podemos deixar de apontar de fato o que nos fez chegar até aqui, no caso do *Experimental*. Não por acaso, no mesmo ano (2018) em que iniciávamos o pior governo do nosso país, perdemos o Espaço Experimental. No nosso caso, ocupamos por 18 anos o mesmo prédio na rua Tomazina 199, 1º andar. Nessas quase duas décadas vivemos muitas configurações, manter um espaço não significa apenas um aluguel; por diversos momentos pensei em desistir, mas sempre encontrava uma forma de seguir, com apoio sempre da família, especialmente Beto Trindade, meu companheiro e parceiro dos sonhos experimentais. Nos momentos de crise, fizemos parcerias fundamentais, na primeira parceria fiquei acompanhada de três amigos, Gilberto Trindade (Circo da Trindade), Marília Rameh (Cia. de Dança Artefolia) e Tarcísio Rezende (Grupo de Percussão Quebra Baque), mesmo com tantos esforços

e dividindo tudo, ainda assim não conseguimos seguir! Um grupo de teatro da cidade assume, *Coletivo Angu de Teatro*, com administração de André Brasileiro e Tadeu Gondim, mas o Angu também não conseguiu continuar... Manter um espaço é uma tarefa incalculável, diária e desgastante, mas cheia de compensações. Voltei a administrar e, em 2014, convidei Jennyfer Caldas (bailarina do *Grupo Experimental* na época, filha da família experimental), que abriu um espaço de beleza (salão), e Rafaella Trindade (bailarina do *Grupo Experimental* e minha filha), que coloca um Studio de Pilates, *Ponto6 Pilates*. Essa foi a última configuração que finalizou nossa permanência naquela casa. Lá o grupo realizava as aulas diárias, pesquisas e criação dos espetáculos, projetos sociais de formação e de capacitação para artistas, sala de espetáculos, cursos e aulas regulares oferecidas ao público interessado em dança. Iniciativas que mantinham e ajudavam a sustentar a estrutura, pagando as despesas e possibilitando o trabalho ininterrupto por 25 anos do *Experimental*. Somos três grupos relatando uma experiência que nos coloca nesse lugar sem teto para nossa arte:

Casas grandes galpões, tantos tetos, quem mora aí? Quem ocupa esses espaços? Enquanto o homem moderno trabalha, seu carro repousa sob a proteção de um lugar que se preenchem de vazios à noite. Longe desses espaços que cruzamos agora, também repousam nas calçadas os homens e mulheres à sua própria sorte. Eles não são carros, apesar de puxarem suas carroças por quilômetros sob o sol. Também podemos pensar nos artistas, quantas companhias sonham em estar num lugar desses? Ter seu espaço, criar, dar vida a sonhos e inventos. Quantas oportunidades esses espaços abrigariam se fossem pensados para as pessoas. A cidade que nos atravessa é desigual, tal qual a revolução industrial anunciava: protejam as máquinas, protejam o lucro, os homens não são todos iguais. A verdade é que carros são reflexo do consumo e pessoas, ah, estas são um problema do governo, mas qual governo? (Texto escrito por Danilo Carias para o projeto Experienciade do Grupo Experimental, Recife, 2020).

Pontilhamos aquele bairro sem perceber que já fazíamos esse exercício, que hoje me debruço nesta escrita. Percorremos com passos dançados, ocupando inicialmente um galpão abandonado (com apoio na época do secretário de cultura Raul Henry) onde estreamos a obra *Zambo* (1997), ali nasceu o *Espaço Experimental*, primeira sede, mas saímos em pouco mais de 12 meses, para ser construído o Teatro Hermilo Borba Filho. Depois ocupamos o antigo prédio Cais da Alfândega (onde também tivemos que entregar para construção do shopping Paço Alfândega).

Fomos roubados pelos poderes, pelos homens, expulsos da nossa casa, mais uma vez ameaçados. A princípio, para uma reforma de três meses, tentei tudo, mas nada consegui. Estamos no ano de 2022 e nunca mais retornamos ao prédio que continua abandonado. Para que o *Espaço Experimental* tivesse permanecido por tantos anos, redes de apoio foram se construindo, se entrelaçando como uma grande roda de improvisação, em que o impulso do outro me fazia querer mover; sim, movíamos a vida de outras pessoas e, sem entender muito bem o que acontecia, hoje compreendo que tanto para mim quanto para as pessoas que me acompanharam por algum momento, estávamos morando, vivendo em comunidade pela nossa arte, um modelo de família onde os laços não eram sanguíneos, mas não menos importantes. Uma construção de afetos que se dava na mais completa consonância e dissonância, assim como todas as relações humanas. A dança só era palpável quando nos observávamos movendo, num dos mais importantes e verdadeiros diálogos nossos, mesmo que a dança seja essa potência tão abstrata e real, ao mesmo tempo ela é do mundo, e desse mundo de tantas controvérsias, onde o poder, as vaidades, a ganância, o sucesso, permeiam e vão contaminando as poesias humanas.

Nisso, o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência daquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2000, p. 56).

Nunca foi tão necessário retornar, olhar para trás, rever, pesquisar, buscar a informação em outro tempo, onde possivelmente iremos nos aproximar deste presente tão carregado de histórias que tendem a se repetir. Somos artistas desse lugar. A Compassos, o Coletivo e o Experimental existiram e ainda existem, porém que existência? Como podemos nos dedicar ao vazio, ao não encontro; as impossibilidades que são impostas comprometem o trabalho. O corpo é diário, permanente, investigativo, de construção permanente... Para mim, sigo tentando continuar existindo, mas como posso existir sem lugar, sem endereço onde possam me encontrar? Numa casa virtual, postada num imaginário de fantasias, onde a arte, na sua mais profunda humanidade, nem sempre consegue existir. Como podemos

enxergar nossa permanência? Penso que, nesses quase 30 anos insistindo em viver dançando, descobri minha própria pedagogia:

Nesse processo, afirma-se, também, segundo novos moldes, a antiga oposição entre o mundo e o lugar. A informação mundializada permite a visão, mesmo em flashes, de ocorrências distantes. O conhecimento de outros lugares, mesmo superficial e incompleto, aguça a curiosidade. Ele é certamente um subproduto de uma informação geral enviesada, mas, se for ajudado por um conhecimento sistêmico do acontecer global, autoriza a visão da história como uma situação e um processo, ambos críticos. Depois, o problema crucial é: como passar de uma situação crítica a uma visão crítica — e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência. Para isso, é fundamental viver a própria existência como algo de unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro. Então, a existência é produtora de sua própria pedagogia (SANTOS, 2000, p. 57).

No início da nossa conversa apresentei dois momentos dançantes como premissa para esta escrita, e no discorrer desta dança de letras, espaços, parágrafos, pausas internas e externas que por muitos momentos paralisaram o mover das minhas mãos numa escrita de pensar, que nada disso tinha valor, voltava a reagir, me estimulando a partir das minhas memórias, dos afetos e das obras que produzi e produzo. Parece que ser artista é uma prova interminável de vencer desafios, nunca olho para nosso rastro sem enxergá-los. A luta é diária e com focos diferentes, em muitos momentos perdemos, mas tendo a certeza de que mesmo nessa dinâmica louca de instabilidade financeira, ficando muitas vezes vulneráveis e frágeis, os ganhos são de outra ordem. Isso também é muito importante para nos refazermos, mudarmos os passos, as intenções, e reconhecer outros modos de existir como artista; acabamos tendo que fazer inúmeras outras coisas para nos mantermos na arte. Assim vou me refazendo, dançando, dançando, dançando... Se há 22 anos Milton Santos já apresentava para nós um olhar que previa um descompasso do progresso e da globalização do mundo, aqui no Brasil a situação só veio se agravando:

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são diretas ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização (SANTOS, 2000, p.10).

Quando tudo parecia perder o sentido, precisei dançar, e criei minha primeira videodança: *Os ratos não estão no porão*, e também meu primeiro trabalho solo, talvez porque nunca pretendi dançar na solidão que me encontrava naquele momento

(2020/2021) e agora, mas tudo estava absolutamente interligado, o antes, o durante, o depois, e depois, e depois, e depois. Estávamos isolados, sem trabalho, nem assim tivemos trégua, precisamos criar projetos e realizar algo para receber o pouco que sempre nos cabia. Não me encontrava mais na companhia dos que sempre estiveram em casa, roubaram nosso território e junto foram corpos, pessoas, afetos e sonhos. Dancei para renascer em meio a um mundo que morria. Dancei pela desapropriação da minha casa/arte no bairro-ilha onde sempre procurei abrigo, agora estava ocupando um prédio abandonado pelos homens e preenchido de arte; dancei pela *Compassos*, pelo *Coletivo*, por todes artistas sem teto, sem trabalho, sem dignidade.

Os ratos, nesse trabalho, são na verdade uma alusão do território onde o prédio (Redemoinho) estava inserido. Existe uma favela no bairro Ilha do Recife antigo, onde por muitos anos era chamada de favela dos ratos, por seus moradores terem que dividir a casa com ratos que habitavam aquele lugar, por falta de saneamento básico. Mas o progresso também chegou por aqui, hoje o bairro recebe um investimento milionário com o projeto Moinho Recife Business & Life⁴, empreendimento estimado no valor de R\$ 80 milhões. Nessa mesma comunidade/favela pessoas foram retiradas das suas casas para que pudessem ser construídos prédios populares, organizando seu entorno para abrigar os avanços arquitetônicos e tecnológicos da cidade. Esse projeto se prolonga e muitas famílias que precisaram sair da comunidade recebem ajuda de custo da prefeitura para pagar um aluguel, onde o valor inicial era de R\$ 200 reais e atualmente é R\$ 400 reais. Agora em 2022 o projeto foi paralisado mais uma vez, porque nas escavações pesquisadores encontraram vestígios arqueológicos com mais de 150 mil vestígios que variam dos séculos 17 a 19⁵. Assim, a obra de construção dessas habitações vai atrasar ainda mais. Ao dançar o solo daquela comunidade, movia esse morrer-viver, num pulsar de resistência que é parte do ser humano, um enfrentamento que alguns conseguem e outros não; sentia pela primeira vez o quão vulneráveis somos diante de um país de tantas desigualdades. Onde os poderes parecem nunca entender que precisa haver uma inversão de oportunidade e

⁴ Disponível em: <https://www.terramagazine.com.br/antigo-predio-do-moinho-recife-vai-renascer-em-empreendimento-de-r-80-milhoes/>. Acesso em: 9 set. 2022.

⁵ Disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/jc-com-descoberta-arqueol%C3%B3gica-projeto-do-atrasado-habitacional-do-pilar-no-bairro-do-recife>. Acesso em: 9 set. 2022.

que essa qualidade de se reinventar atravessando os obstáculos é de fato uma expressão de uma camada da sociedade rica de saberes e conhecimentos humanos que precisam ser impulsionados com investimentos reais e constantes.

Estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não os países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado participe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único (SANTOS, 2000, p. 8).

Nesse mesmo ano, quando nos roubaram os sonhos, saíamos de Pernambuco para montar *Pontilhados* em Porto Alegre e São Paulo, com apoio do edital Rumos Itaú. Agora percebo que o atalho se deu de forma natural, conseguimos aprovar pela primeira vez o edital mais concorrido do país. Foi fundamental naquele momento, para nós, poder criar e respirar nosso país e suas vulnerabilidades, quando também tínhamos acabado de perder nosso chão. *Pontilhados* nasceu de uma grande inspiração feminina chamada Dora, uma senhora amiga que faleceu solitariamente em sua casa no mesmo bairro-ilha que também habitamos por 18 anos... uma antiga meretriz que já tinha participado de outra obra nossa, *Lúmen*, na qual ela atuava. Silvia Góes (atriz e dramaturga da obra) se vestiu de Dora e viajou com o grupo por algumas cidades do Brasil (bairros do Recife Antigo e Pátio de São Pedro, Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Garanhuns). Na cidade de São Paulo, a terra da garoa, apresentamos a obra por três dias, enfrentamos um chão molhado, de lama, escorregadio, o céu parecia entender que iríamos passear pelas ruas da cidade antiga, e se estivesse chovendo não poderíamos apresentar. Nessa curta temporada, o céu sempre parava de molhar a rua para que pudéssemos pontilhar a cidade.

Dançar e intervir na cidade de São Paulo foi, sem dúvida, uma outra possibilidade de se mover em meio a uma cidade molhada, onde a chuva parece reunir a terra e o xixi humano em poças d'água. A força de um coletivo decidiu enfrentar os riscos. "Descemos até a rua, fomos arruar, descobri a história daquele outro lugar que somos juntos", como escreve Silvia Góes para *Pontilhados*. Deitamos no chão, corremos na lama e os artistas que normalmente são vistos como um lugar intocável, estavam ali misturados com as gentes humanas que deveríamos ser todos. Convivemos e dividimos a Praça da Sé com as pessoas em situação de rua, que a

sociedade tenta aliviar a responsabilidade colocando nomes menos cruéis, como sempre conhecemos, moradores de rua. Sim, ao dividir o mesmo teto com esses invisíveis, vulneráveis, miseráveis, pude perceber o quanto de crueldade existe no mundo. Ali pude sentir o impacto de acabar nossa temporada e ter o privilégio de assistir um dia após a nossa apresentação nas ruas, o trabalho de Pina Bausch no Teatro Alfa, num grande encontro da alta sociedade de São Paulo e do Brasil para assistir ao impecável *Nefés*. Quantas reflexões me vieram à mente, somos vulneráveis sempre; no meu caso, voltaria para minha cidade no dia seguinte sem perspectivas de trabalho, sem teto para minha arte. Sim, os editais são ações pontuais, com um ciclo que sempre se fecha, onde iria buscar coragem de continuar persistindo nessa lógica insana de tentar sobreviver de editais?

Pontilhados é uma obra de intervenção urbana que tem o nome: *Pontilhados — intervenções humanas em ambientes urbanos*. Aqui, no mestrado profissional de dança, no PRODAN (UFBA), a pesquisa ganha o título: *Pontilhados — dançando experiências humanas em mundos desumanos*.

Reflexões possíveis

É bem verdade que minha dança era experimental também nos arranjos de grupos diversos que foram se aproximando das minhas aulas, onde pessoas de vários lugares da cidade vinham experimentar... Uma dança acessível que por muitos momentos atendia pessoas que não tinham como pagar uma mensalidade, recebendo isenção das mensalidades. Para poder realizar em muitos casos o sonho de dançar e aprender uma técnica, mesmo sendo minha única remuneração, nunca consegui negar uma bolsa. Só a partir do ano de 2004 criei nosso primeiro projeto social *Núcleo de Formação em Dança*, que atendeu, em 10 anos de projeto, mais de 600 jovens na cidade do Recife e região metropolitana; pude assim me aproximar de outras realidades e, a partir daquele momento, decidi e escolhi democratizar a nossa dança. Muitos desses jovens se tornaram artistas e passaram pelo *Grupo*, numa convivência diária, com criações artísticas, viagens nacionais e internacionais, sorrisos, lágrimas, fraturas nas relações, mas não poderíamos ser diferentes neste mundo ao qual pertencemos. Existem muitos estudos sobre as relações, pesquisas etnográficas em que penso essa casa-lar-arte, que se transformou numa família, onde o maior

aprendizado que ficou, especialmente para mim, foi o meu próprio reconhecimento pessoal, num grande exercício de alteridade. Essa experiência foi me corpando, e continuo nesse movimento de me encontrar ou de possivelmente me perder para nunca parar de procurar por algo que preciso melhorar dentro de mim e para fora de mim.

Não posso deixar de falar do contexto que vivo e que preciso observar para absorver, o que diariamente aparece diante do meu olhar, acionando e provocando meu dançar nas questões sociais no lugar da máxima precariedade humana, e isso é o que pauta meu trabalho. Como posso esquecer? Vivo no Nordeste, num estado e numa cidade onde a nossa arte é expulsa o tempo todo dos territórios. Minha história é só mais uma nesse Nordeste de esquecidos, mesmo composto por tantes artistas incríveis. No caso da dança, esse mover de uma vida dançada desde sempre nas comunidades, nas ruas, nas festas, na veia, no sague nordestino onde as precariedades são vistas como belas, onde a resistência é admirada pelos pesquisadores, levada para os livros e divulgada para o mundo. Nunca irei chegar a uma conclusão dessas inquietações latentes, que hoje consigo transbordar a partir da minha dança, movida agora nessa escrita performativa. Me pergunto todos os dias: como a minha realidade e a de tantas e tantos artistas poderá interessar a alguém? Vivemos num lado do país onde parece não existir inteligência e valorização, onde a mão de obra independente dos lugares onde elas serão absorvidas, muitas vezes precisam ser importadas, um povo cercado de preconceito num Brasil de histórias desiguais. Às vezes nos conhecem, sabem do nosso trabalho por aqui, mas não passa disso. Vivemos nessa invisibilidade, eu e a maioria dos artistas. Diante de realidades tão cruéis que venho sentindo diretamente, onde temos um sistema que sequestra nossos sonhos e desejos, trago Greiner de volta para finalizar esta conversa: “Neste estado de extrema precariedade, percebe-se que não se trata apenas da vulnerabilidade de um lugar ou de um corpo específico, mas da vulnerabilidade ou esgotamento como questão acionadora do corpo que dança, ou seja, de um movimento como resistência e proposição” (GREINER, 2011, p. 4). Ainda não sei ao certo, provavelmente me encontre nesse lugar de interesse por uma dança que é real do meu país e das pessoas com quem convivo, que conheci, acompanhei, vi mudar

de vida, ser artista e ter sua dignidade garantida. Mas também ver os que desistiram do seu dançar.

Pode ser que as próximas gerações não consigam mais exercitar o convívio na proporção que muitos grupos artísticos se propuseram durante tantas décadas, assim como a história do Grupo Experimental, da Cia. Compassos de Danças e do Coletivo Lugar Comum, que como nós permanece na lida de não deixar morrer uma dança, mesmo que sem chão, teto, abrigo, casa, espaço... E do quanto é importante os territórios nas nossas feitura de vida e arte.

Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza partir das manifestações da sua existência (SANTOS, 2007, p. 12).

Enquanto o corpo permanecer vivo a gente continua dançando, mesmo que para alguns possa parecer estarmos mortos, dancemos para os que quiserem nos ver ou para nós mesmos!

Mônica Lira

UFBA

monliratin@gmail.com

Coreógrafa e bailarina. Diretora do Grupo Experimental (Recife). Pós-graduada em Gestão e Produção Cultural na Fafire (PE), Especialização em Estudos Contemporâneos em Dança (UFBA), Mestra em Dança pelo Programa de Pós-graduação Profissional de Dança (PRODAN — UFBA).

Referências:

FALBO, Conrado. **Comum singular**: 10 anos de Coletivo Lugar Comum. Recife: Titivillus, 2019.

GREINER, Christine. A vulnerabilidade como ativadora da criação. **Revista de Antropologia da USP**, São Paulo, v. 54, n. 2, 2011.

JUNIOR, Ireno. **Vulnerabilidade**: um jeito de fazer dança. Dissertação (Mestrado em Dança). Bahia: UFBA, 2013.

SANTOS, Milton. **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

PONTILHADA POR ELAS

Mônica Lira

MULHERES que me atravessaram/transformaram e juntas comigo pontilharam alguns dos meus percursos com dança, nos encontros nas ruas do bairro/ilha, nos palcos e nas experiências com PONTILHADOS

DORA

conheci DORA nas calçadas no bairro do Recife antigo, uma senhora e antiga MERETRIX que tomava conta dos carros pra ganhar algum trocado

diariamente nos encontrávamos, entre conversas e boas risadas a convidei para participar de um vídeo que iria compor uma das cenas do nosso novo trabalho chamado LÚMEN (2003), ela topou e fomos até sua casa que ficava em frente a nossa sede no mesmo bairro/ilha

falar sobre o AMOR diante de tantas fragilidades e abandono, possivelmente seria doloroso
ELA teve um casal de filhos, a filha MULHER vivia num manicômio e o filho homem também apresentava distúrbios mentais e tomava remédio controlado

ELA vivia só numa pensão velha, um desses tantos prédios abandonados pelo bairro lá ELA nos recebeu para conversar e falar sobre: o AMOR é...

naquele dia DORA estava com o cabelo cheio de tinta

enquanto contava as tantas histórias que viveu, a tinta escorria pela lateral do seu rosto, como escorriam da sua boca as recordações de um único homem que ela amou (um marinheiro americano) assim ela nos contou:

"... e eu me apaixonei por ele tá entendendo? tinha muita amizade a ele por causa disso ele era muito bom pra mim e eu também era pra ele também a gente era igual eu e ele não não quis mais homem nenhum mais não não eu só amava só gostava dele mermo que me deu dinheiro pra comprar minha casa né não vou negar foi ele que me deu dinheiro pra comprar minha casa eu não vou negar pronto hoje em dia é caxão e vela preta agora eu fui a falença no money, no house, i'm hungry (sorrisos) eu fui a falença..."

o vídeo final apresentava um mosaico de depoimentos e pessoas diversas, mas o depoimento de DORA me arrebatou de tal maneira que ela virou protagonista, além do vídeo a convidei para entrar em cena

com exagerado de cazuza interpretada por Arnaldo Antunes DORA entrava num vestido vermelho, rosa vermelha no cabelo, uma dentadura nova e muitos sorrisos, numa coreografia feita por ela em que distribuía corações vermelhos pelo chão enquanto os bailarinos dançavam

a cena se tornou dela e assim vivemos muitas experiências juntas e com o grupo experimental, apresentações, viagens e uma amizade foi se fortalecendo sempre regada de muita alegria, boas risadas, suas contações de histórias e experiências sexuais com seus clientes

alguns poucos anos se passaram e num determinado dia fui convocada pela polícia para entrar no quarto de DORA e fazer o reconhecimento do corpo um infarto fulminante a levou de nós

---S---I---L---Ê---N---C---I---O---

continuamos realizando algumas apresentações de LÚMEN sem ELA e o seu SORRISO

não tínhamos mais o SORRISO, porém sua presença parecia permanecer entre nós: nas esquinas, ruas, becos e calçadas do nosso bairro

e sempre chegava a mim os seus pedidos, como rezar uma missa



DORA, TEREZA, DAS NEVES, MADONNA DOS CACHORROS

ainda sigo dançando com ela ao meu lado

DORA também nos apresentou outras amigas MERETRIZES, como TEREZA, DAS NEVES e MADONNA, que também tiveram seus amores e como DORA seguiam no bairro cuidando dos carros para ganhar algum trocado quando já não podiam trabalhar

falas de tantas outras que viveram para satisfazer e proporcionar prazeres aos homens

as paixões também chegavam fortemente e enlouquecidamente para ELAS

um AMOR desmedido e regado de muito abandono e desprezo

DAS NEVES também era nossa vizinha e vivia na esquina da nossa rua, sentada numa cadeira e com as pernas descansando em cima de um tamborete para olhar os carros que chegavam

TEREZA não morava mais no bairro, vivia longe, mesmo assim permanecia e voltava ao bairro nas missas e casamentos aos finais de semanas

para também tomar conta dos carros granfinos

pareciaM que ELAS não conseguiam abandonar um lugar cheio de memórias, chão de uma vida inteira

DAS NEVES também morre logo depois de DORA e TEREZA não retorna mais pro bairro aos finais de semana

aos poucos aquele lugar e suas ruas iam sendo habitadas por outros corpos e corpas, não mais encontrarmos aquelas MULHERES que dançaram, amaram, beberam, choraram, sorriram numa época de glamour

noites de embriaguez e delírios outros habitam por ali agora...

MADONNA DOS CACHORROS também meretriz do bairro, tida como louca, mas sã no quesito do AMOR por seus cachorros

morava com eles nas calçadas do bairro/ilha, onde comiam, dormiam e andavam juntos

MADONNA também se foi de forma precoce, deixou de alegrar as ruas do recife antigo com suas danças pela madrugada a dentro, suas cantorias em inglês e as que ela mesmo compunha

a loucura presenteada de muita alegria e embriaguez deixa saudade no bairro



DORA, TEREZA, DAS NEVES, LILIA, SILVIA GÓES, MADONNA DOS CACHORROS, MARIA DEGOLADA, CHEIROSA

as MULHERES sempre atravessaram a minha vida de forma muito forte, talvez por ser filha de uma guerreira (DONA LILIA), costureira, que me trouxe ao mundo em 1964 numa ilha comandada por militares e como era a única parteira do lugar pariu sozinha, uma hemorragia quase a levou de mim

somos sobreviventes nas nossas ilhas

ILHADAS por tantas águas e tantas outras MULHERES a arte da minha dança sempre esteve acompanhada de um feminino forte protagonistas de suas próprias atitudes, escolhas, loucuras, alegrias e tristezas

escrevo dançando um pouco dELAS que habitam em mim numa partitura de movimentos e poesias comportadas e não comportadas

em 2016 iniciei um passeio dançado pelo território do recife antigo por onde andei por mais de duas décadas e ocupei três dos prédios que abrigaram nossos dançares e sonhos

um passeio conduzido por fones de ouvidos, onde o público escuta histórias, músicas, poesias, depoimentos e uma narrativa composta por uma dramaturgia escrita por ELA (SILVIA GOES) em algumas das minhas obras o feminino sempre esteve fortemente representado, em PONTILHADOS trouxemos para esse passeio dançado todas ELAS carregadas de suas vulnerabilidades invisíveis, DORA me acompanha outra vez como protagonista

quando nos aproximamos de algo ou alguém pode ser que num primeiro momento não percebamos como esses encontros ficam guardados colecionei todas ELAS num imaginário que nem eu mesma sabia, esses momentos pra mim enquanto artista, vem pro mundo em forma de dança e poesia

um dia DORA me confessou ao guardar os carros num dia de casamento, quando a alta sociedade do recife ocupava as ruas da ilha e desfilava suas ostentações com seus carros e figurinos luxuosos, ELA falou:

"ah dona mônica, quando vejo uma noiva esperando pra entrar nessa igreja (madre de deus), fico sonhando de como eu gostaria de poder um dia casar vestida de noiva e ter minha família..."

essa frase ficou guardada em uma das gavetas das minhas memórias e numa criação intuitiva como muitas das que concebi, coloquei uma noiva/prostituta iniciando o percurso de PONTILHADOS

"...recife ilha sobre as águas pelo homem erguida em pedras e sonhos abaixo dos teus pés além do que não é tudo é líquido e passa..."

DORA se fez presente na obra e com ela trouxe sua história de AMOR
uma MULHER um marinheiro
abandonada no porto da
cidade ele se foi pra nunca
mais voltar

no decorrer do passeio/dança outras dELAS surgem algumas contam com sua própria voz as experiências dos seus amores:

"... eu caí do segundo andar aconteceu o que aconteceu aí eu me joguei aí me socorreram botaram eu num carro levaram pro hospital... oia eu não morri porque não era minha hora..."

TEREZA que narra ao público o dia que tentou suicídio pulando do chantecler, onde quis morrer por AMOR, mas não conseguiu...

dançamos naquela faixa, em frente ao prédio a música do AMOR de TEREZA

quem teria conhecido a sua história

possivelmente os jornais da época noticiaram a tentativa de suicídio, enquanto isso os tapuros saíam da ferida que se formou em sua cabeça

continuou viva para nunca mais ver o seu AMOR, não sabemos mais de TEREZA, não sabemos mais de TEREZA

na mesma rua marquês de olinda outro corpo surge no meio do passeio/calçada onde cochicha aos ouvidos a voz da MADONNA DOS CACHORROS cantando um corpo ao longe parado, aguarda o público convocando a todos para acompanhá-la

um sentimento talvez, um olhar fixo interrogativo, provocativo, desafiador... sabe-se lá que fome conhecemos? que abandono vivenciamos? que desamor praticamos? MADONNA nos ensinou o amor pelos bichos, podemos aprender sempre

o AMOR não tem endereço nem calçada certa

quantas destruições cabem numa obra como PONTILHADOS não deveríamos apenas construir?

reverenciar essas MULHERES esquecidas, ignoradas, completamente invisíveis diante do olhar de tantos humanos

a obra passou por duas outras cidades (porto alegre e são paulo), levamos junto nossas MULHERES e encontramos com MARIA DEGOLADA e outras anônimas mas com a mesma importância

já estávamos em 2018

ainda em são paulo DORA me mandou um recado: *"fala pra ela, que ela esqueceu de mim"*

logo lembrei da nossa primeira dança em LÚMEN, agora a dama de vermelho volta para ocupar uma encruzilhada toda vestida de vermelho, sendo com um

vêu cobrindo seu rosto e em volta dos casais dançantes distribuía seus corações pelo centro histórico de são paulo numa zona antiga de prostituição

voltamos pro recife e em 2019 DORA ocupa a rua da guia com a mesma dama de vermelho

de todas que se foram CHEIROSA (assim chamada) foi a única que em vida nos acompanhou e acompanha

uma parceria permanente com PONTILHADOS em recife

ocupamos um pedaço de sua casa com nossas danças

no primeiro momento nos recebeu de forma rude e agressiva até cocô fez num trecho onde nos deitávamos para dançar no chão

mas nada como o diálogo atenção escuta e AMOR

esse mesmo chão seria lavado por ELA mesma em outras ocasiões

agora nós cuidamos uma da outra, dançamos juntas

e um de seus cachorros fazia participação especial e recebia cachê CHEIROSA trazia o seu AMOR e cedia para nossa MADONNA dançada por GARDÊNIA

e assim seguimos nossa ciranda feminina mesmo com quem já não passeia por essas ruas

"... ruas que nunca desuendaremos inteiras mesmo se estivessem nuas..."

e por falar em MULHERES termino essa escrita num grande coro das artistas que dançaram/dançam pontilharam/pontilham memórias de um tempo de ontem mas do agora também, pedimos licença ao elenco para que ecoam os gritos das MULHERES que passeiam nesse tempo de agora:

ANNE COSTA, GARDÊNIA COLETO, JOELMA ANDRADE, JENNYFER CALDAS, LILLI ROCHA, MARCELA RABELO, MARIA AGRELLI, NATALY ARAÚJO, PRISCILA ARAÚJO, PAULA CAAL, REBECA GONDIM, RAFAELLA TRINDADE, SILVIA GÔES

pelas outras MULHERES companheiras que passeiam em ruas que ainda iremos desnudar:

DORA PRESENTE, DAS NEVES PRESENTE, TEREZA PRESENTE, MADONNA PRESENTE

